

Andreia Laís Cantelli  
Sayonara Nogueira  
(orgs.)

**MEMÓRIAS E  
NARRATIVAS DAS  
PROFESSORAS  
TRAVESTIS,  
MULHERES TRANS E  
HOMENS TRANS NA  
EDUCAÇÃO**

**IBTE**

Instituto Brasileiro Trans de Educação  
[observatoriotrans.org](http://observatoriotrans.org)  
Brasil - 2018

**ANDREIA LAÍS CANTELLI  
SAYONARA NAIDER BONFIM NOGUEIRA (orgs.)**

**MEMÓRIAS E NARRATIVAS DAS  
PROFESSORAS TRAVESTIS,  
MULHERES TRANS E HOMENS TRANS  
NA EDUCAÇÃO**



**Instituto Brasileiro Trans de Educação**

**Copyright 2018 por Andreia Laís Cantelli e Sayonara Naidier Bonfim Nogueira  
Permitida a reprodução total ou parcial desta publicação desde que citadas às fontes.**

**IBTE – Instituto Brasileiro Trans de Educação  
observatoriotrans.org**

**2018**

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>03</b>
<b>O PERFIL DAS/OS PROFESSORES/AS TRANS NO BRASIL.....</b>	<b>05</b>
<b>NARRATIVAS.....</b>	<b>21</b>
Minha trajetória... – Vânia Gomes.....	21
Da exclusão dada pela sociedade, à inclusão conquistada pela perseverança – Rebecka de França.....	24
Vivência transmasculina na hostilidade dos ambientes escolar e acadêmico – Luiz Fernando Prado Uchoa.....	27
Sabores e Dissabores da Vida Profissional – Paula Beatriz de Souza Cruz.....	31
(Re) lembranças de minha Educação Básica – Catarina de Cássia Moreira.....	35
Educação: Arte, Resistência e Transidentidade - Owerbyson Woff.....	38
Eu sou professora. Travesti, e professora - Lua Lamberti de Abreu.....	42
Trajetoória e história de vida de professoras em Rondônia: visibilidade e pedagogia trans - Kary Jean Falcão.....	44
Resgate da memória de um transhomem na licenciatura - Ariel Matos Coelho.....	50
Quem Sou... - Daniela Cardozo Mourão.....	53
Música, uma porta para a diversidade - Julia Jorge de Oliveira.....	59
Travesti: fragilidade no ensino - Sara Wagner Pimenta Gonçalves Júnior.....	62
Narrativas e experiência da educação sexual nas aulas de Arte – Fernanda Ribeiro.....	67
Experiencia Argentina - Claudia Vásquez Haro.....	74
Experiencia de Uruguay - Alejandra Collette Spinetti Núñez.....	79
A Pedagogia do Salto Alto – Marina Reidel.....	82
A transfobia institucional – Sayonara Naidier Bonfim Nogueira.....	86
Memorial (Trans)Narrativo: Memórias e experiências de uma criança Trans no início do seu processo de escolarização – Andreia Lais Cantelli.....	93
<b>A LAGARTA E A BORBOLETA (METAMORFOSE).....</b>	<b>96</b>
<b>ORGANIZADORAS.....</b>	<b>97</b>

## APRESENTAÇÃO

No cenário educacional brasileiro, professoras e professores transexuais são cada vez mais visíveis. Ainda que estabeleçam uma minoria em termos numéricos, originam para o debate na educação, diversas questões polêmicas, sobretudo por conta da curiosidade que instauram e do impacto nos modos de relação profissional no ambiente escolar. Estxs profissionais se distribuem por praticamente todos os estados do Brasil, capitais, cidades médias e muitas delas em cidades pequenas pelo interior. A maior parte está em efetivo exercício em sala de aula e outrxs exercem funções em secretarias de educação, e outras são supervisoras, orientadoras educacionais, bibliotecárias e diretoras de escola.

A constituição da identidade de gênero e os direitos das pessoas transexuais são atravessadas por preconceitos provocados pela cultura e costumes de uma determinada sociedade. Portanto, ao contemplar a pessoa transexual enquanto professorx, muitas vezes é se deparar com um estereótipo cheio de nuances, pois a sociedade heterocisnormativa habituou-se com a binaridade homem/mulher, heterossexual/homossexual, concebendo a transexualidade como algo anormal.

Percebemos nessas histórias de vida que o ambiente escolar ainda observa as travestilidades e as transexualidades com uma visão muito limitada e não conseguem perceber que existe uma diversidade dentro da sexualidade, que envolve às identidades de gênero e suas performances.

Utilizamos como ilustração desse Memorial a Borboleta que nos remete a metamorfose, ao processo de transformação e transição. Aprendemos nas escolas e com os nossos pais que a borboleta vem da lagarta. A lagarta depois de passar por diversas fases de transformação, passa pela etapa da crisálida, pela clausura em seu casulo até levantar o voo em forma de borboleta. E assim, são muitxs de nós, passamos por uma metamorfose até materializarmos nossa identidade de gênero e nesse processo muitas vezes somos crisálidas, o princípio de transformação e aurora de existência, nem homem e nem mulher.



O MEMORIAL - Memórias e narrativas das professoras travestis, mulheres e homens transexuais do Brasil: um marco de visibilidade na educação conta histórias e narrativas de professoras travestis, mulheres e homens transexuais. E que ele seja um instrumento de encorajamento para tantas crisálidas que ainda se encontram nas salas de aula.

Marina Reidel um dia escreveu que educadoras travestis e transexuais na escola

pública brasileira, não são tias, nem mães ou professoras, mas sim adultos de referência. Que estas experiências aqui narradas, tornem-se vivências de situações que nos marcam, que nos passam e nos transformam, pois aprendemos com as experiências e nos transformamos com elas.



Essa foto foi feita durante minha transição no ambiente escolar, ainda me apresentava como uma crisálida, e na época eu tinha dois Orkuts, um que me apresentava como PROFESSOR e outro que me apresentava como SAYONARA. Um aluno do 3º ano do Ensino Médio descobriu meu perfil, salvou essa foto e me devolveu com as asas, pois disse que eu estava passando por uma mutação.

**Sayonara Nogueira**



**Instituto Brasileiro Trans de Educação**



## **O PERFIL DAS/OS PROFESSORES/AS TRANS NO BRASIL**

“Censo Trans Educação Brasil”

Período de pesquisa: 01/11/2017 até 31/12/2017

Produzido pelo Instituto Brasileiro Trans de Educação – IBTE

Texto produzido por Andreia Laís Cantelli e gráficos por Sayonara Nogueira

O Instituto Brasileiro Trans de Educação - IBTE mobilizou a população de travestis, mulheres e homens transexuais do Brasil que atuam na docência, na pesquisa e nos processos educacionais para que participassem do censo, sendo essa uma pesquisa pioneira no Brasil o “Censo trans educação Brasil”, temos por objetivo conhecer professoras/es, pesquisadoras/es e estudantes de licenciaturas travestis, mulheres e homens transexuais, que atuam nos mais diversos processos educacionais do nosso país.

O Censo se justifica a partir de diversas demandas: saber quantas/os somos no Brasil, quem somos, onde estamos, quais são as nossas demandas, obstáculos, anseios, para que possamos criar um mecanismo permeado por conhecimentos, subsídios e apoios numa época em que se discute a imposição de retrocessos na educação como a Escola sem Partido e a retirada de nossa cidadania, enquanto sujeitos de Direitos e ainda os retrocesso nos planos brasileiros de educação.

Essa pesquisa de caráter inédito nos ajuda a entender quais são os caminhos que traçamos dentro dos processos educacionais, quais as estratégias de escape do binarismo de gênero (transfobia) utilizamos para permanecer na educação, e ainda podermos tecer uma trama de conhecimentos correlatos, quais possam nos subsidiar na criação de estratégias e de discussão para proposição de políticas públicas que tangem as vidas trans na docência e nos processos educacionais no Brasil.

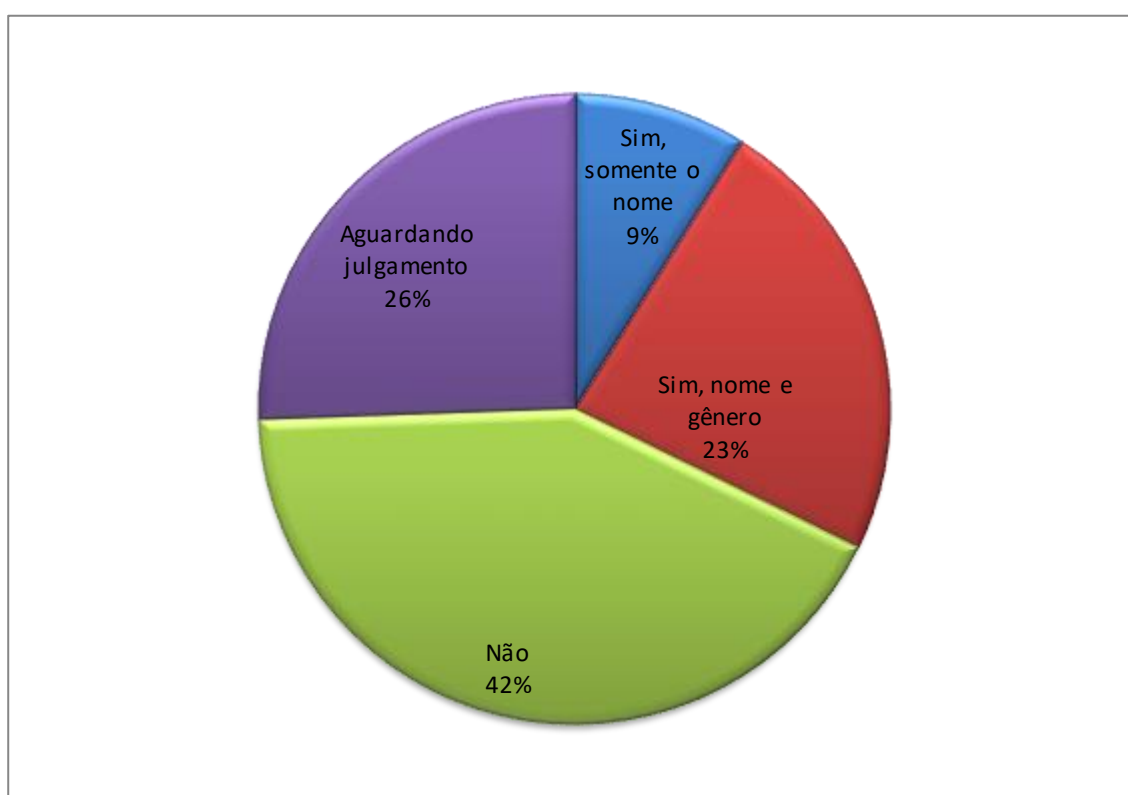
Na pesquisa, que teve vigência de dois meses, do período de 01/11/2017 até 31/12/2017 e foi realizada por formulário eletrônico, mobilizamos pessoas travestis, mulheres e homens transexuais que estão na classe das licenciaturas, da docência e da pesquisa em educação, a fim de que possamos ter uma maior comunicação para criação de políticas públicas, produção de conhecimento e também monitorarmos a violência e a transfobia nos processos educacionais brasileiros. Durante o período que a pesquisa ficou no ar, fizemos ampla divulgação nas redes sociais, nas mídias on-line e também na página institucional.

O alcance da pesquisa foi de 90 profissionais, que atuam em algum ramo dos processos de ensino aprendizagem no Brasil. Percebemos então que existe um número considerável de pessoas trans que atuam na educação, porém acreditamos que esse número possa ser bem maior, uma vez que a maioria das pessoas que responderam o censo, denunciaram assédio, violência e transfobia, dessa forma, muitas pessoas travestis, mulheres e homens transexuais que atuam na educação ou na pesquisa escondem suas identidades de gênero ou em caracteres andrógenos ou em possibilidades de vida delimitadas per características cisgêneras.

Ambas as influências, tanto a androgenia, quando possibilidades cisgêneras, estão reguladas pela heterossexualidade compulsória, que para a sociedade ocidental, a partir do século XIX, torna-se um regime de produção da verdade sobre as pessoas, seria uma espécie de construção de todas as relações, de classe, de trabalho, de formação acadêmica, ou seja, é um regime regulador, e os corpos, no caso o das pessoas trans, que estão fora desse regime, tornam-se automaticamente excluídos, passíveis de negação de quaisquer direito jurídico, isto é, abjetos.

A primeira pergunta do censo refere-se se a pessoa já tinha o nome e gênero retificado nos documentos oficiais, onde 42% responderam não, 26% estava aguardando julgamento, 23% disseram que retificaram nome e gênero e 9% somente o nome.

**Gráfico 1 – Documentos retificados**



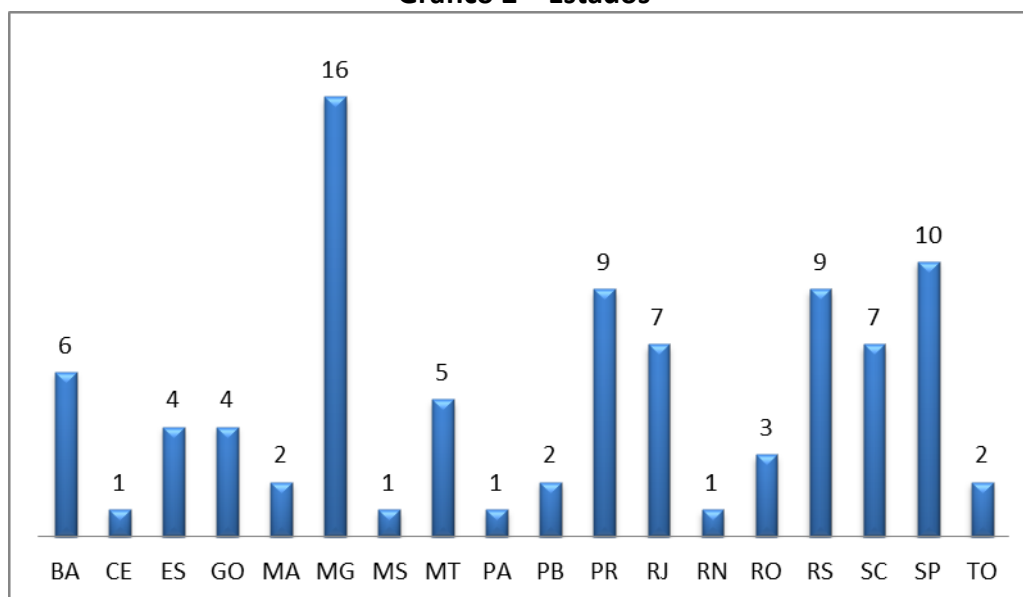
Fonte: IBTE

Para a população de travestis, mulheres e homens transexuais, o nome é uma das formas de reconhecimento de suas identidades, isto é, o nome é um direito tão fundamental quando o direito de viver, porém, no Brasil, esse direito é negado para as pessoas trans, que se reconhecem com um gênero diferente do que foi dado ao nascer. O nome é um direito que pode dar acesso ao processo formal de ensino aprendizagem, ao mercado de trabalho, e toda a vida cotidiana, acadêmica e profissional das pessoas, porém para as pessoas trans, é um dos primeiros direitos que lhes é tirado, por isso, não é raro que uma pessoa trans queira retificar seu nome, gênero e sexo em seus documentos, o que de alguma forma lhes trará uma dignidade maior, pois haverá uma identificação maior entre nome, parâmetros

legislativos e sociais com o gênero para si construído. A não aceitação do nome social ou civil (seja retificado ou não) é considerada violência, portanto é transfobia.

A segunda questão buscou conhecer a origem desses profissionais, no gráfico abaixo o “censo Trans educação” nos mostra onde residem no Brasil as professoras, professores e pesquisadoras/es trans, vale ressaltar que a pesquisa localizou 90 profissionais da educação que se identificam como travestis, mulheres e homens transexuais. A pesquisa ficou disponível entre 01/11/2017 e 31/12/2017, e foi amplamente divulgada.

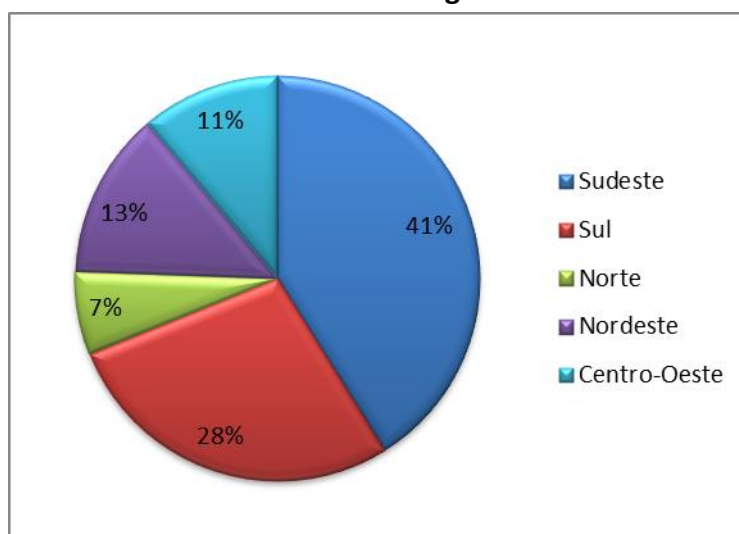
**Gráfico 2 – Estados**



Fonte: IBTE

Em relação à região que de maior concentração de professoras travestis, mulheres e homens transexuais é a Sudeste, e a de menor concentração é o Norte.

**Gráfico 3 – Região**

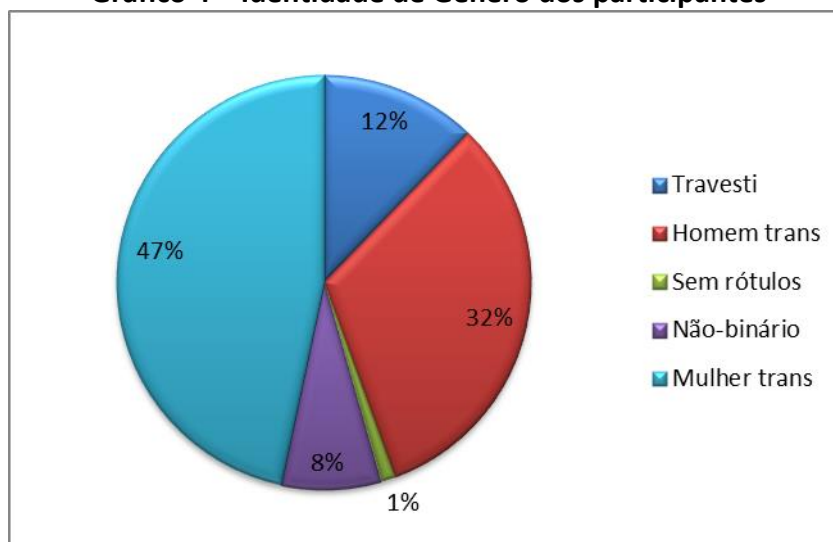


Fonte: IBTE



Sobre a identidade de gênero dos participantes, percebemos que é um processo de auto identificação, onde cada participante se declarou/identificou a partir de identidades de gênero que correspondem aos modelos sugeridos pelos movimentos sociais no segmento de travestis, mulheres e homens transexuais do Brasil.

**Gráfico 4 – Identidade de Gênero dos participantes**

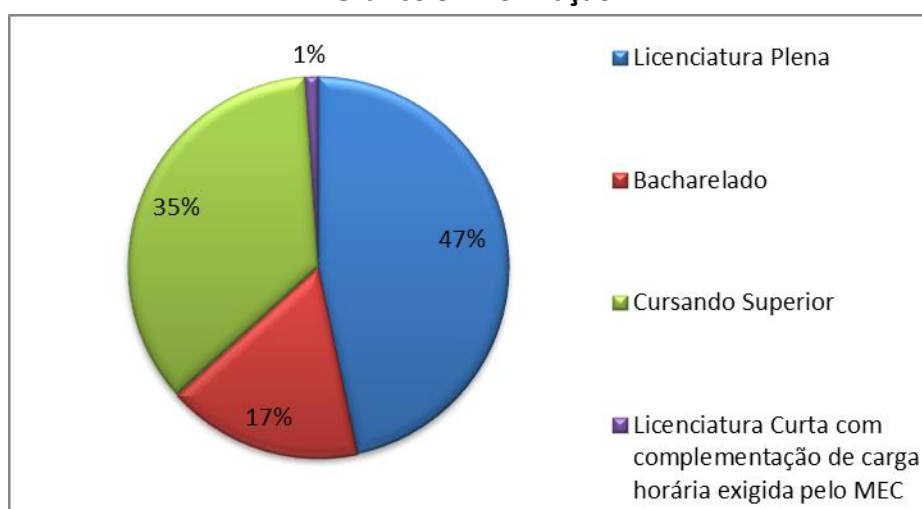


Fonte: IBTE

Tivemos 06 mulheres trans responderam que se identificam como mulheres cisgêneras, mas não explicaram o motivo. Mas pelos moldes da pesquisa, podemos perceber que essa atitude é devido aos fatores modulados pela heterossexualidade compulsória, o que de certa forma, o ato de não assumir a identidade de gênero é uma tentativa de fugir da discriminação e da transfobia.

No gráfico abaixo, demonstramos a formação desses profissionais.

**Gráfico 5 – Formação**



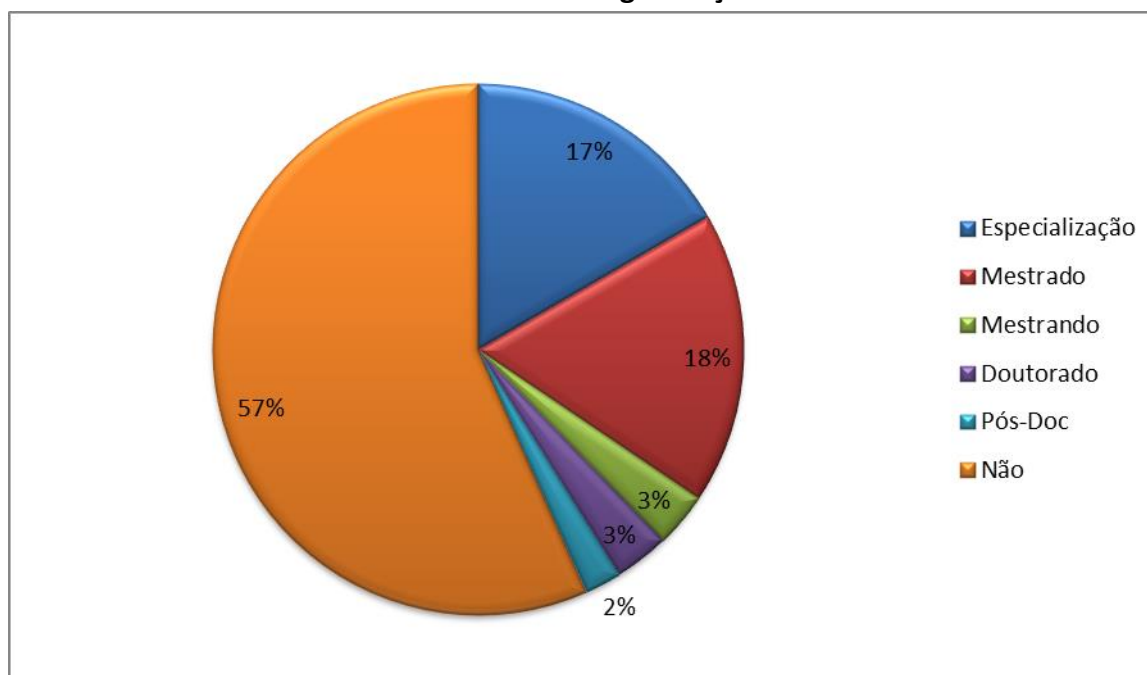
Fonte: IBTE

Quadro 1 – Área de formação

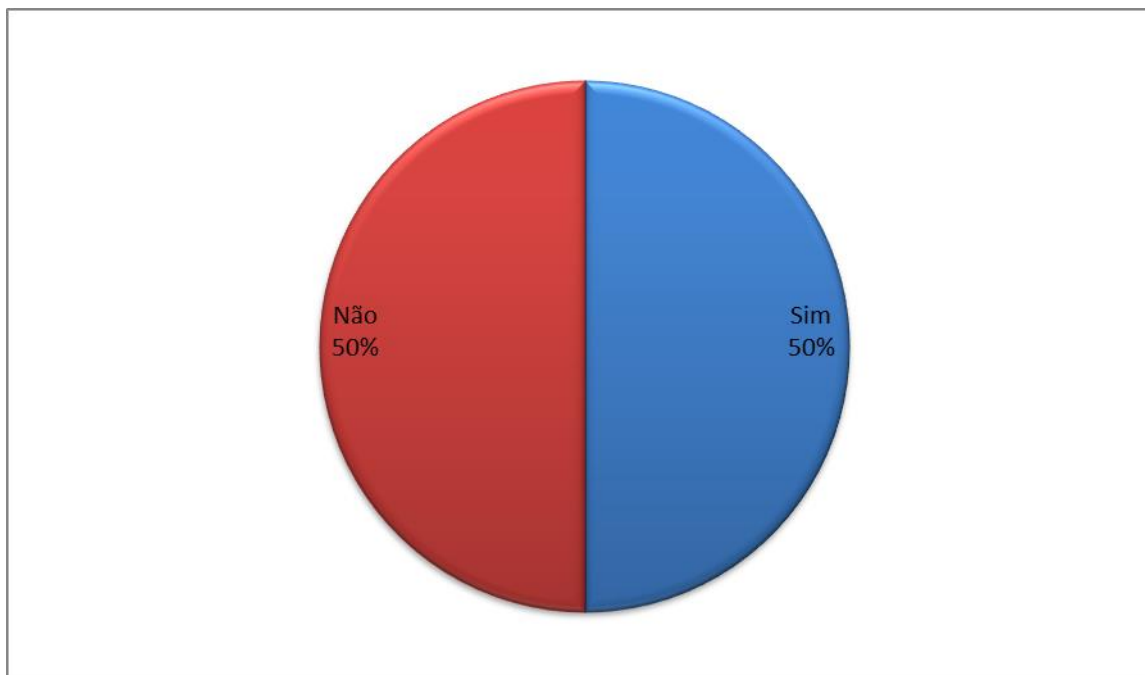
FORMAÇÃO	Número de respondentes
Artes	11
Biologia	05
Ciências Políticas	02
Designer de moda	02
Direito	03
Educação Física	04
Engenharia	03
Farmácia	01
Física	02
Geografia	03
História	07
Filosofia	05
Letras	16
Magistério	02
Medicina veterinária	02
Não responderam	01
Normal Superior	02
Pedagogia	14
Psicologia	01
Serviço Social	02
Sociologia	01
Turismo	01
<b>Total</b>	<b>90</b>

Fonte: IBTE

Gráfico 6 – Pós-graduação



Fonte: IBTE

**Gráfico 7 – Inserção no mercado de trabalho na área de formação**

Fonte: IBTE

O Censo Trans Educação também abriu espaço para que as/os participantes pudessem relatar algumas das suas principais experiências durante suas formações e também os motivos pelos quais ainda não conseguiram entrar no mercado de trabalho. Ao desenvolver a análise, notamos que as histórias são diferentes, porém demonstram características em comum, e das mais relevantes, destacamos a violência e a transfobia como fatores de exclusão e negação de direitos relativos à vida acadêmica e ao mercado de trabalho.

*“Quando eu dava aula, isso há 10 anos, me escondia com características andrógenas, pois, as escolas já mostravam intolerância e preconceito. Chegou o momento há dois anos que minha angústia ganhou uma potência tão enorme que tive que escolher, me suicidar ou lutar pela minha plenitude física e cível como mulher. Então, escolhi lutar, nunca fui concursada, dependia de meus pais para conseguir sobreviver, mas quando me afirmei como mulher eles me expulsaram de casa. As escolas que eu dava aula queriam que eu continuasse usando roupas masculinas, mesmo eu já em tratamento hormonal e já utilizando o nome social na época. Dessas escolas apenas uma tenho ainda vínculo em carteira, pois, a outra escola simplesmente me dispensou. A escola particular que ainda tenho vínculo em carteira (gestores e coordenadores) praticavam copiosos assédios morais, ditando o que eu tinha que vestir e como eu deveria me maquiar. Sofri muitas pressões psicológicas, em maior potência deste colégio particular COLÉGIO E CURSO GALILEU em Itabuna-Ba. Pois, neste início de grandes agressões psicológicas, tive uma Paralisia Facial, um AVC isquêmico. Continuei trabalhando mesmo assim. Porém, eu quando cheguei ao pronto socorro, me medicaram e me encaminharam para se acompanhada por um psiquiatra. Comecei a tomar a medicação prescrita e fiz a fisioterapia,*

*recuperei os movimentos do meu rosto. Porém, a medicação no início causa muita sonolência, e comecei a chegar entre 5 a 20 minutos atrasada na escola particular. A coordenadora geral Cornélia, muito rude e preconceituosa disse que eu tinha que me afastar, que a escola não iria se adequar as minhas necessidades de saúde. Fui afastada em 2016, durante quatro meses. Perto de terminar o prazo do benefício do INSS, conversei com o diretor ELIOMAR, ele garantiu que eu iria voltar a trabalhar com todas as turmas que eu já tinha. Suspendi o benefício e voltei, fizeram comigo pior do que já tinham feito, diminuíram para menos da metade as minhas turmas, antes ganhava em carteira assinada 2.004,00 reais, quando voltei passei a ganhar 596,00 reais. A outra escola já tinha me dispensado e agora está-me "obrigando" a pedir demissão. Como sobreviver sozinha com esse valor (596,00 reais), para me alimentar, comprar remédios, pagar aluguel etc. Em um dia quase de madrugada fui a casa dos meus pais, já não nos víamos há 1 ano. Cheguei muito desesperada e trêmula. Minhas irmãs mesmo sabendo o que eu passei (AVC) e perseguições, nada contaram aos meus pais. Nesta madrugada ao relatar todo o ocorrido, meus pais choraram e eu trêmula e chorando, uma situação horrível. Então exigiram que eu voltasse para casa. Começaram aos poucos me aceitar, hoje eles me aceitam normalmente como mulher. Mas voltando a questão da escola, ao diminuírem meu salário, minha depressão aumentou ainda mais. Fiquei duas semanas sem tomar os remédios que controlam a minha depressão, então tentei o suicídio, me cortei em três lugares do meu corpo. Me levaram na ambulância e infelizmente sobrevivi. Então meu psiquiatra e a psicóloga sugeriram para eu recorrer novamente ao benefício do INSS, afinal estava sem condições emocionais tão pouco psicológicas e física para voltar à aquele "inferno". Graças a Deus e a equipe médica que me acompanha, voltei a receber o benefício do INSS (mesmo pouco, 1.250,00 reais), mas dá para eu comprar meus remédios, continuar me tratando e suprir minhas necessidades básicas, por enquanto. Agora, mesmo no mestrado, perto de acabar o prazo do benefício do INSS, minha depressão só aumenta, tentarei a renovação do benefício, porém, meu maior desejo além das minhas cirurgias de implante de próteses mamárias e a construção da minha neovagina, é poder voltar a trabalhar. Mas aqui na Bahia, as coisas são mais difíceis do que imaginam para pessoas como eu trabalhar na educação, sempre arranjam uma desculpa e me dispensam, nenhuma instituição privada quer uma mulher trans como educadora, sempre sugerem "Isabella" faça concurso para professora efetiva. Cadê os concursos na minha área aqui? Cotas para pessoas trans em concurso, aqui é como uma cólera preferem evitar. Hoje vivo o afago do mestrado que estou cursando (ainda sem bolsa) com a incerteza de saber se conseguirei ao sobreviver, afinal, trabalhar como educadora é mais que uma realização para mim, é poder me sentir viva. O que me resta é apenas concurso, (sem cotas para trans, infelizmente). Mas quando isso acontecerá? Estarei viva até ser "concurada"? Terei espaço na educação? As respostas para estas perguntas no momento, ainda é NÃO".*

Outras respostas surgiram como a falta de oportunidade com contratos de trabalho no setor privado e escassez de vagas na área nos concursos ocorridos; cursando doutorado com bolsa, visando à carreira acadêmica; aguardando edital de concurso; terminando o estágio obrigatório; falta de oportunidade; desemprego estrutural; aguardando

oportunidade em lista de espera.

Destacamos ainda as respostas abaixo:

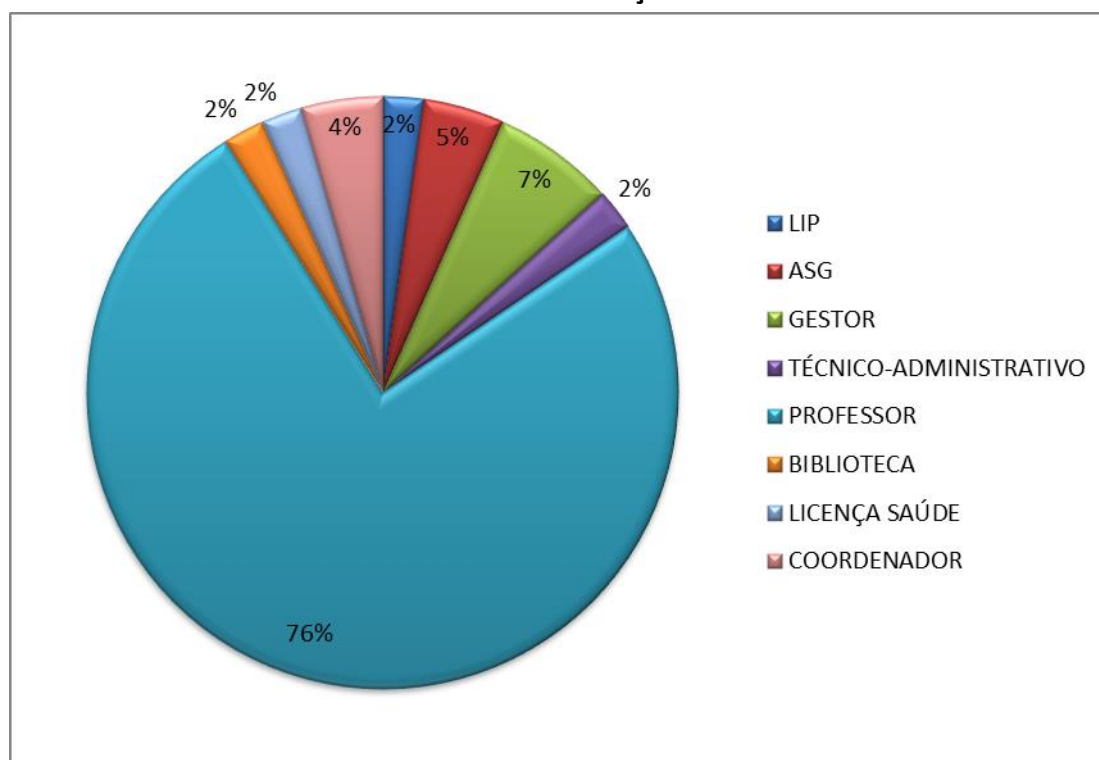
*“Apesar de aparentemente ser uma área receptiva à diversidade, na verdade, não é tanto assim e, por conta do preconceito não pude trabalhar na minha área de formação em um emprego formal, só de informalmente”.*

*“Na época em que me formei (2008) estava em início de transição e trabalhei com contrato temporário e resolvi sair tinha medo do preconceito em sala de aula. Preferi mudar de área. Ainda não tinha retificado meus documentos. Hoje curso Direito e tenho objetivo em mestrado para voltar para docência”.*

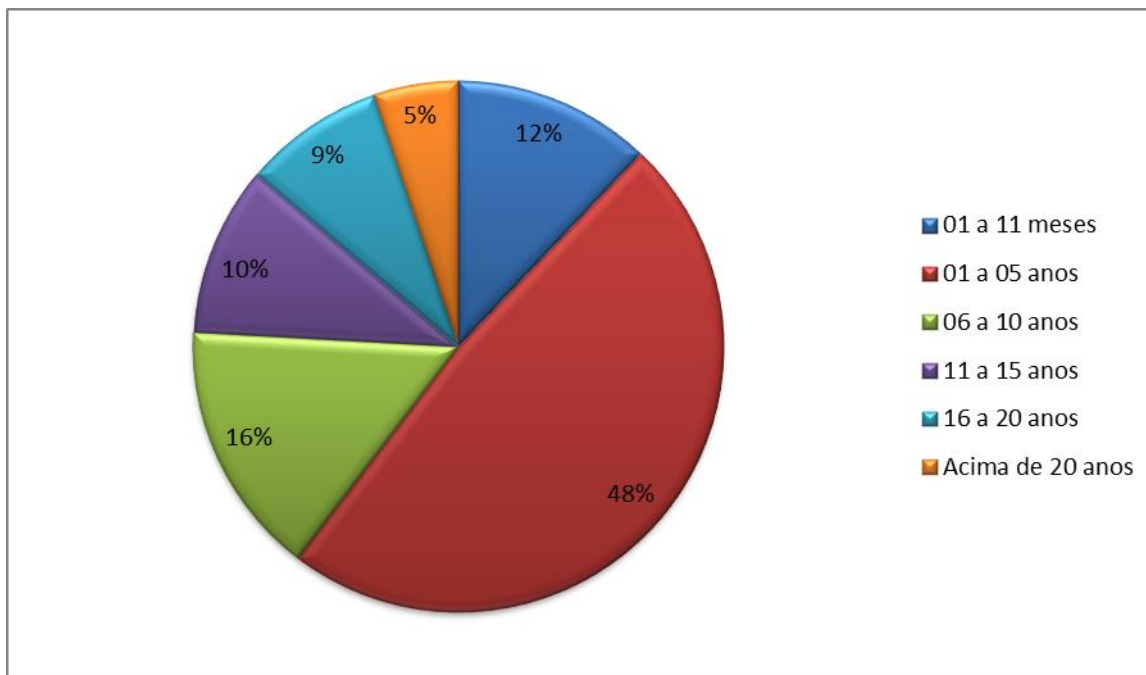
*“Tive uma pequena, mas significativa experiência na educação infantil em um estágio. Não me inseri no mercado por objetivar um concurso público e no momento estar participando de grupos de estudos/pesquisa”.*

*“Tenho a primeira graduação em Administração de Empresas, porém com as dificuldades e “discriminação” do mercado fui fazer Licenciatura em Pedagogia, onde atuo como substituta em educação infantil, porém tenho como trabalho mesmo na área da saúde.... como Socorrista (aprovada em Processo Seletivo)”.*

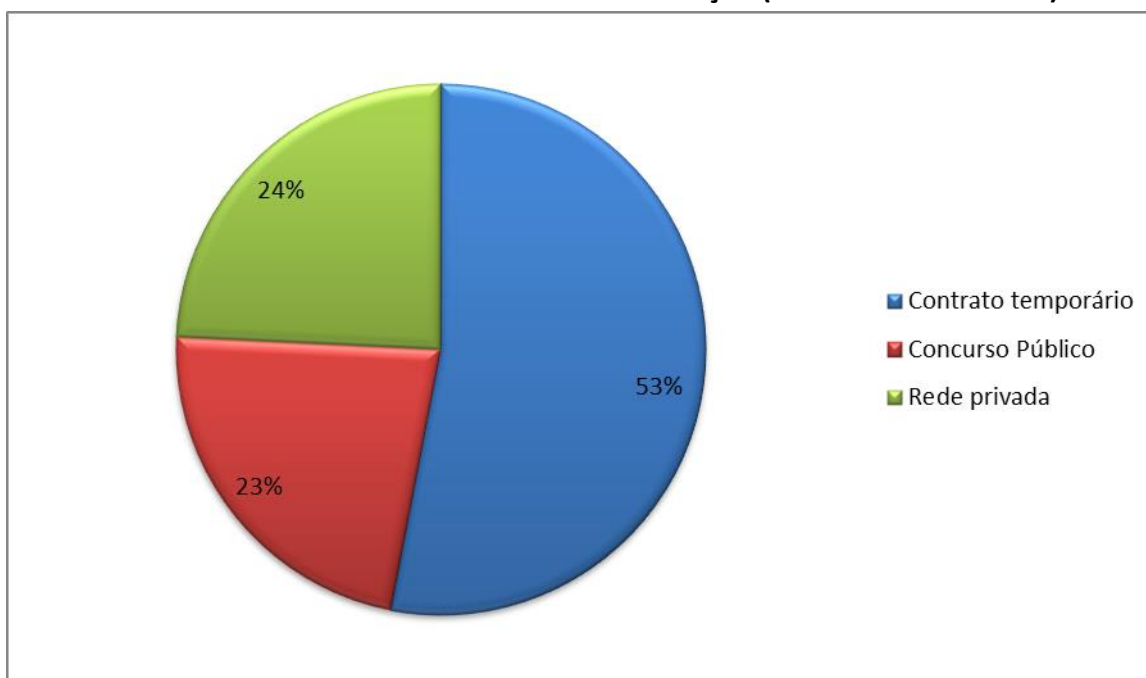
**Gráfico 8 – Área de atuação na escola**



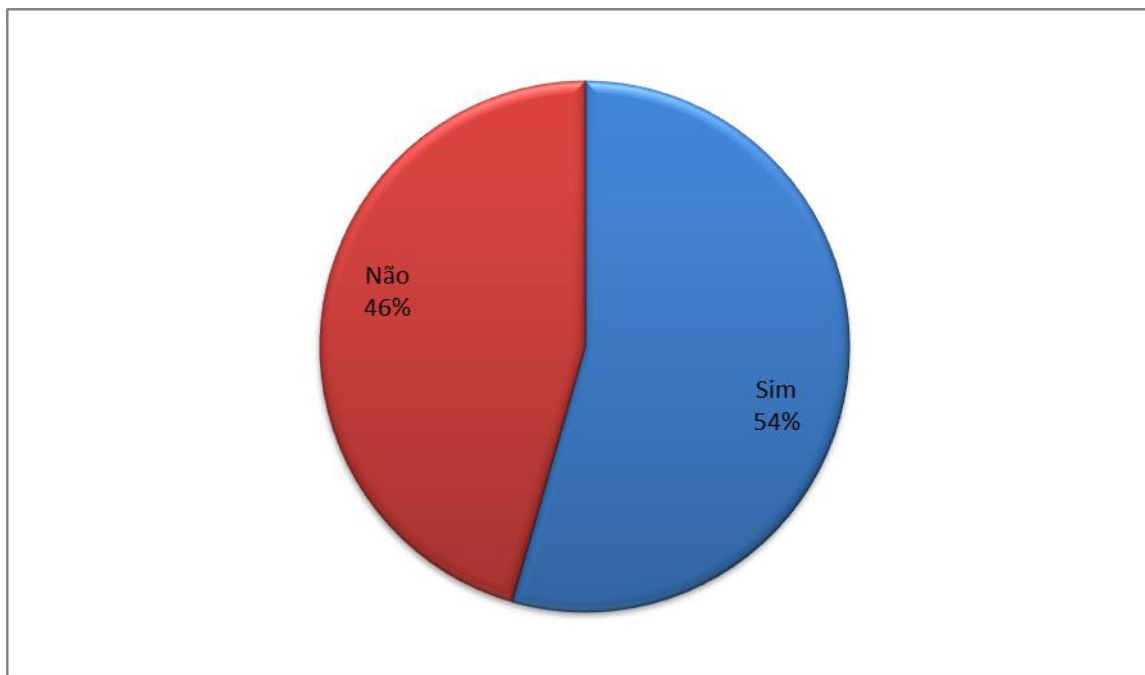
Fonte: IBTE

**Gráfico 9 - Tempo de atuação**

Fonte: IBTE

**Gráfico 10 – Como se deu a entrada na educação (mercado de trabalho)**

Fonte: IBTE

**Gráfico 11 – Casos de transfobia em relação a alunos trans**

Fonte: IBTE

Durante a pesquisa do Censo Trans Educação, foi disponibilizado um campo para que as/os participantes que desejassem relatar casos de violência e transfobia que já haviam presenciado nos processos de ensino aprendizagem e educação. Não é raro, que nesses relatos apareçam violências e transfobias decorrentes da heterossexualidade compulsória, bem como processos de estigmatização e negação dos direitos de existência, à vida, à educação e ao mercado de trabalho.

*“A aluna trans iniciando a transição foi questionada sobre a vestimenta, a maquiagem e convidada a evitar sua feminilidade”.*

*“Presenciei alguns casos, durante estágio, de alunas que são tratadas como “homossexuais”, chamadas de “viadinho” e impedidas de usar o banheiro feminino”.*

*“Me pediram pra falar com os alunos LGBTs que evitassem contatos amorosos na escola e que evitassem os beijos, mas me recusei a fazer isso”.*

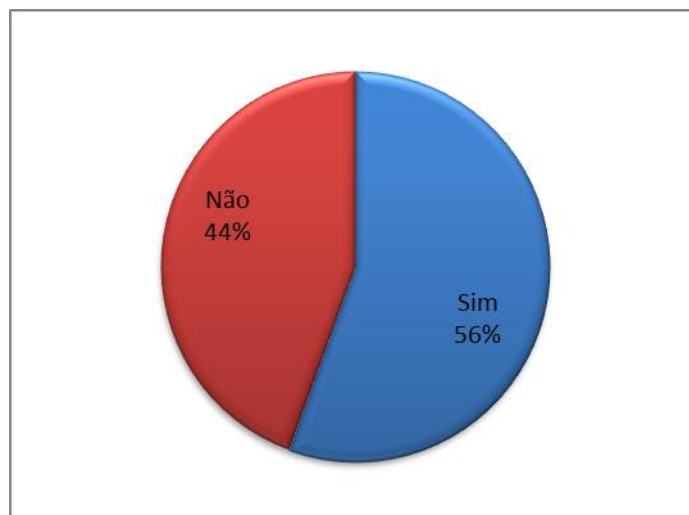
*“Impedimento de usar o restaurante universitário somente com o nome social”.*

*“O nome social não foi respeitado nos diários de classe”. “Pais de outros alunos e professores mais conservadores”.*

*“Em sala de aula, colegas chacotam do nome social; desrespeito a identidade de gênero e nome social por parte de professores; assédio moral vindo de gestor caso professor abordasse questões de gênero e diversidade”.*

Mais da metade das/os participantes responderam no Censo, que já sofreram transfobia na escola, ou seja, já sofreram alguma violência em decorrência da identidade de gênero.

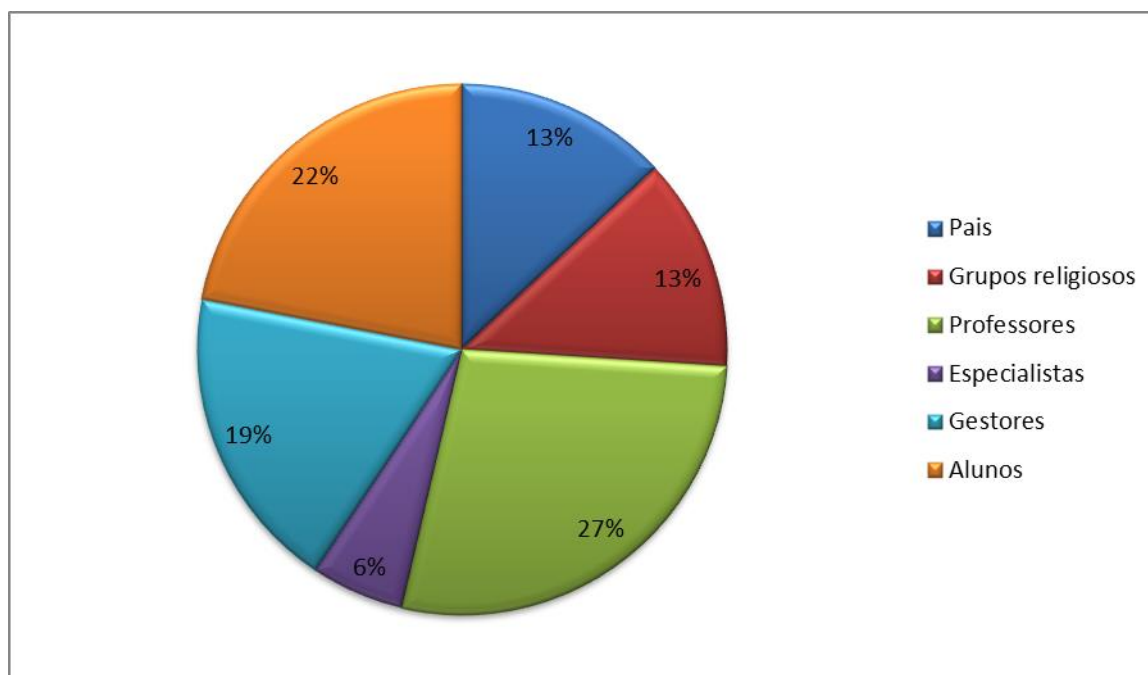
**Gráfico 12 – Transfobia escolar**



Fonte: IBTE

No decorrer da análise, notamos que os autores da transfobia são múltiplos. Que é um ato de violência que está em todo o campo acadêmico/escolar, porém a maior violência é originada na própria classe da docência.

**Gráfico 13 – Autores da transfobia**

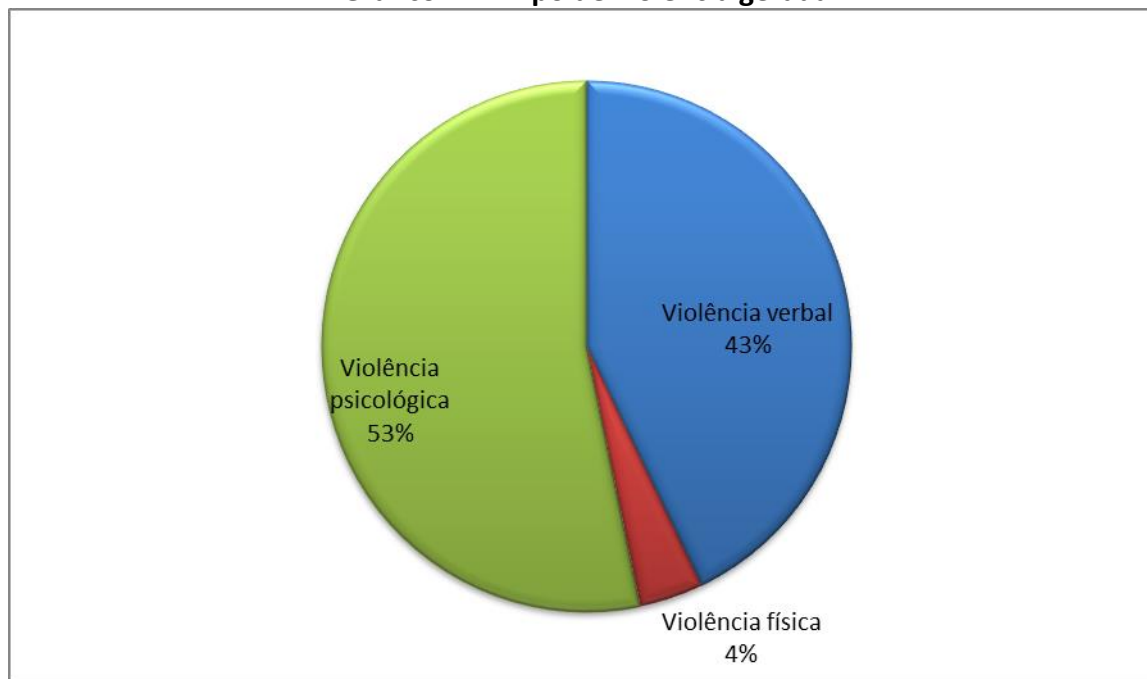


Fonte: IBTE



Entre os mais diversos tipos de violência, durante a produção do Censo destacamos três possibilidades existentes, e ao analisar os dados, verificamos que é bastante recorrente a violência psicológica contra as pessoas travestis, mulheres e homens transexuais nos processos de educação brasileiros.

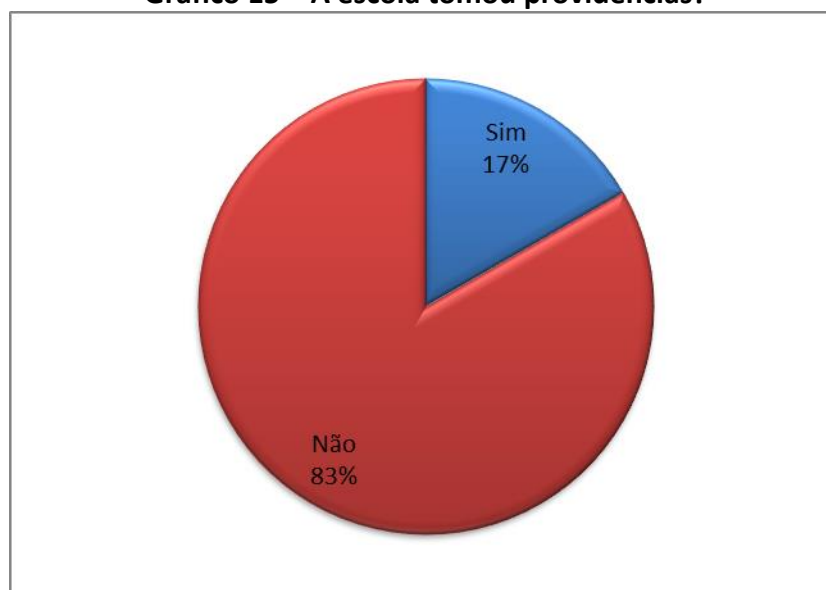
**Gráfico 14 – Tipo de violência gerada**



Fonte: IBTE

Podemos observar também, que na maioria dos casos de violência decorrente da transfobia, a instituição de ensino não toma nenhuma providência.

**Gráfico 15 – A escola tomou providências?**



Fonte: IBTE

Vemos aqui nesse desdobramento da pesquisa do Censo, que muitos profissionais da educação que se identificam como Travestis, mulheres e homens transexuais sofrem assédio moral como forma de violência e transfobia. Isso não raro às vezes, acontece por que as pessoas trans são consideradas abjetos, isto é, diante da heterossexualidade compulsória, pois não são considerados sujeitos de direito, são aqueles inóspitos e sem vida social e consecutivamente fora dos padrões binários de gênero, fato que condena, tira direitos e gera violência para as pessoas trans. Abaixo transcrevemos algumas respostas:

*“Destruíram minha vida”.*

*“Sim. Colegas de trabalho que por convicção religiosa rejeitam a minha identidade de gênero e persistem em tratar no masculino. Algumas vezes isso ainda ocorre. Ocorre também que alguns pais respeitam o meu gênero mas existem colegas de trabalho que tentam desconstruir isso”.*

*“Sim, algumas piadinhas por parte da diretora sobre eu ser "protegido" pela SME por ser trans (o que não acontece)”.*

*“Sim, por isso estou afastado de meu cargo. Fui reprovado no estágio probatório e sempre fui ameaçado por isso pela direção e gerência escolar. Quando retifiquei meu registro eles me obrigaram a assinar com prenome antigo por meio ano. O caso só foi 'resolvido' quando fui a Secretaria Estadual da Educação de SP fazer a denúncia formalmente e expus o caso nas mídias”.*

*“Sim, inclusive uma vez pediram que eu usasse a camiseta feminina que era rosa. Apenas na última escola tive o nome respeitado”.*

*“Enquanto professora não. Acredito que não tenha ocorrido por causa da minha passabilidade e, tão somente em uma das escolas os professores e gestores sabiam da minha transexualidade, porém, eu era amiga deles e acredito que isso tenha feito toda a diferença na ocasião. Entretanto enquanto aluna sim, já sofri bastante por causa da transfobia. Violência física, moral e psicológica na época em que era estudante. Não sei se vem ao caso comentar sobre o período em que era estudante mas, eu tinha que comentar sobre isso”.*

*“Sim já sofri, geralmente as pessoas tendem em atender as pessoas trans com muito preconceito, ainda há muita exclusão de nós na faculdade e os profissionais não tem capacidade de lhe dar com a situação”.*

*“Sim. Tenho muitas lembranças de alunos/alunas que me chamavam de "maria macho" e "traveco", diziam que sentiam nojo de mim porque eu era esquisito e doente. De professores/professoras, lembro sempre da minha mãe voltar chorando de reuniões de pais porque eles falavam pra ela que eu precisava de tratamento, que tinha comportamentos "masculinos" na escola e outros absurdos. Além disso, fui expulso (convidado a me retirar, rs) de um colégio religioso pois, segundo as gestoras (evangélicas), eu não fazia "o perfil" de lá”.*

*“Os olhares desconfortáveis, sobretudo no início da transição”.*

*“Ao tentar abordar questões de gênero e diversidade, fui impedida e sabotada por gestores e educadores”.*

*“Ainda não me assumi trans. Presumem que eu sou lésbica”.*

*“Se considerarmos o assédio moral ascendente, não fui vítima, no entanto, se considerarmos o descendente, sim”.*

*“Já. Por acharem que eu era a protegida do RH... Então não poderiam falar muitas coisas de mim, pois achavam que poderiam sofrer repressões. Sendo que isso era mentira! Protegida não é sim porque eu brigava pelos meus direitos e que a justiça me garantiu na retificação”.*

*Não. Quando resolvi expor minha transição e assumir minha identidade publicamente tive uma gestora que me ajudou muito, e por ser muito respeitada, serviu de modelo para todos os demais. Ouvi dizer que uma colega afirmou que não me chamaria pelo nome social, mas de fato não houve ninguém em meu caminho que não me tratasse pelo nome social. Sei que existem pessoas que só me respeita pelo fato do meu cargo ser efetivo.*

*“Sim... em ser chamada pelo nome civil, tratada por pronomes masculinos e ouvir reclamações de pais (geralmente evangélicos) de que não sou exemplo para ninguém...”.*

Diante desse contexto, é necessário propor uma análise da importância da existência e produção de políticas afirmativas proposta pelos movimentos sociais bem como por pesquisas acadêmicas, que visem a permanência e aprendizagem nos processos de educação, ensino-aprendizagem dentro das instituições de ensino superior, bem como a inserção das pessoas trans no mercado de trabalho dentro dos processos educacionais.

O espaço de educação formal, como as escolas e as instituições de ensino superior, é também, onde há uma regulamentação sobre as identidades, conforme a heterossexualidade compulsória, o que produz exclusões de determinadas identidades, nesse caso, falamos de pessoas travestis, homens e mulheres transexuais, ou seja, a negação de direitos, violência e transfobia.

Essas análises compreendem a vida sobre a tutela da pedagogia do controle, ou seja, a vigência de normas propostas pela heterossexualidade compulsória, que dão a capacidade para as instituições de ensino, para a docência e para toda a comunidade escolar, de decidir sobre a vida e o gênero do alheio, promovendo o ódio, a violência e a transfobia.

Por mais que existam possibilidades de políticas públicas que visem à inclusão e permanência das pessoas travestis, mulheres e homens transexuais na educação, ainda é

possível notar que a possibilidade da inclusão de questões que fogem as fronteiras da heterossexualidade compulsória no currículo deve ser repensada, no caso a inserção e permanência das pessoas travestis, mulheres e homens transexuais, pois não são apenas enfrentamentos temáticos, mas sim vidas que se constituíram como profissionais da educação, porém como o Censo Trans Educação Brasil nos mostra, essas vidas estão carregadas de violência externa, preconceitos, transfobia e negação de direitos, como pudemos perceber na análise dessa pesquisa.

Diante desse quadro, o Instituto Brasileiro Trans de Educação, a partir da realização desse Censo e em nossas próximas pesquisas, temos como objetivo promover uma maior articulação com as secretarias municipais, estaduais de educação, com o MEC, bem como com universidades nos mais diversos cursos de licenciatura, onde pensamos em discutir e elaborar políticas públicas e afirmativas que visem a permanência das pessoas trans nos mais diversos níveis educacionais, como docentes ou discentes. Também está entre os nossos objetivos principais, a partir de pesquisas como esse Censo, desenvolvermos ferramentas para monitorar a violência e a transfobia contra as pessoas trans na educação brasileira.

#### **FONTES DE CONSULTA PARA PRODUÇÃO E ANÁLISE DO CENSO**

AMARAL, Ana Paula Martins; CAMARGO, Caroline Leite; MURTA, Eduardo Freitas. **Educação em Direitos humanos: Princípios Fundamentais. Direitos Humanos e Cidadania: Desenvolvimento pela Educação em Direitos Humanos.** p. 41-64, Editora UFMS 2013.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília: Senado Federal, 1988.

\_\_\_\_\_. **Diversidade sexual na educação:** problematizações sobre homofobia nas escolas. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2009.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Documento final da CONAE.** Brasília, DF: MEC, 2014.

BUTLER, Judith. **Mecanismos psíquicos del poder:** teorías sobre la sujeción. València, Espanha: Ediciones Cátedra, 2001.

\_\_\_\_\_. **Cuerpos que importan:** sobre los límites materiales y discursivos del “sexo”. Barcelona: Paidós, 2002.

\_\_\_\_\_. **Problemas de gênero:** feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

\_\_\_\_\_. **Deshacer el género**. Barcelona: Paidós, 2006.

FOUCAULT, Michel. **A História da Sexualidade I: a vontade de saber**. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

\_\_\_\_\_, Michel. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.

\_\_\_\_\_. **Os anormais**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir: história da violência nas prisões**. 34a. ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

\_\_\_\_\_. **Nascimento da Biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43. ed., São Paulo: Paz e Terra, 2011.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In \_\_\_\_\_ (Org.). **O corpo educado, pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

\_\_\_\_\_. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. **Educação em Revista**, Belo Horizonte. 46. 2007.

LUZ, Nanci. CARVALHO, Marília. CASAGRANDE, Lindamir. **Construindo a igualdade na diversidade: gênero e diversidade na escola**. Curitiba: Editora UTFPR, 2009.

REIDEL, Marina. **Pedagogia do salto alto**. 2013. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013.

SADER, Emir. **Que Brasil é Este? Dilemas nacionais do Século XXI**. São Paulo: Editora Atual, 1999.

SANTOS, Dayana Brunetto Carlin. **Cartografias da transexualidade: a experiência escolar e outras tramas**. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2010.

TAGLIAMENTO, Grazielle. **A arte dos (des)encontros: mulheres trans e a saúde integral**. Rio de Janeiro: Multifoco, 2013.

## Minha trajetória...

Vânia Gomes

Professora de Filosofia no IFSP – Instituto Federal de São Paulo, campus Salto

Cheguei à escola de vestido. No estacionamento, alunas e alunos do Ensino Médio brincavam de pular corda, se despedindo da infância e levando a alegria de criança para a vida adulta. Pararam e me cercaram:

- *Professor, o que está acontecendo? É protesto em favor da identidade de gênero?*

- *Não, queridos, não é protesto, na sala de aula eu conversei com vocês, daqui a pouco...*

Uma a uma, em cada sala, contei brevemente minha história.

Tentei ao longo de minha vida, ser um homem. Como poucas pessoas, aprendi como e de que forma deve ser o gênero masculino em nossa sociedade. Tentei namorar, tentei ser padre, tentei casar e casei, tive filho, esse filho cresceu, o casamento acabou, tentei de novo, acabou; tentei de novo acabou.

Dez anos antes de entrar nesse pátio de escola – porque nossa escola não tem pátio, nem quadra, só estacionamento, mas quando se quer brincar, uma caixa de papelão vira um castelo – ia ficando evidente para mim que usar roupas femininas não era um pensamento invasivo ou uma fantasia. Era uma vivência que ia além de simplesmente usar roupas femininas, além de um fetiche – como terapeutas me perguntavam – era eu.

Por que assumir a visibilidade, se agora eu já tinha mais de cinquenta anos, faltava pouco – imagino que menos da metade – da minha vida; eu já tinha aguentado tanto, por que não mais?

Porém, um dia, inverti a pergunta: por que mesmo eu aguentei tanto, se quando era criança pequena, menos de cinco anos, brincava com as joias de minha mãe – naquele tempo tudo era joia, nem se ouvia o termo bijuteria, era a da década de 60 – queria passar esmalte, falava que estava “grávida”? Minha mãe, aquela pessoa silenciosa e prudente, me disse que eu era um menino e um menino cresce e se torna homem.

Por volta desses mesmos cinco anos, uma cirurgia simples de fimose em que a anestesia não pegou direito e doeu, encerrou a sentença: na minha imaginação, eu sairia dali menina, mas não foi possível: eu tinha que ser menino. Do “ter que ser” ao “ser”, foi um passo. Um passo reforçado por ver um adolescente do bairro ser expulso de casa por se maquiar. Um passo reforçado por nem ver travestis nas ruas, porque era criança e não saía à noite. Os rebeldes da Jovem Guarda e da MPB cantavam de terno, smoking e blazer nos festivais. Foi nesse mundo que fiz meu compromisso. Tentei, os anos se passaram e aí...

Aí, um dia, fico sabendo que picharam banheiros femininos da Unicamp para expulsar as travestis e transexuais de lá. Não que tenham entrado milhares de transexuais e travestis que congestionaram os banheiros, talvez fossem menos que dez na universidade inteira! Isso me revoltou, porque o valor da minha educação foi sempre o social antes do individual – seja na ética; seja na hipocrisia; para o bem e para o mal – e eu vi no que resultou o fruto da minha invisibilidade, do meu “bom” comportamento, da minha “adequação ao cis-tema”: além da dor das pessoas que conviveram intimamente comigo, a minha dor, havia ainda a dor de gente que, se eu tivesse assumido minha visibilidade trinta

anos antes, quando entrei lá pela primeira vez, não estaria passando por esse mato alto de preconceito.

Era 2015, mas eu ainda vivia o contrato da década de 60. Não era minha mãe que era atrasada, porque ela era uma mulher de seu tempo; a anacrônica era eu.

Disse às minhas alunas e meus alunos que até àquele dia, tudo tinha sido confortável para todos nós que estávamos ali: eu não tinha que lidar com preconceitos e conflitos; eles não tinham que se incomodar com uma professora travesti naquela sala. Porém, havia chegado a hora de pensar em quem não conseguia chegar ali: não tínhamos nenhuma aluna travesti ou aluna ou aluno transexual.

Minha invisibilidade tinha sido cômoda para todos nós, mas, por um lado, eu travava a cada vez que precisava me vestir para ir trabalhar – e eu precisava trabalhar em paz – por outro, o desconhecimento e o estranhamento são as portas do preconceito: e se um dia, já fora de escola, cheios de drogas lícitas – como o álcool – eles, numa turma, num carro, achassem “engraçado” jogar um tijolo na cabeça de uma travesti trabalhando numa esquina à noite?

Expliquei que, num mundo de discursos de ódio de parte à parte, minha visibilidade não é uma agressão de minha parte, mas apenas uma condição para eu viver e trabalhar melhor; assim, que se alguém se sentisse agredido pela minha presença, compreendesse que essa agressão não nascia de mim, mas de seus próprios valores.

Solicitei o uso do meu nome social à direção da escola e esperei agressão dos alunos, rejeição dos pais, desprezo da comunidade. Mais uma vez, me surpreendi. Em diferentes atitudes, alunas e alunos foram transparentes comigo, os que gostaram os que me disseram que por seus valores, não podiam aprovar minha condição, mas que aceitariam o convite de conviver comigo.

Algumas mães e pais vieram agradecer, outros me dizer que haviam se esforçado para superar preconceitos e estavam felizes. Da comunidade educativa, tive o apoio, a insegurança, o medo e até alguma reprovação silenciosa, porém, eu sabia que o tempo dissiparia muita coisa, porque ser travesti não é o fim do mundo, nem o começo, é apenas mais uma condição humana e o cotidiano simplifica muito, quando apenas nos dispomos a conviver.

Porém, antes daquele dia no estacionamento da escola, eu precisei de algo muito importante: sentir que tinha algum apoio na comunidade escolar, antes da visibilidade. Se já havia algum tempo que havia conversado com a psicóloga da escola – que me acolheu de coração – a chave de apoio foi a formação de um núcleo de gênero e sexualidade em âmbito estadual. Quando fui para a primeira reunião presencial – já tínhamos feito algumas online - vi que não teria mais a menor condição de fazer jogo duplo, porque isso não era mais possível para mim.

Fui, falei de mim, tive todo o apoio de que necessitava. Acabou que fui a primeira servidora a usar nome social na instituição, em todo o Estado. Pediram-me para fazer um vídeo sobre isso com a equipe de Comunicação Social. Fiz e percorri diversos campus de nossa instituição no Estado, para conversar com servidores, professores, alunos, comunidade sobre diversidades e inclusão.

Sim, perdi pessoas queridas e pessoas amigas nesse processo, porém, ganhei de volta a minha vida, pois não é possível viver sendo algo que não se é.

Sei que estamos no país que mais mata travestis no mundo e que alguém que me desconhece por completo pode vir do nada e me matar, apenas por ser travesti. Contudo, se é preciso escolher entre o medo de morrer e a coragem de viver, prefiro a segunda opção.

Minha trajetória não é um exemplo e nem deve ser repetida.

Sobrevivi ao desespero porque me agarrei à vida e à fé na vida. Porém, para mim, ela mostra que a realidade das relações, por mais agressiva que seja, ainda é mais viva e melhor que a solidão de sentimentos e pensamentos.

E de tantos nomes bonitos que surgiram para nós: transgêneros, não-binárias... eu sou travesti, não só porque sou “antiga” e esse nome é “antigo”, mas porque muitas pessoas bem mais corajosas que eu viveram e morreram por esse nome, para que hoje eu pudesse estar aqui e ser mais uma travesti.



Branças  
Azuis  
Amarelas  
E pretas  
Brincam  
Na luz  
As belas  
Borboletas

*Vinicius de Moraes*



## Da exclusão dada pela sociedade, à inclusão conquistada pela perseverança

Rebecka de França

7º Período de Geografia – IFRN – Campus Natal Central

A proposta de trabalhar com a educação na minha vida, veio junto as minhas participações com o movimento social, observei que conseguia prender a atenção das pessoas através das minhas falas, percebia que por ser diferente da maioria dos educadores, conseguia fazer com que as pessoas prestassem atenção em mim e no que falava, ouvia sempre as pessoas falarem que eu levava jeito pra ser educadora e algumas pessoas se reportavam como “Professora Rebecka de França”.

Na infância brincava de escolinha, claro, eu sendo a figura que passava o conhecimento para os demais que brincavam, sempre queria estar à frente da sala de aula, proporcionando além de uma saudável brincadeira a busca pelo conhecimento. Na escola, quando comecei minha transição, aos 15 anos ainda no 1º ano do ensino médio, pude ver como uma pessoa trans, é colocada de lado e pouca convidada a estar em ambientes familiares, mesmo sendo educada e mostrando respeito aos outros. Pude experienciar um a um dos meus amigos, me deixando de lado por conta do meu jeito andrógono de me apresentar, nem tão feminina e nem tão masculina.

Aos 18 anos já tinha completado minha “metamorfose” me tornando uma linda “borboleta”, vim de uma família muito pobre da área periférica de Natal-RN, então estudar era a única saída pra sair daquelas condições precárias, minha mãe nos criou sozinha, junto a minha avó e vi que precisava ajudá-las de alguma forma, procurei empregos formais após terminar o ensino médio, sem me preocupar com o ensino superior, porém para uma trans, não havia muitas oportunidades, uma vez que minha aparência feminina, num corpo “masculino” causava curiosidade, repugnância e até nojo em algumas pessoas.

Certa vez uma senhora que contrata jovens da periferia para fazer panfletagem num sinal, resolveu me dar uma chance, trabalhávamos duas semanas e recebíamos na terceira, além disso, ganhávamos mapas de bairros de Natal, onde tínhamos que entregar panfletos de lojas para ao final juntar ao trabalho semanal. Certo dia o dono da empresa que patrocinava a publicidade de seus empreendimentos me viu em um sinal, quietinha, segurando bandeira de um lançamento de um edifício, imediatamente ligou para a senhora que me contratou e pediu que me retirasse daquele trabalho, minha imagem poderia “repercutir” mal e seu empreendimento poderia não vender bem.

Em 2008 consegui entrar com cargo comissionado na prefeitura municipal de Natal, através da Secretaria Municipal de Trabalho e Assistência Social, mesmo assim, ainda sendo criado um setor específico pra que eu pudesse me reportar sem sofrer preconceito, foi criado o “Departamento de Equidade Social” onde eu era a pessoa responsável por receber documentos e parte dos tramites burocráticos do setor. De 2009 a 2012 pude estar aliviada trabalhando diariamente nesse setor, fazendo cursos e me aperfeiçoando, até encontrar a diretora do departamento que me humilhava constantemente por não ter um curso superior, não sei se fazia por mal ou por bem, mas devido a estas “humilhações” entrei num

curso de Letras – Inglês, que infelizmente não pude ir até o fim, devido à gestão não concorrer à prefeitura.

Depois destas experiências, a única saída foi à prostituição, sempre deixei bem claro as meninas na rua, que não havia nascido pra aquele tipo de trabalho, mas não cuspiria nele, pois foi o que me ajudou a manter-me e pagar minhas contas durante longos anos, mesmo sendo reconhecida por muitas pessoas influentes em Natal, continuavam os “nãos” para trabalhar, desta forma tive que mergulhar no mundo das drogas e da prostituição, não que isso tenha ligação, mas há clientes que pagam bem mais para você se drogar com ele e passar a noite fazendo companhia, passei anos viciada e sem perspectiva alguma, chorava muito e sempre olhava para o céu pedindo providências, sempre conversava com Deus nas esquinas, solitárias das ruas de Natal, porém como mesmo estando na rua, participava do movimento social, pedi ajuda a amigos que se soubessem de cursinhos gratuitos de preparação para o ENEM me avisassem, e aí, surge a primeira oportunidade em 2014, no PROCEEM, cursinho vinculado a UFRN.

Consegui atingir uma pontuação boa, porém não o suficiente para entrar num curso superior (desde o começo já queria voltar ao curso de “Letras” ou fazer “Geografia”, porém a segunda opção me fascinava); passei ainda na Universidade Estadual aqui do Rio Grande do Norte, a UERN, que tem sede em Mossoró, entretanto tinha que me mudar pra lá, e como iria sobreviver? Sem ajuda, sem trabalho, mesmo assim fui fazer minha matrícula lá, porém aos 45 segundos do segundo tempo, o IFRN, lança um edital para as vagas remanescentes, e meu nome estava lá, para tentar uma vaga, mesmo com uma colocação de 65ª pessoa (olha aí como são as coisas) fui tentar, e não apareceu ninguém pra concorrer comigo, daí consegui minha tão sonhada matrícula no ensino superior.

No começo das aulas, tive meu primeiro dia filmado por um importante canal da internet, com o documentário chamado “O primeiro dia do sonho de uma travesti” disponível nas redes sociais, aonde retratavam as dificuldades e os anseios de uma travesti cursar o ensino superior numa instituição federal, o vídeo conseguiu recordes de visualizações e boas repercussões e logo fiquei conhecida em todo o IFRN e demais locais e Faculdades e Universidades.

Do primeiro ao terceiro, tive que conciliar as aulas com a prostituição e o movimento social, aquilo me deixava sem ânimo para muita coisa, existiam pessoas que achavam que quando eu negava um convite era por que estava fazendo uma “linha” estrelismo, todavia não entendiam se quer minha rotina naquela época, no entanto, fato curioso que gosto de dividir, é que muitas vezes saía do curso direto para rua, e nesses intervalos levava o material do curso pra ler na rua, entre um cliente e outro, sempre parava (preocupada com as aulas e a obtenção de boas notas para participar de bolsas que me auxiliassem com uma renda) para lê-los.

Inscreve-me três vezes consecutivas para o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência- PIBID – porém apenas na terceira obtive êxito, sendo nas duas últimas, passando em primeiro lugar (notas boas + terminar o ensino médio em escola pública = equivalem à colocação) ainda assim, tive ajuda de uma professora em especial, que me colocou pra trabalhar em sua loja de conveniência, aquilo me ajudou bastante, e pude me virar para estudar de dia entre as vendas e a noite ia pra aula.

Em 2016 consegui entrar pelo PIBID numa escola de Ensino Médio e ser Professora

Auxiliar na Prefeitura com alunos do Ensino Fundamental, tive experiências nessas duas faixas etárias em um único ano. Com as crianças pude experienciar a pureza de sentimentos onde eles me viam apenas como “Tia Rebecka” alguém que poderia ajudá-los nas atividades e brincar na hora do recreio, no Ensino Médio, experimentei o preconceito no primeiro dia com eles em sala de aula, um aluno sussurrou pra outro “É isso que irá nos dar aula?”, Fingindo não ouvir, continuei mesmo assim uma oficina sobre “Cartografia”.

No curso de Geografia fui recebida com muita alegria, tive amigos e professores muito importantes no meu crescimento acadêmico, que puderam fazer com que minha permanência fosse uma realidade, meu nome social nunca foi desrespeitado e ainda fui eleita Coordenadora Geral do Centro Acadêmico de Geografia Maria Cristina Cavalcanti, que acabou a minha gestão em 2017.2.

Também fui convidada pelo diretor do campus a participar do conselho de classe do IF, representando o Ensino Superior, como uma das ações que tive, foi de aprovar uma lei de Nome social dentro do Instituto do qual honrei minha participação e deixei meu legado pra outras pessoas trans que venham a se matricular nessa instituição de ensino superior.

Em 2017, passado o choque de ser o primeiro contato com eles, passamos sem nenhum constrangimento, cada vez mais, ganhando a confiança deles, em ambas as modalidades de ensino, me foquei mais na representatividade, onde, vi que alunos LGBTQs me olhavam com olhos brilhando, ou seja, eu estava sendo uma figura positiva em meio a tanto caos que havia se instaurado, recebia elogios de diretores, pais de alunos e até de pessoas das secretarias de educação que diziam que meu trabalho era reconhecido e muito bem avaliado, sei que eu mesma contar isso, pode soar até como “egocêntrica”, mas creio que nossas boas histórias, só são contadas por nós mesmas, e as experiências vividas em sala de aula, me dão equilíbrio pra lidar no dia a dia com a transfobia, crianças, adolescentes, jovens e adultos que lidam com pessoas trans na sua história de vida, são pretensos a não desenvolver esse tipo de repudio a identidade de gênero de pessoas como eu, e desta forma, contribuo para que não propaguem seus preconceitos com pessoas trans.

As escolas que atuo, ambas são em áreas periféricas de Natal, nos bairros de Dix Sept Rosado (Escola Estadual professor Francisco Ivo Cavalcanti – Ensino Médio) e nas Quintas (Escola Municipal Ferreira Itajubá – Ensino Fundamental). Me formo em 2018 e tenho a missão de estar em sala de aula comprovando que poder atuar com a educação é o mínimo que posso fazer para diminuir a Transfobia latente no país que mais mata Travestis e Transexuais no mundo.



“A alma é uma borboleta...  
há um instante em que uma voz  
nos diz que chegou o momento  
de uma grande metamorfose...”

Rubem Alves

## Vivência transmasculina na hostilidade dos ambientes escolar e acadêmico

Luiz Fernando Prado Uchoa

Bacharel em Comunicação social habilitação em jornalismo e atualmente graduando em bacharelado e licenciatura em filosofia na Universidade Presbiteriana Mackenzie

Durante toda minha infância e adolescência, nunca soube ao certo o que havia de errado comigo era chamado por um nome, tinha de vestir certas roupas e ter determinados comportamentos por simplesmente ter nascido no gênero feminino. Mas, nunca me perguntaram se eu me sentia como uma MENINA.

Meu corpo não se encaixava naquele local repleto de adolescentes ávidos por expressar sua sexualidade e perpetuar sua identidade de gênero como a única legítima e, por esta razão, era vítima constante de bullyings. Me refugiava nos livros e nas aulas para não ter que conviver com pessoas da minha idade assim evitando me deparar com a minha diferença em relação a eles.

Nunca gostei das aulas de Educação Física elas reforçarem que voleibol era específico para meninas e futebol para os meninos. Isso me fazia sentir frustrado por nem me encaixar nestas práticas esportivas por ser gordo e usar óculos e, por estas razões, nem ser escolhido por nenhum dos dois grupos para participar das atividades.

Ouvia piadas constantes acerca de minhas roupas e da minha maneira de ser na escola. Só era procurado pelos outros e outras estudantes na época de provas para lhes auxiliarem com a dita cola nas provas. Nunca tive amigas e nenhum tipo de convívio mais estreito sendo que desconhecia essa conceitualização de transexualidade e até de homossexualidade.

Fui criado em uma família conservadora e assuntos acerca de gênero e sexualidade eram tabus e só entendi mais sobre eles fora do ambiente escolar. Um dia, na escola, na dita aula de Educação sexual, fui constrangido pela professora perante a classe. Ela me pediu para colocar camisinha em uma banana alegando que isto seria útil para o meu aprendizado em relação a métodos contraceptivos e de prevenção de IST/HIV/AIDS. Fiquei vermelho e a camisinha estourou e pedaços de banana saíram por todo lado.

Saí correndo dali para o pátio e chorei por muito tempo tentando entender a razão de tudo aquilo. Ao chegar em minha casa, relatei a minha mãe o incidente acontecido e disse que me retiraria daquela escola. Por um lado, fiquei aliviado em não lidar com aquelas questões e nem encontrar mais aquela professora. Só que não haver nenhuma outra vaga em unidade escolar correspondente a minha série tive de lidar por um ano inteiro com aquelas humilhações nas ditas aulas e sempre usado nos tais exercícios e algo acontecia de errado.

A professora fazia questão de questionar o meu jeito alegando que deveria ser mais feminina para atrair os meninos e ter uma vida sentimental e sexual semelhante à das minhas colegas de sala para assim ter uma adolescência típica e ser sociável.

O pesadelo nesse local estava longe de se encerrar quando um certo dia, rapazes

inventaram de me encurralar na porta do banheiro feminino para me ensinarem a ser mulher e, um inspetor ao invés de repreendê-los por esta atitude, os incitou alegando que aberrações deveriam ser corrigidas. Uma agressão sexual nem chegou a se concretizar devido a intervenção de uma faxineira que ali passava e viu meu desespero.

Inventei uma série de desculpas para a minha mãe no dia seguinte objetivando abandonar a escola que só me dava transtornos e me fazia sentir a pior pessoa existente. Nesse mesmo dia, fui comunicado que iríamos nos mudar devido ao meu pai ter conseguido emprego em outra localidade e esta foi a melhor notícia em meio aquele turbilhão.

Por esta razão teria de ser transferido e, isso logo foi conseguido por minha responsável ter conversado com a diretora sobre a mudança de resistência e ela prontamente, verificou nas demais unidades escolares uma que ficasse próxima de meu novo lar e a vaga foi conseguida.

Algum tempo depois, voltei a sofrer incômodos devido a tal aparência e o comportamento tidos e encarados com não femininos e apropriados para uma menina. Então, vivia isolado e quieto no universo dos livros almejando novas possibilidades em que pudesse ser eu mesmo.

Mesmo diante das dificuldades enfrentadas na fase escolar encerrei o ensino médio desejando ser professor. Percebia nisso, a oportunidade para impedir que crianças e adolescentes encarados como diferentes jamais sofressem nenhum tipo de bullying, preconceito e represália simplesmente por serem quem são.

Com o passar dos anos, muitas mudanças ocorreram em minha vida que me levaram a estudar dois anos de Ciência da Computação numa instituição privada, convivi em um curso no qual a maioria era homens. Estes duvidavam de minha capacidade intelectual em prosseguir nessa área devido a ser uma pessoa que aprendeu a desenvolver outras habilidades sem necessariamente estarem ligadas a ciências exatas e a ser mulher que não me curvava a ser um estereótipo proposto pela sociedade, em que devia aceitar a beleza como única alternativa de sucesso para vencer na carreira profissional.

Nos grupos de estudo os homens que se atreviam a realizar trabalho, eram vítimas de todo o tipo de represália por estarem com a dita sapatão, ou melhor, Maria Macho. Os professores nunca me indicavam para vagas de estágio ou indicações de bolsas de iniciação alegando que deveria melhorar o meu estilo de apresentação e a minha forma de ser para alcançar o sucesso profissional.

Devido a ter ficado desempregado fui impossibilitado de concluir o curso e, foquei no âmbito profissional por algum tempo ministrando aulas de Inglês e Espanhol em cursos de idiomas. Realizei parcialmente meu sonho de ser professor estando com aqueles jovens orientando-os no aprendizado de línguas estrangeiras. Só que em 2002, me encantei com a ideia de retomar meus estudos na área de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo. Era apaixonado pelas matérias do curso, alguns professores, umas poucas pessoas que fiz amizade na sala. Por outro lado, sofria preconceitos por ser diferente das outras meninas e explicitar isso cotidianamente com relação a orientação sexual que até este momento, me via como lesbica e, a maioria era heterossexual e cisgênera conforme o estereótipo feminino esperado socialmente.

Fiquei dois anos vivendo as sombras de uma pessoa que nem sabia de seu verdadeiro eu. Até realizar pesquisas sobre gênero e sexualidade e com isso, ter descoberto os motivos

de não me encaixar em lugar nenhum e, sempre me ver a margem. EU ERA UM HOMEM TRANS em uma sociedade cisheteronormativa que impõe modelos de masculinidade e feminilidade e quem ousar fugir deles será rechaçado.

Com o passar do tempo passei a utilizar o nome social nas baladas, amigos e até com a família. Na universidade nem havia portaria ou algo assim que me garantisse o uso dele nos trabalhos escolares, na lista de chamada ou obrigasse que os colegas me chamassem por ele.

Professores se reuniram para discutir o meu caso como se eu algo indesejado. Nunca me perguntaram como me sentir em relação a esse tratamento. Somente descobri dessa suposta reunião por uma professora que era engajada em questões de religiosidade de matriz africana e, para ela, a transexualidade era algo natural. Ela foi a única que desde sempre me chamou Luiz Fernando, a partir do momento, que declarei desejar ser chamado.

Desde então foi uma luta para conseguir ser reconhecido como Luiz Fernando pelos professores, colegas e coordenação do curso. Só obtive algum êxito neste reconhecimento ao conseguir ter uma aparência masculina graças a hormonioterapia realizado no Ambulatório de Travestis e transexuais, localizado próximo ao metro santa cruz.

Ouvia piadas constantemente de quem não era exatamente um homem pela ausência de um pênis e ter nascido biologicamente em um corpo feminino. Isso foi insuportável quando escolhi no sexto semestre trabalhar em uma pesquisa para o Trabalho de Conclusão de Curso que seria sobre transmasculinidade.

Uma semana antes da pré banca ouvi da coordenadora do curso que meu tema nem poderia considerado jornalístico e deveria abordar outra temática. Juntamente com o meu parceiro no trabalho realizamos uma pesquisa extensa sobre o tema e o projeto ao ser apresentado na pré banca obtive aceitação só teria de focar um modelo mais literário e realizar uma abordagem diferenciada.

Na realização do livro-reportagem sobre transmasculinidades enfrentei por parte da turma alegando que isso era falar de mim e não era considerado jornalismo e, que as pessoas nem desejavam saber dessas vivências. Mas, me mantive firme mesmo com poucas sessões de orientações ocasionadas por problemas pessoais da orientadora.

O grande dia da apresentação chegou e pensei que o auditório estaria cheio pela simples razão ter divulgado esta ocasião nas redes sociais. Porém, o auditório estava quase vazio e a coordenadora nem presente estava para prestigiar. Me senti desolado por ter pesquisado e trazido uma apresentação rica em recursos audiovisuais e preparado uma bela explanação do tema com a pretensão de clarear a plateia acerca do tema e ver o espaço as moscas, motivado por preconceito ao conteúdo.

Me considero um sobrevivente por ter me graduado e obtido a titulação de Bacharel em Comunicação Social com Habilitação em Jornalismo mesmo tendo enfrentado problemas financeiros e psicológicos no processo de construção do pensar acadêmico. Estas adversidades me fizeram compreender que a revolução no campo educacional só ocorrerá quando a educação for revista sob o ponto de vista infraestrutural, administrativo e pedagógico por ser inadmissível em locais de saber existirem profissionais despreparados para lidar com a diversidade humana existente fazendo com que crianças e adolescentes portadores de deficiências, LGBTQs, gordos, pertencentes a outros grupos étnicos/raciais e de religiões sejam vítimas de todo o tipo de violência que lhes farão rechaçar a estadia nestes

ambientes lhe impossibilitando de acessar e permanecer em escolas e universidades fazendo com que estejam em constante estado de vulnerabilidade social e psicológica.

Na contramão de todo o sofrimento provocado nestes ambientes hostis a diversidades resolvo que para contribuir no projeto de uma educação libertária e igualitária é necessário ocupar espaço e, parto rumo á uma segunda graduação pautada em ambiente escolar e pesquisa acadêmica na área de filosofia por entender que esta disciplina é essencial em qualquer debate político-social e, também, por gostar de desafios realizo meus estudos na Universidade Presbiteriana Mackenzie, campus Higienópolis – São Paulo, um local altamente religioso e conservador visando construir pesquisas no campo filosófico nas áreas de gênero e sexualidade utilizando demarcadores sociais como etnia/raça, classe social, geográfico e histórico contribuindo assim, efetivamente no desenvolvimento de uma escola plural.

Disse a flor para  
o pequeno  
príncipe: é  
preciso que eu  
suporte duas ou  
três larvas se  
quiser conhecer  
as borboletas.

ANTOINE DE SAINT-  
EXUPÉRY



## Sabores e Dissabores da Vida Profissional

Paula Beatriz de Souza Cruz  
Diretora de Escola

Esta é minha autobiografia, minha vida e a identidade que foi se forjando com os estudos, o trabalho, na relação com as crianças, na troca de experiências com os colegas. É uma conversa, é um diálogo com os teóricos que me permitiram buscar saídas e que fizeram escolher caminhos para que o processo do conhecimento acontecesse. É meu curriculum vitae determinado ora pelo currículo bancário e conteúdista dos primeiros anos de formação até a tomada de consciência e percepção das conexões entre os significantes, a identidade e o poder.

Desde minha infância percebi que era diferente, pois apesar de ter nascido com a genitália masculina, sempre me senti como sendo do sexo feminino porque meu comportamento e desejo eram idênticos de uma menina. Nunca gostei de futebol e/ou brincadeiras de meninos. Brincava muito de escolinha ou então fazia leituras e ouvia músicas interpretadas por mulheres. Os problemas vieram na fase escolar, pois era chamada de “bicha” e “viadinho” por todos na escola pública estadual, mas com o passar do tempo percebia cada vez mais que não era homem.

Enfim sou Paula Beatriz de Souza Cruz, 46 anos, mulher transexual, negra, militante independente dos movimentos sociais, políticos, educacionais e culturais LGBT.

Sou professora na rede municipal de São Paulo há 28 anos e, atualmente, estou readaptada. E, também, atuo na rede estadual há 29 anos, sendo que no cargo de diretora de escola estou há 20 anos. Sou pós-graduada em Gestão Educacional pela UNICAMP e em Docência do Ensino Superior pela Universidade Estácio de Sá.

Neste contexto, encontro-me vivendo papéis diferentes num mesmo momento de vida. É sob tais condições que repenso minhas experiências tanto como professora/diretora, quanto como aluna. Busco aproximações entre papéis sociais que foram construídos de modos antagônicos: sempre gostei de estudar, de ser estudante e, sempre quis ser professora. No entanto, cá estou, apresentando-me como tal...

Que caminhos percorri para chegar até aqui? O que me levou a exercer um ofício jamais imaginado/desejado? Ironias do destino ou resultado das condições sociais de vida que tive/tenho? É o que pretendo revelar, através das memórias narradas, tanto para os leitores destes escritos, quanto para mim mesma.

Do lugar de professora, e também do lugar de aprendiz, procuro os significados das vivências que me constituíram como profissional da educação. Mais uma vez, sou influenciada pela obra de Machado de Assis, pois início a "contação" da minha trajetória de vida pelo que sou agora. Contudo, diferentemente de Brás Cubas, personagem que escreve suas memórias depois de morto, tenho a meu favor a possibilidade de rememorar no presente, enquanto a dinâmica da vida permite o rever, o repensar, e o refazer.

Neste pressuposto, retomo Magda Soares, para fundamentar o sentido que seguirá minha narrativa:



*Procuo-me no passado e "outrém" me vejo; não encontro a que fui, encontro alguém que a que sou vai reconstruindo, com a marca do presente. Na lembrança, o passado se torna presente e se transfigura, contaminado pelo aqui e o agora (2001, p. 37 grifos da autora).*

Dessa forma, reconheço-me no outro e com o outro, tecendo redes de interações que apontam os modos pelos quais me constitui/constituo como professora/diretora.

Relembro cenas da infância nas quais brincava de "escolinha", e eu sempre como professora; recordo-me das "aulas" de reforço que dava aos meus colegas da escola; revivo a paixão e a alegria de estar estudando, de frequentar um espaço educativo. Apesar disso, lembro-me de "querer" ensinar, de responder com convicção quando perguntada sobre o futuro profissional quando crescer serei professora.

Logo que iniciei a prática da docência senti necessidade de buscar teorias que justificassem minha prática, resolvi fazer faculdade, especificamente o curso de Pedagogia, não somente pela busca teórica, mas por vários motivos dentre eles a certificação, melhoria de salário, pontuação e por "status".

No exercício da profissão de diretora de escola sou capaz de construir e desenvolver a convivência democrática na comunidade escolar, fazendo uma viagem para dentro de mim mesma e me indagando, honestamente, se é o caminho de minha realização profissional. E o desenvolvimento de habilidades de liderança de um gestor é pessoal, mas depende de articulações adequadas entre características pessoais e capacidade de aprender com outros.

Reconheço qualidades necessárias dos gestores como líder que constrói e desenvolve a convivência, tais como:

- ✚ Seriedade e responsabilidade na execução do trabalho;
- ✚ Disposição para mudança: estímulo a um clima propício à transformação nos processos de trabalho e na realidade da escola;
- ✚ Dedicção: execução do trabalho com afinco;
- ✚ Espírito de equipe: capacidade de obter resultados em grupos, gerando satisfação de todos;
- ✚ Pontualidade: preocupação com o cumprimento de horários e prazos;
- ✚ Reconhecimento: valorização do mérito das pessoas e da equipe, na realização das atividades;
- ✚ Cooperação: clima de ajuda mútua entre os envolvidos;
- ✚ Flexibilidade: capacidade de adaptação a novas situações;
- ✚ Consideração e preservação dos usos e costumes da organização: procurar saber as estratégias que deram certo no passado;
- ✚ Preparo para lidar com decisões problemáticas que contrariam interesses de pessoas, grupos ou entidades;
- ✚ Clareza sobre os motivos que o levaram a assumir o cargo atual e sobre as expectativas que seus colaboradores dirigem a você;
- ✚ Busca de envolvimento e participação das pessoas ligadas ao processo decisório.

Recebi vários títulos, homenagens e aprovações em concursos na minha trajetória:

- ✚ 1990 – Aprovada no Concurso Público de Professor I – Secretaria de Estado da Educação de São Paulo.
- ✚ 1991 - Aprovada no Concurso Público de Professor Titular de Ensino Fundamental I – Secretaria Municipal da Educação de São Paulo.
- ✚ 2005 - Aprovada no Concurso Público de Diretor de Escola – Secretaria de Estado da Educação de São Paulo.
- ✚ 2014 - Homenageada no IX Encontro Sudeste de Travestis e Transexuais com o 1º Prêmio Telma Lipp – Categoria: Educação.
- ✚ 2015 - Homenageada no mês de comemoração do Dia da Mulher “Mulheres que lutam” pela Diretoria Regional de Educação de Campo Limpo.
- ✚ 2016 - Homenageada na 4ª SPTransvisão – Dia da Visibilidade Trans (29 de janeiro) com o Prêmio Claudia Wonder e pelo PapoMix Prêmio com o Prêmio PapoMix Diversidade – 5ª edição – Categoria: Personalidade Transexual.
- ✚ 2017 - O Ministério da Educação e a Secretaria de Estado da Educação de São Paulo divulgam que sou a primeira Diretora de Escola da Rede Estadual de Ensino do Estado de São Paulo.

Em meio a tantas dificuldades que encontro ao longo da caminhada, a paixão que tenho pela educação se mantém viva dentro de mim todos os dias; as dificuldades fazem com que ela se esfrie, mas fica uma pequena chama que sempre reacende, hora mais forte, hora mais fraca, mas tenho certeza que esta jamais morrerá dentro de mim. É isso que não me faz desistir, foi isso que fez chegar até aqui e seguir mais adiante. *“O que se tornou perfeito, inteiramente maduro, quer morrer”*. Nietzsche

Enfim, são vinte e nove anos de magistério marcados de momentos de alegria e de tristeza. Felizmente muito mais de alegrias do que de tristezas.

A tristeza que tenho é em saber que a violência ronda não só a escola como a sociedade, porém tenho a convicção de que muitos dos problemas existentes poderiam ser resolvidos através do ato de educar, como ressalta Carlos Rodrigues Brandão:

*Fomos um dia o que alguma educação nos fez. E estaremos sendo, a cada momento de nossas vidas, o que fazemos com a educação que praticamos e o que os círculos de buscadores de saber com os quais nos envolvemos está continuamente criando em nós e fazendo conosco.*

Foi-se a professora Sonho, mas a professora Esperança ficou e, nesta minha lembrança ou memória, a violência paira e permanece não só no cotidiano da/na escola, como no cotidiano pessoal e social.

Violências que geram mais violências e questionamos: E o futuro?

Futuro que está muito mais próximo do que da própria realidade na qual vivemos em um conflito que *“configura a interação entre jovens e instituições do mundo adulto”* (Sposito: in Silva, 2005, p. 255) e *“coloca a própria escola no campo da investigação e da*

*análise crítica, posto que ela é campo privilegiado*” (Silva, 2005, p. 255) e por ser privilegiado e estarmos nele, precisamos ter olhares diferentes e serão estes olhares que promoverão as alegrias: ver as professoras, os alunos, os funcionários, os pais e a comunidade felizes e estar, também, feliz.

E o encanto das crianças que estão presentes no meu cotidiano escolar mostra que para o futuro é primordial que estejamos atentos a tudo e podemos não atingir a todos, mas um que seja transformado fará grande diferença neste mundo, no qual as desigualdades sociais, políticas, educacionais, econômicas estão tão presentes. O ser diferente é muitas vezes fazer a diferença nesta sociedade tão complexa e rodeada de paradigmas.

Concluo desta forma, que não devemos jamais permitir que a professora Esperança morra, se parta, pois, apesar de seu sofrimento e tristeza, é a que nos permite ter outros olhares e ver o diferente de outra forma e apenas o saber da ex-per-iência, aquele que percorre uma ex-istência, é capaz de, na abertura, na disponibilidade, na incerteza, na paixão, no padecer, na paciência, na lentidão, ir produzindo sentidos ao que está por-vir interminavelmente em cada vida singular. (Andrade, 2005. p. 260).



“A vida tem sua própria sabedoria. Quem tenta ajudar uma borboleta a sair do casulo a mata. Quem tenta ajudar o broto a sair da semente o destrói. Há certas coisas que têm que acontecer de dentro para fora”.

Rubem Alves

## **(Re) lembranças de minha Educação Básica**

Catarina de Cassia Moreira

Em minha trajetória acadêmica, principalmente, nos estudos realizados no Curso de Pedagogia da Universidade Federal do Maranhão, pude perceber que a realidade educacional do Brasil não é em sua totalidade inclusiva. Pois grupos específicos, alguns deles marcados pelas lutas de emancipação, são excluídos socialmente, e muitas vezes proibidos de frequentar os espaços formais de educação.

Dentre estes grupos sociais, podemos destacar a comunidade de pessoas Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer e Intersexo (LGBTQI), que historicamente sofreram, e ainda sofrem, com preconceitos e discriminações em diferentes instâncias sociais, das quais alguns de seus agentes tolhem a liberdade de expressão dos indivíduos, lhes impedindo de exercer direitos básicos de cidadania e restringindo-lhes o uso dos bens públicos como saúde, lazer e educação, conseqüentemente sofrendo com a repressão social.

Como esclarece Foucault (2015, p. 8) “a repressão funciona, decerto, como condenação ao desaparecimento, mas também como injunção ao silêncio, afirmação de inexistência e, conseqüentemente, constatação de que, em tudo isso, não há nada para dizer, nem para ver, nem para saber”. O autor delimita em seu discurso na obra “História da Sexualidade: a vontade de saber” as repressões sofridas pelas denominadas “sexualidades ilegítimas”, bem como as relações de poder que as permeiam. A diversidade sexual e de gênero designada como LGBTQI, se estabelecem neste grupo de pessoas reprimidas, as quais têm sua existência negada, fadadas a condenação, por não se enquadrarem ao padrão de heteronormatividade estabelecido pela sociedade.

Neste ensejo, recordo-me que a minha infância foi uma das etapas menos dolorosas, no sentido de ainda não perceber ser discriminada. Nela pude expressar de forma mais simples e sincera a minha expressão de gênero feminina. Nas brincadeiras, sozinha ou com alguns/mas primos/as, não havia certa vigilância sobre o que era legalmente legítimo a meninos ou as meninas em minha família. De futebol, as brincadeiras de casinha, pude viver este momento de minha vida de forma intensa, pois os olhares ainda permeavam a infância com devida inocência, e qualquer “erro” de identidade, acreditavam que poderia ser “consertado” com o tempo.

Filha única, criada na supervisão da mãe, avó, tios e familiares que moravam aos arredores. Sempre fui muito bem assistida, no que tange as necessidades básicas da infância. As figuras masculinas eram múltiplas em meu cotidiano. Dessa forma, a falta de “exemplos” não justificaria a dissonância entre o sexo biológico e a identidade de gênero.

Meu primeiro contato com o mundo trans partiu de pesquisas na internet. Ansiosa por me identificar encontrei-me em um blog intitulado “O diário de uma sereia” o qual tratava desde as questões de aceitação familiar até a indicação de hormonização e cirurgias reparadoras. Foi um marco importante na minha vida, atribuo à escolha da sereia como personagem comparativo à mulher trans pelo fato de ter sido uma correlação de extrema significância a minha história de vida.

O tempo passou e a vida escolar era inevitável, minha família colocava muitas expectativas sobre a formação que teria. Vale ainda comentar que até a terceira série do

Ensino Fundamental (organização estabelecida pela Lei Federal nº 9.394/1996) mudei de escolas diversas vezes, por motivos de deslocamento de bairros, contudo, recordo-me desta etapa em poucos detalhes. Lembro-me com mais clareza quando era estudante de uma grande rede de ensino particular do Brasil, desde a quarta série até o terceiro ano do Ensino Médio, me deparava com uma realidade hostil e de excessivas proibições – no que diz respeito à liberdade de expressão. Jovem e muito tímida, minha identidade feminina era latente até nas manifestações mais simples do dia-a-dia, como por exemplo, o andar e o falar.

Entretanto o medo da violência e da repressão fazia com que em certos momentos eu me contivesse especialmente nas apresentações de trabalhos, em conversas com grandes grupos, ou quando me deparava com um grande público. Percebia que tais mecanismos me preservaram de sofrer algumas agressões físicas e psicológicas.

Socialmente a minha identidade de gênero não se adequava a “designação biológica”, em palavras mais populares “era uma menina em corpo de um menino”. Algo socialmente não permissível e totalmente imoral, segundo as normas de uma sociedade heteronormativa e patriarcal. Então me perguntava: como poderia existir um ser humano com essas características? Haveria a possibilidade de romper os padrões socialmente estabelecidos em uma sociedade totalmente cisnormativa?

Lembro-me de uma situação corriqueira assim como algumas jovens colegas, também sentia o desejo de demonstrar a minha feminilidade com adereços e cosméticos, designados socialmente às mulheres. Em algumas ocasiões, escondida de minha mãe e dos meus familiares, em um dos banheiros pouco frequentados da escola, realizava ali alguns de meus desejos, isso com a ajuda de poucas amigas que se solidarizavam com os meus pedidos, maquiando-me e enfeitando-me com bijuterias ou outros adereços femininos.

Naqueles momentos, ao mesmo tempo em que sentia um sentimento de libertação, o medo pairava a minha mente, haja vista que comumente as coordenadoras e supervisoras – sim, todas do gênero feminino – me chamavam atenção em meio aos corredores e na sala de aula, me alertando a não utilizar as determinadas “coisas de menina”. Entretanto, suas falas pareciam vazias e pouco objetivas, pois não havia um “porquê” das proibições. Contudo, as “práticas pedagógicas” provenientes de concepções estritamente pessoais e conservadoras, davam subsídios necessários à vigilância e à punição, como afirma Foucault (1987) em sua obra *Vigiar e Punir*.

Além da gestão escolar ser um modelo repressor, os/as alunos/as pareciam entender que o que era diferente, deveria ser chacoteado ou até mesmo vandalizado. Louro (1999, p. 28) esclarece que os “meninos e meninas aprendem, também desde muito cedo, piadas e gozações, apelidos e gestos para dirigirem àqueles e àquelas que não se ajustam aos padrões de gênero e de sexualidade admitidos na cultura em que vivem”. Os corpos eram extremamente observados e regulados pelos grupos de crianças e jovens; a aprendizagem das pedagogias repressoras não partia apenas do ensino na escola, mas, também, eram reforçadas nas famílias, sendo estas compostas, em sua maioria, pelo núcleo familiar burguês, ou fragmentos dele.

Havia naquela época uma menina trans, também tolhida pelas instituições (escolar e familiar) e ouviam-se relatos de agressões sofridas por ela, bem como o rumor de um abuso sexual no banheiro na escola. Esta seria outra questão a refletir: como meninas e mulheres

cisgêneras se sentiriam frequentando um banheiro masculino? De fato, podemos deduzir que grande parte ou até, mesmo, todas se sentiriam ameaçadas, em uma sociedade machista, onde homens – em sua grande maioria – acham que obtém poder sobre os corpos femininos. Com a mulher trans não é diferente, o sentimento de medo nos contempla nestas situações.

O medo de sofrer abusos ou agressões fazia com que eu diminuísse as idas ao banheiro, o que possivelmente poderia acarretar sérios problemas de saúde. Naquela época, entre os anos 2003 a 2011, ainda não havia a disseminação e publicidade de políticas públicas, que subsidiassem a defesa de mulheres e homens transexuais. Todavia, atualmente esta situação vem se transformando, visto que as defensorias públicas articuladas aos movimentos sociais, vem desenvolvendo políticas em defesa e pela integração das diversidades na sociedade.

Recordo-me, ainda, que o diferente, o exótico, em minha época de escola, até podia ser “valorizado”, desde que o indivíduo se colocasse como uma espécie de “bobo da corte”. Geralmente o gay, a lésbica ou transgênero/a, deveria dar um retorno para se manter dentro os grupos. Em sua grande maioria imagina-se a mulher trans como um ser caricato, que a todo o momento propiciaria a diversão a uma plateia. Mas, se não houvesse “vocaçãõ” para tal atividade? Logo sofreria sanções, seria banida de determinadas atividades extraclasse, como festas de aniversário e outros passeios organizados entre amigos.

Com o tempo o respeito foi sendo adquirido, todavia havia um custo para esta “conquista”. Em meados do Ensino Médio, com auxílio dos tratamentos hormonais – a princípio de forma indiscriminada – as curvas e a pele já se pareciam com a das minhas amigas, que por destino biológico as obtinham naturalmente. Sobre esta questão, vale ressaltar Louro (1999, p. 15), quando diz que investimos muito em nossos corpos e “[...] de acordo com as mais diversas imposições culturais, nós os construímos de modo a adequá-los aos critérios estéticos, higiênicos, morais, dos grupos a que pertencemos”.

Com essa mudança em meu corpo, os meninos, tanto os cisgêneros, quanto os héteros, por mais tímidos que fossem, passaram a demonstrar mais respeito e interesse sexual por mim. Então, passei a perceber que não podia mais frequentar o banheiro masculino, por exemplo. Ao mesmo tempo, empenhava-me em vencer os obstáculos vivenciados, o que se refletia nas notas das disciplinas.

Passaram-se os anos, ingressei no ensino superior e me formei no ano de 2017, atualmente sou mestranda de uma grande universidade pública do Rio de Janeiro, entretanto os embates não findaram com tais conquistas, o direito de viver continua sendo requisitado às duras custas. Venci muitas transfobias, entretanto forcei-me em meio delas.

## REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 1: a vontade de saber**. Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. 3 ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir**. Trad. Raquel Ramalhete. Petrópolis: Vozes, 1987.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira (Org.). **O corpo educado – pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

## Educação: Arte, Resistência e Transidentidade

Owerbyson Woff

Educadora, Atriz/Performance, Graduada em Filosofia pela Universidade Estadual Vale do Acaraú- UVA

Aqui busco apresentar sucintamente um pouco da minha vivência como educadora trans na rede estadual e municipal, do município de Santa Quitéria, Ceará. Esses momentos foram nos anos de 2013 (ensino médio) e 2017 (ensino fundamental I e II), por mais que tentemos escrever sobre nossa trajetória sabemos que as palavras não são suficientes para dar conta da nossa subjetividade. E por outrora escrever é reviver cada momento com mais intensidade, que nos faz saber a alegria e a dor de ser quem somos, em alguns casos é bastante doloroso, mas é também instigante e desafiador.

Ser educadora trans no ensino fundamental I e II, não é uma tarefa fácil, necessitamos entrar em batalhas diárias, precisamos ser resistentes. Lidamos como muitas circunstâncias desagradáveis a primeira são os olhares de reprovações e questionamentos dos gestores escolares, dos pais e responsáveis, já escutamos diversas vezes e dita de diversas formas *“O que esse ‘homem’ vestido de ‘mulher’ está fazendo na escola?”*, *“Essa travesti é professora de meu filho/minha filha?”*, *“professora, para mim você sempre vai ser um homem”*.

A segunda, o preconceito descarado e mascarado dos docentes, principalmente os colegas professores, que em sua grande maioria estampam sua transfobia com piadinhas. A terceira, temos que lidar com as piadinhas transfóbicas dos alunos e olhares de reprovações. Sem esquecer que temos que provar a cada minuto que somos capazes de lecionar. A quarta, nossa vida íntima se torna alvo de especulações, questionamentos. Porém, ao refletir sobre esse *“virar alvo de atenção”*, notamos que os educadores cisgênero e heterossexuais não passam por esse constrangimento e invasão de privacidade, simplesmente pelo fato de ser heterossexual, pois essa subjetividade, esse corpo *“é uma realidade material que já foi situada e definida em um contexto social”* (SALIH, 2013, 105).<sup>1</sup>

Sofremos essa opressão, pois fugimos do binarismo de gênero, da coerência do gênero, aquilo que Butler vai definir como o gênero inteligível *“são aqueles que, em certo sentido, instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, prática sexual e desejo”*. (BUTLER, 2003, 38).<sup>2</sup>

O processo de ser educadora trans em uma cultura que em sua grande maioria nos tem como objetos sexuais e define o nosso nicho de trabalho *‘rainhas da noite’*. Ser uma educadora trans é colocar em visibilidade os tabus que giram em torno do ciclo educacional, onde o corpo e a identidade trans, denunciam a heteronormatividade que reside na nossa educação, educação essa que em sua grande maioria não nos liberta do conservadorismo e

---

<sup>1</sup> SALIH, Sara. Judith Butler e a teoria queer. Tradução Guacira Lopes Loura. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.

<sup>2</sup> BUTLER, Judith P. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Tradução de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 2003.

patriarcado machista. Onde devemos e somos orientados a falar sobre diversidade, porém não tocar em “sexualidades marginalizadas”, pois alguns acreditam que podemos influenciar ou deixar confusa a mente dos educandos. Com isso a cultura heteronormativa banaliza os nossos corpos e define o estilo e local onde devemos residir e até mesmo trabalhar.

Diante do contexto social em que vivemos ser uma educadora trans é uma incumbência árdua, principalmente porque a cultura predominante é que homem é homem e mulher é mulher, e daí vem à valorização ou um referencial de corpo, de identidade que não pode ser alterada.

No início de minha prática docente me deparei com diversas questões, na maioria formulada por alunos em relação ao meu corpo, como: *“tio, porque você tem unhas grandes?”*; *“Tio, cabelos grandes não é de mulher?”*; *“tia, essas blusas que você usa é de mulher?”*. São questionamentos que giram em torno do binarismo de gênero *“Azul é cor de menino”*; *“Rosa é cor de menina”*; *“Menina são sensíveis e frescas”* e *“homens não choram”*, com isso vemos que tais perguntas reduzem a sexualidade, deixando perceptível a reprodução de preconceitos e certa resistência em ‘aceitar’ ou ‘lidar’ com o diferente, que em sua grande maioria, tal resistência advém da formação familiar dos estudantes, pois a escola e a família “constitui um fator preocupante já que a escola, junto com a família, (...) constitui um forte agente na construção de parte significativa dos conceitos e preconceitos das novas gerações” (DINIS, 2011, p.47)<sup>3</sup>.

O aluno chega à escola, trazendo sua bagagem de casa, seja ela pré-conceitos familiar ou do meio social no qual estar inserida, nesse aspecto a escola tem como papel fundamental, trabalhar tais questões, torna-lo mais sensível ao ‘diferente’ e acima de tudo, trabalhar o respeito ao próximo.

O meu primeiro contato com os alunos do fundamental I e II foi de espanto e problematização. Primeiro dia em sala de aula, ouvi de um aluno, *“tia, tu é viado?”*; ao retrucar com a pergunta *“o que é viado?”*, ouço *“tia, viado é homem que quer ser mulher. Homem que gosta de se vestir de mulher”*. - Faço o questionamento *“É possível se vestir de mulher?”*. Tento explicar de forma simples e sucinta *“mulheres não são roupas que você pega e veste, sim, a tia é uma mulher, pois ao olhar para as coleguinhas verás que todas são diferentes e devemos respeitá-las por essas diferenças”*.

Butler (2003, p.143) nos confronta ao explicitar que *“ser sexuado é estar submetido a um conjunto de regulações sociais, é ter a lei que norteia essas regulações situadas como princípio formador do sexo, do gênero, dos prazeres e dos desejos”*. Logo o educador precisa estar submetido nessa regulamentação que norteia as relações sociais.

Ao longo do processo de docência, houve certa resistência tanto por parte dos estudantes, como da própria direção escolar. O processo de desconstrução acerca dessa resistência se fez diariamente, ora com propostas inclusas e volta para questões das diversidades de gênero, ora como respeito ao diferente. Onde em uma determinada aula de teatro (oficina), com as turmas do fundamental II foram propostas as seguintes questões, *“arte como forma de resistência”*; *“gênero uma questão da arte/teatro”* e nessa oficina, foi colocado algumas questões acerca do gênero, o tabu que gira em torno dessa palavra.

---

<sup>3</sup> DINIS, N. F. Homofobia e educação: quando a omissão também é signo de violência. Educar em Revista, Curitiba, n. 39, p. 39-50, jan./abr. 2011.



Partimos da premissa de que a arte é um dos mecanismos e meio para resistir, denunciar e colocar em evidências temas diversos. Onde a arte ao longo da história teve como papel fundamental, a resistência e denúncia, ora na música, ora na dança, ora no teatro ou performance.

Logo ao fazer um aparato geral das problemáticas no contexto contemporâneo, notamos que tratar dessas questões tidas como ‘tabu/proibido’, deixando claro que é um assunto de extrema importância e urgência, no ‘cistema’ educacional, como coloca Louro (2010, p. 30) “A escola é, sem dúvida, um dos espaços mais difíceis para que alguém “assuma” sua condição. (...) O lugar do conhecimento mantém-se, com relação à sexualidade, o lugar do desconhecimento e da ignorância”<sup>4</sup>. Principalmente para futuros alunos e educadores trans masculino/feminino e não binária ou qualquer nomenclatura que faça fuga do binarismo dualista de gênero.

Tratar dessas temáticas torna-se problemáticas, pois tanto os responsáveis dos estudantes, como a gestão escolar muitas vezes ficam e/ou estão alheio ao assunto sobre gênero. Às vezes por ignorância e/ou falta de informações acerca do assunto e acabam deduzindo que, ao abordar certos temas em sala de aula, é uma atitude que busca “influenciar” sujeitos a seguirem certo comportamento, ou a terem certa ‘prática sexual desviante’, tendo em vista que é uma concepção errônea, criada por grupos conservadores e religiosos, que busca impedir o esclarecimento, o avanço da abordagem dessas questões. Cito como exemplo um fato marcante, onde durante a abordagem sobre ‘arte e resistência’, um dos estudantes se posicionou contra relacionamentos homoafetivos e transidentidades. Perguntei o porquê, e ao ser questionado por que ser contra, ele argumentou: “Porque isso é feio, vai contra os princípios religiosos, segundo minha mãe isso é pecado, porque Deus criou o homem e a mulher”. Encerrando sua fala, respondeu ironicamente: “Dois homens não podem ter filhos!”.

Ao contra argumentar, com bases na Teoria Queer, fica claro que esse discurso é falacioso e preconceituoso, pois uma mulher trans e um homem trans podem se reproduzir. O mesmo exemplo vale para um homem cisgênero gay e um homem trans gay, podem se reproduzir. Da mesma forma ocorre com uma mulher cisgênero lésbica e uma mulher trans lésbica.

O que ficou de lição, que por mais que tenha certas resistências na abordagem de certos temas por parte da direção escolar, no final houve uma cumplicidade em sancionar e não deixar passar despercebidas questões ligadas ao racismo, discriminação ao diferente. Ao chegar a resta final do ano escolar, fizemos uma avaliação do que ocorreram durante o ano, problemas que surgiram, dúvidas que se fizeram presentes durante o ano, como poderíamos trabalhar isso, no ano seguinte, e uma das questões proposta foi trabalhar a questão da inclusão e respeito ao diferente, com isso lembro-me do posicionamento da gestora escolar (Diretora), onde a mesma se posicionou: “Que poderia não concordar, mas que se deve o respeito, e ela, enquanto diretora iria lutar para garantir respeito”. E acrescenta encerrando uma de suas falas “Uma das funções do educador é contribuir para que a criança ou o adolescente cresçam em um mundo mais justo e igualitário”.

---

<sup>4</sup> LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.) *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010. p. 7-34.

Com isso, todos saem ganhando ao lutar por uma educação libertadora, inclusa e humanista. Embora tenhamos um longo percurso a traçar, onde a educação é sem dúvida o melhor caminho a pautar questões diversas (gênero, feminismo, negritude, juventude periféricas, bullying na adolescência, respeito ao próximo etc...). Precisamos investir no diálogo com pautas e propostas, incluindo o respeito ao próximo e a dignificação humana. O sistema educacional, incluindo a escola, tem as ferramentas necessárias, para cavalgar um percurso de esclarecimento e uma pedagogia libertadora das amarras binárias, discursos machistas e misóginos. Potencializando as expressões subjetivas, priorizando a fluidez de ser e batalhar arduamente para que se criminalize qualquer discurso que oprima e constranja a naturalidade de ser “diferente”.



“Não haverá borboletas se a vida não passar por longas e silenciosas metamorfoses”.

Rubem Alves

## Eu sou professora. Travesti, e professora

Lua Lamberti de Abreu

Graduada em Artes Cênicas - Licenciatura em Teatro, pela Universidade Estadual de Maringá (UEM),  
mestranda na mesma universidade no departamento de teorias e práticas da Educação (DTP-UEM).

Voltar ao ambiente escolar, depois de tanto tempo, foi uma sensação confusa. Especialmente na condição de professora. Sentia nostalgia, angústia, animação. Não demorou muito e o sentimento tornou-se um constante não pertencimento. Não ler em seus documentos, crachá e livros de chamada o seu nome, e ter sua identidade sequer concebida por colegas de trabalho, é, no mínimo, perturbador.

Entendo que muito disso vem de uma falta de preparo, ou sequer contato, com as discussões de gênero, diversidade sexual, feminismos e direitos humanos. Mas ainda assim incomodava. Saber de algo não faz, necessariamente, aquilo incomodar menos.

Não fui violentada de nenhuma outra forma, senão a da malícia inocente nos discursos reproduzidos sem consciência, entre outras formalidades, cumprimentos, conversas de corredor. No geral, a equipe era de um todo simpática.

Evidentemente, eu tinha medo. Tinha medo de falar algo e ser demitida. Tinha medo de sofrer um processo, ou algo assim. E tinha vergonha, de militar por direitos LGBT e abaixar a cabeça para o nome de batismo que pagava minhas contas. Dessas coisas que fazemos quando ainda ouvimos as opiniões de terceiros/as sobre nós mesmas mais do que a nossa própria opinião.

Notei que quando a gente é verdadeira com a gente mesma, as pessoas precisam de menos explicações, e mais conversas. Já havia passado por situações de sala de aula nas quais eu ministrava curtas oficinas ou workshops, nada mais que dois, ou três dias no máximo, e muitas pessoas que abertamente me falavam que nunca tinham visto uma travesti, não demonstravam dificuldades em lidar comigo. Só que no colégio, eu viria a ficar um ano com a turma. E isso, ah, isso muda tudo.

Eu achava que a parte que poderia ser exponencialmente problemática seria dentro de sala de aula. Não conseguia imaginar uma reação possível das crianças. E, de fato, nosso primeiro contato foi gélido e técnico. A turma não gostava muito de mim, fato que vim a confirmar no final do ano, e que era atribuído à minha personalidade dura, técnica, e até ríspida.

Com o decorrer das aulas, evidentemente, muitas coisas mudaram. Laços foram se firmando, e carinho, e respeito, e uma intimidade muito peculiar de alunas e professora, que é jovial e sublime. Nosso grupo de teatro era próximo, éramos queridas umas às outras, o que levou as alunas, e até suas mães, às redes sociais.

Era o fim, pensei. O que mais poderia dar errado? Crianças católicas encontrando minhas redes sociais: travesti, artista, fumante, militante, Drag Queen... Para minha surpresa, a pergunta em sala de aula foi se poderiam me chamar pelo meu nome das redes. Falavam com receio. Como se soubessem que era um segredo entre nós (e não com a internet, a ser acessada em qualquer lugar do mundo com conexão), e que não poderiam expressar aquele nome perto dos outros, além de nós. O que fazia sentido, sendo que era assim que eu me apresentava a elas.

E os meses voavam. Conforme aquelas crianças faziam eu me sentir bem recebida sendo eu mesma, mais e mais eu ia vestida de mim mesma para a escola. Que sensação, entrar naqueles muros, antes nostálgicos em tons de sépia, e agora poder colorir com a minha paleta.

Logo, nem as crianças tinham medo de me chamar pelo meu nome no pátio, e na frente de outras colegas e professoras. As mães vinham me cumprimentar no final das aulas, dar boa noite, e me chamavam pelo meu nome.

Ensinar teatro dentro da escola costuma ter uma recepção diferente da parte das crianças. De maneira geral, são aulas em que jogamos juntas, sentamos em roda e andamos descalças, dentre todos os outros conteúdos e exercícios. Quero dizer, desperta o interesse de muitas crianças que passam o dia todo sentadas olhando para o quadro.

Nos dias da apresentação de final de ano, bastante aguardada pelas crianças, que apesar de concordarem que o processo é tão importante quanto o espetáculo, e, por que não, até mais?, convidavam colegas, amigos e amigas, familiares e professoras com bastante animação.

Enfim, apresentamos, tivemos fotos de grupo, com pais e mães e tias e avós, e amigas e amigos e colegas, e com a professora. As famílias tiravam foto de suas filhas e filhos, com a professora travesti. Parece algo tão pequeno, mas muitas vezes são os detalhes que contam uma história.

Sei, sim, que apesar do marcador travesti, eu ainda tenho privilégios quanto aos marcadores raça, etnia, classe social, educação, espaços por onde transito, enfim, coisas que nem todas as travestis compartilham entre si. O que me faz pensar que se eu, com esse leque de privilégios para me abrir algumas portas que o marcador travesti fecharia, tinha tanto medo da recepção que teria na escola, isso pode ser imensuravelmente mais difícil para pessoas com mais marcadores.

Entretanto, é ainda notável que a recepção desta travesti em um colégio da rede particular tenha sido dessa forma. De dentro pra fora, empoderada pelas crianças para ser menos vigilante consigo mesma. Não ter receio de ser quem se é, isso tem poderes mágicos. Contar essa história atualmente é prazeroso, um deleite. Ela teve um final feliz. Ao dizer à turma que não voltaria a dar aula, eu recebi lágrimas saudosas. Senti um desespero de saber que não veria aquelas crianças se tornarem adultas, mas o afeto aquece os sótãos da saudade.

Antes, para dar aula, eu precisava remover meus esmaltes, limpar o batom da boca e vestir calças. Hoje, eu cumprimento ex alunas de saia, salto alto e até montada de Drag Queen. O respeito que elas têm por mim não foi, como não deveria ser desde o início, afetado pela minha performance de gênero.

E, recentemente, para minha surpresa, uma ex aluna me convidou para ir de Drag em sua festa de quinze anos. Disse que sabia que não poderia me ver de Drag Queen normalmente, e seria uma realização eu ir até ela montada.

Mal sabe ela que a realização foi esse convite. Foi o abraço de despedida no fim das aulas. Foi ouvir a palavra transfeminismo (a qual eu mesma não havia usado em sala de aula) de uma criança, que sorria para mim. Coisas como essa fazem a gente não perder a esperança. Aquelas crianças saborizaram meu ofício, e sanaram as minhas dúvidas: eu sou professora. Travesti, e professora.

## Trajetória e história de vida de professoras em Rondônia: visibilidade e pedagogia trans

Kary Jean Falcão<sup>5</sup>

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/PUC-RS  
Rondônia, Brasil

E-mail: [karyfalcao@yahoo.com.br](mailto:karyfalcao@yahoo.com.br)

### Resumo

Trata-se de um projeto de pesquisa empírica para investigar a trajetória e história de vida de professoras travestis e transexuais nas escolas públicas do estado de Rondônia como articuladoras nos processos de afirmação de identidade a partir de um estudo biográfico com abordagem participativa. O delineamento da pesquisa baseia-se no levantamento de informações a partir de entrevistas com as professoras participantes e a elaboração de um estudo biográfico com abordagem de pesquisa participante que será realizado por 05 (cinco) professoras trans que atuam nas escolas públicas de educação básica de Rondônia sobre a história de vida e memória de uma professora que vivenciou os mesmos processos de construção de identidade na década de 1980.

**Palavras-chave:** Pedagogia. Gênero. Identidade. Travestis e transexuais.

### Introdução

A pesquisa a ser realizada é um estudo descritivo sobre a trajetória escolar e profissional de professoras travestis e transexuais em Rondônia bem como os processos de afirmação de identidade e as contribuições pedagógicas na participação destas profissionais na escola. Trata-se de um estudo empírico e transversal a partir dos resultados de entrevistas e de grupos focais com as participantes.

O projeto de tese prevê dois estudos que se estruturam a partir de uma pesquisa participativa na elaboração de um estudo biográfico e uma pesquisa empírica com a trajetória educacional e profissional e as contribuições pedagógicas nos processos de afirmação de identidade de estudantes e docentes com as seguintes etapas: a) método de pesquisa participativa e estudo biográfico; b) histórias de vida e memórias; c) utilização de visuais em pesquisa qualitativa, e; c) entrevistas e grupo focal.

Quanto aos critérios de escolha das participantes da pesquisa, a princípio professoras travestis e transexuais foram identificadas por informações cedidas pelo setor de Tecnologia da Informação e Comunicação da Secretaria de Estado da Educação de Rondônia que confirmou nos protocolos a notificação de 02 (duas) professoras requerendo a alteração do nome social no Sistema Eletrônico de Diário de Classe. Estas professoras foram convidadas para participar do estudo e indicaram as demais participantes. Em relação a escolha da Professora Sandra para o estudo biográfico, o critério adotado revela-se na resistente participação desta professora na década de 1980 na docência nos anos iniciais e nas práticas pedagógicas envoltentes com danças, malabarismos, uso de fantasias e atividades circenses

---

<sup>5</sup> Doutorando em Psicologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC/RS. Mestre em Ciência da Linguagem pela Universidade Federal de Rondônia – UNIR. Membro do Grupo de Pesquisa Preconceito, Vulnerabilidade e Processos Psicossociais – PVPP. Endereço Eletrônico: [karyfalcao@yahoo.com.br](mailto:karyfalcao@yahoo.com.br).

que são lembradas por ex-alunos, gestores, professores e amigos próximos.

### **O método**

A metodologia de pesquisa com a utilização de visuais tem como referência os estudos de Banks (2009, p. 15), que segundo o autor, a utilização de imagens, filmes, fotografias e pinturas valorizam a onipresença que as imagens representam na sociedade bem mais do que qualquer outra forma de ser dito, quer seja com vestuários, música ou outra representação. Por este motivo, o vídeo propõe abordar a trajetória educacional e profissional e a história de vidas de professoras transexuais e travestis dando mais ênfase nas imagens e registros fotográficos do que nos depoimentos, fala e escrita. A utilização de vídeos e imagens em pesquisa qualitativa consiste na função social que é incorporada nas etapas de análise dos dados gerados a partir de visuais com uma conexão pessoal objetivando revelar conhecimentos sociológicos que não estão acessíveis em outros meios. (Banks, 2009, p.18).

Entretanto, para Flick (2004, p. 166) os vídeos e imagens influenciam nas realidades cotidianas e na construção de novas realidades não só nas experiências sociais e históricas, mas também na formação de valores. A análise dos dados gerados pelos vídeos e filmes que são utilizados em pesquisas qualitativas, de acordo com Denzin (1989, p. 230 citado por Flick, 2004, p. 167) decorre de dois níveis de significação: a leitura realista e a leitura subversiva. Para o autor, a análise dos vídeos passa pelas etapas de codificação, categorização e interpretação, e todo material visual deve ser transformado em textos.

O primeiro estudo proposto será desenvolvido com a participação dos familiares, amigos próximos, professores, gestores e representantes do movimento sindical de uma professora que trabalhava em uma escola pública da década de 1980. Este estudo tem como objetivo a compreensão histórica dos processos de afirmação da identidade trans vivenciados em uma década onde as concepções a respeito das diferentes formas de orientação sexual e de identidade de gênero eram desconhecidas. Bosi (2003, p. 113) diz que é o “gesso do estereótipo que perpetua lembranças” e o trabalho com história de vidas e depoimentos orais traz para a pesquisa uma sensação de infinito que mais tarde se confunde com uma situação lacunosa. Segundo a autora, o estudo com história de vidas, pode estabelecer uma relação entre as narrativas e os traços das máscaras que podem ser marcados pelos momentos e espaços privilegiados (p. 114). É importante ressaltar, que entre 1970 e 1980 haviam outras concepções a respeito das orientações sexuais e da identidade de gênero, que possivelmente tenha impossibilitado no amadurecimento da afirmação da identidade.

O estudo biográfico tem como interesse principal o construto da trajetória histórica de experiências vividas na década de 1980 em Porto Velho, Rondônia. A professora biografada é natural do município de Guajará-Mirim, cidade do interior do Estado de Rondônia e fazia uso do nome social Sandra. Lecionava em escolas públicas com turmas dos anos iniciais do Ensino Fundamental e era bastante conhecida entre os professores e gestores pela utilização de estratégias inovadoras em sala de aula. Nas atividades escolares, Sandra costumava incentivar seus estudantes em manifestações artísticas e culturais como: dança, música e a mais inovadora de todas eram as práticas circenses que aprendera a

dominar quando veio do interior para morar em Porto Velho capital de Rondônia.

Na década de 1970, o acesso a Porto Velho ainda era muito limitado devido as condições das estradas. O transporte para Porto Velho quando não era via terrestre acontecia de barco pelo Rio Madeira em longas viagens. Com isso, o circo quando chegavam na cidade traziam os seus artistas e também aproveitavam os artistas locais como forma de facilitar até mesmo poupá-los das longas viagens. Sandra possuía muitas habilidades artísticas e toda vez que o circo chegava na cidade ela ficava responsável em selecionar moças para trabalhar como dançarinas e ensaiava as coreografias com as mesmas. Com o tempo Sandra foi se aperfeiçoando e aprendendo novas apresentações com bambolês, bolas, equilíbrio e a principalmente com a pirofagia, cuspir fogo pela boca. Hoje existem técnicas menos invasivas para a pirofagia embora Sandra fazia com o uso de líquidos inflamáveis esguichando o fogo da boca e muitas vezes até ingerindo causando problemas para sua saúde. A professora faleceu no início da década de 1990 por complicações cardíacas sendo que muitos amigos e membros da família atribuem o falecimento ao fato de ter ingerido produtos inflamáveis.

A biografia será construída com a participação das 5 professoras travestis e transexuais que fazem parte da pesquisa a partir de espaços que Bosi (2003, p. 15) chama de “mediadores formalizados” contando também com a colaboração das instituições onde a professora esteve inserida: a família, a escola e o movimento sindical. Nesse sentido, o método científico mais adequado para a realização do estudo é a abordagem da pesquisa participante, que segundo Brandão e Borges (2007, p. 53), está alinhada ao envolvimento mútuo com o compromisso de ações sociais populares considerando que o método coloca “face a face” as pessoas e os agentes sociais.

A abordagem participativa insere o investigador dentro da situação investigada com a intenção de fortalecer a confiança entre os favoráveis, facilitar a coleta de informações buscar melhores “soluções as problemáticas vividas, envolvendo um processo de compreensão e mudança da realidade”. (Rocha, 2003, p. 66).

A pesquisa com utilização da história oral, Claudinin e Connelly (2011, p. 87) faz uso da experiência para narrar histórias de vidas e compreender e interpretar as dimensões pessoais e humanas que favorecem as intenções, por meio de narrativas, de como os indivíduos ensinam e aprendem. O reconhecimento do estudo com procedimentos de devolução e benefícios a partir de seus resultados como propõe Meihy (2002, p. 13), nesta pesquisa consiste em narrativas por meio eletrônico, vídeos, áudios e imagens fotográficas como facilitação na promoção do conhecimento de modo imediato.

De acordo com Breakwell (2010, pp. 247-248), para as visitas e entrevistas com familiares, professores, gestores e amigos próximos da Professora Sandra as estratégias utilizadas baseiam-se em roteiros elaborados e critérios de “tomar notas durante ou imediatamente após a entrevista” de modo seletivo com finalidade de facilitar a análise rápida e a pré-estruturação das categorias; acompanhado de gravação de áudio e visual.

### **Professoras travestis e transexuais participantes**

No momento as professoras serão identificadas através do número de 1 a 5 e também pelas suas respectivas idades de acordo com o Quadro 1 abaixo, que caracteriza as

professoras participantes da entrevista individual e dos encontros grupais. Após a realização das etapas da pesquisa, a assinatura do Termo de Consentimento Livre Esclarecido e o parecer consubstanciado do Comitê de Ética e Pesquisa – CEP da PUCRS, durante os resultados do estudo será utilizado o nome de todas as participantes.

Quadro 1

*Caracterização das professoras travestis e transexuais participantes*

<i>Identificação</i>	<i>Idade</i>	<i>Localidade</i>	<i>Formação</i>	<i>Rede</i>	<i>Área de atuação</i>
<b>Professora 1</b>	47 anos	Porto Velho, RO	Letras: Língua Portuguesa UNIR/Porto Velho – RO Mestranda em Letras	Rede Municipal	Ensino Fundamental de 6º ano 9º
<b>Professora 2</b>	32 Anos	Porto Velho, RO	História – Mestrado em História e Estudos Culturais UNIR/Porto Velho - RO	Rede Estadual	Ensino Fundamental de 6º ao 9º ano
<b>Professora 3</b>	27 anos	Machadinho do Oeste - RO	Pedagogia: Anos Iniciais UNIRON/Porto Velho - RO	Rede Estadual	Ensino Fundamental de 1º ao 5º ano
<b>Professora 4</b>	27 anos	Porto Velho - RO	Matemática/Univ ersidade Castelo Branco	Rede Estadual	Ensino Médio
<b>Professora 5</b>	37 anos	Porto Velho - RO	Letras Mestrado em Educação	Rede Estadual	Ensino Médio

**Fonte:** Elaborado pelo autor/2017.

Com as 05 professoras participantes será realizado um encontro focal com a duração de 1 hora para esclarecer as estratégias do estudo biográfico e os critérios do desenvolvimento do estudo. Importante salientar que no primeiro estudo as participantes serão integrantes nos procedimentos definidos no planejamento para a realização da biografia acompanhando as entrevistas com a família da professora biografada, nas escolas onde ela atuou, no movimento sindical e com amigos, professores e gestores. Estas visitas e entrevistas terão a duração de no máximo 45 minutos e cada participante deverá acompanhar o pesquisador em uma entrevista somente.



## Considerações finais

Participar desses processos mais amplos e contínuos, para Brandão e Borges (2007, p. 57) oportuniza estas professoras a “construção progressiva de um saber mais partilhado, mais abrangente e mais sensível às origens populares do conhecimento popular”. No encontro focal, haverá uma discussão teórica sobre os estudos de Bosi (2003), “O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social”, para sensibilizar as participantes quanto as trajetórias e memórias no processo de afirmação de identidades e as colaborações pedagógicas das histórias de vida e os estudos de Clandinin, D. J., & Connelly, F. M. (2011), “Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa”.

Conforme Romero (2000, p. 58), as pessoas participantes “representam os sujeitos do estudo” que juntos discutem os tópicos elencados pelo mediador e permitem socializar e apresentar suas opiniões e Barbour (2009, p. 128) com a preocupação nas experiências e na trajetória que através dos encontros focais realizados fica evidente principalmente em grupos vulneráveis.

Com os resultados das entrevistas e do encontro focal será produzido um videodepoimento em DVD, com duração de aproximadamente 20 minutos, e a pesquisa terá como contribuição a interpretação dos dados a partir dessas imagens que para Banks (2009, p. 97) afirma que em relação ao interesse do pesquisador em criá-los “há uma série de outros processos analíticos por trás do processo de criação de imagens, às vezes considerados reflexivamente pelo pesquisador, às vezes não”. Entretanto, conforme o autor, muitos utilizam estes recursos para fins de mera documentação.

A proposta da construção de um videodepoimento em DVD que hora denominamos de PEDAGOGIA TRANS: Depoimentos e contribuições pedagógicas, tem a intenção de promover uma visibilidade política ao trabalho pedagógico que essas professoras desenvolvem e na promoção de uma discussão de gênero e identidade nas escolas a partir deste acervo.

## Referências

BANKS, M. (2009). *Dados visuais para pesquisa qualitativa*. Tradução José Fonseca. Porto Alegre: Artmed.

BARBOUR, R. (2009). *Grupos Focais*. Porto Alegre: Artmed.

BOSI, E. (2003). *O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social*. São Paulo: Ateliê Editorial.

BRANDÃO, C. R., & BORGES, M.C. (2007). A pesquisa participante: um momento da educação popular. *Revista Educação Popular*, 6(01), 51-62. Recuperado de <http://www.seer.ufu.br/index.php/reveducpop/article/view/19988>

BREAKWELL, G. M. (2010). *Métodos de pesquisa em psicologia*. Tradução: Felipe Rangel Elizalde; revisão técnica: Vitor Geraldi Hasse. – 3. Ed. – Porto Alegre: Artmed.

CLANDININ, D. J., & CONNELLY, F. M. (2011). *Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa*. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU.

FLICK, U. (2004). *Uma introdução à pesquisa qualitativa*. Trad. Sandra Netz. – 2. ed. – Porto Alegre: Bookman.

MEIHY, J.C.S.B. (2002). *Manual de História Oral*. São Paulo: Loyola.

ROMERO, S. (2000). A utilização da metodologia dos grupos focais na pesquisa em psicologia. In H. Scarparo (Org.), *Psicologia e pesquisa: Perspectivas metodológicas*. (pp. 55-78). Porto Alegre: Editora Sulina.

ROCHA, M. L.(2003). Pesquisa-Intervenção e a Produção de Novas Análises. *Psicologia, ciência e profissão*, 23 (4), 64-73. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/pcp/v23n4/v23n4a10.pdf>

"Borboleta é pétala que voa."

Clarice Lispector



## Resgate da memória de um transhomem na licenciatura

Ariel Matos Coelho

Lugar sem igual para a construção de consciência histórica como objetivo da formação para a reflexão acerca das experiências humanas é a escola (ALVES, 2015). A escola é o primeiro ambiente que as pessoas, quando estas, frequentam-na, deparam-se com a diversidade, porém nem toda diversidade é recebida com respeito e nem toda escola é receptiva.

O presente relato apresentará através do resgate da memória de um transgênero – transhomem – sua experiência na licenciatura e uma breve narrativa quando frequentava a escola. A História Oral é uma metodologia e pesquisa que consiste em realizar entrevistas, narrativas, sejam elas gravadas ou outro instrumento com a mesma finalidade com pessoas que podem testemunhar sobre conjunturas, instituições, acontecimentos, modo de vida ou até mesmo outros aspectos da história contemporânea. Iremos usar como instrumento de pesquisa a narrativa do transhomem, através de perguntas e respostas escritas para o resgate da memória trans na educação.

A narrativa que busca pela memória do transhomem parte de uma série de dúvidas no quesito de como era a sua vida no ambiente escolar e como vem sendo construída a sua formação em um curso de licenciatura. Ariel Matos Coelho, transhomem que está cursando licenciatura/bacharelado em Ciências Biológicas em uma universidade pública do estado de São Paulo, descreve como é ser um transhomem graduando e como foi sua experiência na escola, visto que a transgeneridade não é encontrada em livros didáticos e muito menos se tem uma breve abordagem sobre gênero e sexualidade. A falta de contextualização da ciência e da cultura ao não tratar de temáticas que atendam efetivamente aos interesses da maioria das pessoas (ARAÚJO, 2003) traz, por trás dela, a busca pela igualdade de direitos e de oportunidades, o respeito pelas diferenças, a discriminação e todos os sentimentos humanos.

Ariel Matos Coelho, nascido em 27 de fevereiro de 1996, é um transhomem que mora com a sua namorada em uma cidade no interior de São Paulo, e se identifica como homem há cerca de um ano, visto que este se autodenominava transgênero não binário, ou

seja, não se identificava como “homem” ou como “mulher”. Atualmente é ativista e militante, além de estudante e namorado.

Ariel, desde pequeno não se identificava e muito menos se encaixava no que denominamos de leitura feminina. “Sempre fui muito “masculino” - de acordo com a leitura social adotada pela cisheteronormatividade. Minha infância se deu como a de muitos garotos: eu não gostava das meninas, brincava de dar porrada, meus brinquedos eram arminhas, carrinhos e bonecos, andava pela rua de casa sem camiseta. Mas aí algo me parou. Na hora do intervalo, um menino chamado M que estava na oitava série - implicou comigo. Ele me chamou até o banco onde estava sentado com os outros amigos adolescentes e perguntou o meu nome. Eu respondi “N” (até então era o nome com pelo qual eu respondia, o que estava no meu registro). Ele caçoou e disse que esse não podia ser o meu nome porque eu era “macho desde criança”. Continuou com “daqui a uns anos você vai ser traveco, sua maria homem”; “você é menina então devia se comportar igual as outras, olha lá...”. Eu, que nunca fui (nem pretendo ser) um santinho, dei uma bicuda na canela dele e saí correndo. Eu fugi dele por alguns meses, lembro que não atravessava o pátio porque tinha medo dele me constranger. Foi a primeira vez que eu soube que eu não era como os outros meninos. Foi a primeira vez que alguém me disse “você não é um menino”, de um jeito bastante explícito e agressivo, diga-se de passagem.”

Nota-se que as pessoas, assim como Ariel, não faziam ideia do que poderia ser, e o uso do termo “traveco” de forma pejorativa e discriminatória por um adolescente foi presente em sua infância, não sabendo o verdadeiro significado e quem seriam essas pessoas. Talvez, que fique aqui uma forma de reflexão, se a escola pudesse trabalhar os termos que todas as crianças e adolescentes utilizam na maioria das vezes para ofender e constranger outras pessoas, poderia construir um maior entendimento das palavras usadas, a violência verbal e consequentemente a física, seria amenizada.

O Ariel hoje é: “Eu sou o Ariel. Eu sou transhomem. Eu sou estudante de Biologia. Eu sou um violonista amador. Eu sou fã de Star Wars e Batman. Eu sou apaixonado por Led Zeppelin. Eu sou fascinado por teorias de conspiração. Eu sou filho. Eu sou irmão. Eu sou namorado. Eu sou amigo. Eu sou o Ariel, sim, e sou tanto mais que nem caibo dentro de mim. Eu vim para me descobrir, me reinventar, me (des)construir, me perder e me encontrar, me TRANSformar...”

Escolher o curso de Ciência Biológicas sabendo que era licenciatura, mesmo com

tantos traumas durante escola, Ariel, acredita que foi como muita gente começa: "eu tenho o sonho de mudar pelo menos alguma coisa exercendo um trabalho de qualidade". A princípio isso foi o que me moveu, além da questão do trauma com a escola. Eu sempre odiei a escola e tinha o desejo de ser um professor diferente de todos os que tive. E como seria ser o professor diferente de todos o que você teve? Para Ariel, "ser professor é doação e recepção. Doar seus conhecimentos profissionais e intelectuais, seu tempo, suas estratégias e técnicas, sua maneira de se comunicar e transmitir questões dentro de um ambiente que muitas vezes pode ser ruim e torturante por diversos motivos. E é claro que é também receber todo o aprendizado que certamente é devolvido a você por seus/suas alunos/alunas, seja da forma que for."

Ariel, aborda como é ser transhomem na graduação de um curso de licenciatura e bacharelado de uma universidade pública. "É incrível, mas também doloroso. Sei dos meus privilégios de estar na posição em que estou quando, majoritariamente, as pessoas trans não os têm. Isso me dói. As situações de transfobia também são dolorosas, seja por nós não termos o total controle de como lidar com elas da forma menos difícil possível, seja pela falta de sensibilidade de muitas pessoas em respeitar e compreender. Em contrapartida, estar inserido no ambiente acadêmico tem me proporcionado descobertas, prazeres e aprendizados diversos". Esse dossiê buscou pelo resgate da memória do transhomem na licenciatura e um breve resgate com a narrativa de como era estar na escola e o que ela significou para este. Ariel, termina respondendo se pretende ser professor e finaliza deixando uma mensagem para outros homens trans que querem seguir na educação" Sim. Eu diria que eles se joguem! Diria que superem seus medos e limites, que façam isso de forma a entender que a sociedade nos fez crer que somos limitados por sermos quem somos. E não, não somos. Ninguém é. Ser um indivíduo transgênero e educador é transpassar as barreiras sociais impostas a nós pela cisheteronormatividade, levando a diversidade para dentro de ambientes muito necessitados dela."

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALVES, Ronaldo Cardoso. Por um ensino de história com sentido para a vida. Diálogos (Maringá. Online), v. 19, n.1, 2015. pp. 323-343.

ARAÚJO, Ulisses F. Temas transversais e a estratégia de projetos. São Paulo: Moderna, 2003.

## Quem Sou...

Daniela Cardozo Mourão

### QUEM SOU

Eu sou a Profa. Dra. Daniela Cardozo Mourão, casada com uma mulher cis, travesti. Nem sempre fui conhecida assim, apesar de sempre me reconhecer como Daniela.

Sou formada em bacharelado em Física pela UNESP de Rio Claro, com mestrado em física pela UNESP de Guaratinguetá, doutorado em Engenharia e Tecnologia Espaciais pelo INPE e pós-doutorado pela UNESP. Trabalhei durante dois anos como professora visitante no Instituto de Física da UNB, onde nas atribuições, pude aprimorar as capacidades didáticas, astronomia observacional e divulgação científica. Atualmente sou professora da UNESP, na Faculdade de Engenharia de Guaratinguetá.

Escrevo esta narrativa, para que outros que estejam vivendo situações e sentimentos similares possam ter confiança de que sempre há um caminho.

### QUEM ERA

Eu me chamo Daniela. Nem sempre me chamaram assim. Quando eu nasci me colocaram outro nome, e do qual não gosto de dizer. Colocaram o outro nome porque era esperado que eu me descobrisse, me tornasse e fosse do gênero correspondente ao meu sexo biológico, ou seja, homem. Mas, não foi bem assim. Nasci, e morei até os 15 anos, em Mogi das Cruzes, a 50 km de São Paulo - Capital. Morava com meus pais e minha irmã. Meus pais eram professores, e meu pai também era comerciante para complementar a renda. No meu caso e da minha irmã valeu a máxima segunda a qual que filhos de professores se tornam professores. Em termos familiares pertenci a uma família saudável e bem estruturada.

Eu sempre tive uma vida relativamente confortável. Conquistei títulos acadêmicos, construí uma carreira, sou casada e me sinto uma pessoa realizada. De maneira geral creio ter atingido os meus objetivos profissionais. Porém, irei aqui focar em outro aspecto que sempre me trouxe por décadas sofrimento e confusão, e que de uma forma ou de outra permeou como uma sombra toda a minha vida. O pensamento constante de ser algo que não podia ser. Pelo menos é o que eu acreditava naquela época.

Quando criança me imaginava no mundo das meninas. Na minha cabeça, até entrar na escola era assim que eu vivia. Tive uma certa estranheza e me resignei, como é natural de uma criança que está tentando entender o mundo e aceitar a realidade e orientações dos adultos. E no fundo das minhas verdades, que são fantasias infantis eu sonhava em ser menina. Eu tenho uma irmã, um ano mais velha. Sempre olhava de forma ciumenta suas roupas e brinquedos. Desde os nove anos, e se de modo intensificado a partir dos 12, escondido eu experimentei diversas roupas e maquiagens até o final da adolescência.

Ao mesmo tempo eu carregava um sentimento de culpa. Pois mesmo na minha mentalidade infantil isto era errado. Seria severamente punida e isto me fazia sentir muito

medo. Por nunca entender, e pensar ser uma aberração sempre mantive tudo escondido. Conforme fui crescendo e me inserindo socialmente na juventude, o medo se somou à vergonha e a ideia de ser uma pervertida, portadora de uma doença que, se descoberta, arruinaria a mim e a minha família.

Entre quinze e dezessete anos estudei em outra cidade, em um curso técnico. Pude aproveitar o fato de estar longe e manter tudo em segredo. Pude esconder roupas e acessórios. Aos dezesseis fiz as primeiras saídas como Daniela em cidades próximas. No início fiquei com muito medo e voltava aliviada para a casa e rezava para ninguém ter me visto. Mas depois de sair, a sensação de ser reconhecida como eu me reconhecia era muito gratificante. E a partir daí passei a ter uma vida dupla, que mantive sempre secreta, indo em lugares destinados a crossdressers e LGBTs.

Nos outros aspectos, para mim, toda a adolescência foi tortuosa. Não conseguia lidar com os meninos e obviamente não era aceita pelas meninas. Isto gerou os anos de bullying, perseguição e violência. O último ano em especial foi muito difícil neste aspecto. Morava sozinha, sofria bullying, era transgênero e sofria com a transfobia auto-estigmatizada. Passei a ter depressão, que enfrentei sozinha até ingressar na faculdade, onde após alguns problemas iniciais, consegui separar a vida social da vida como transexual, vivendo esta última de modo clandestino. Às vezes ia a lugares obscuros e isolados, mas onde me sentia perfeitamente à vontade por ser eu mesma.

Certa vez, encontrei um livro do curso de farmácia que continha a bula de centenas de medicamentos. Procurei imediatamente sobre hormônios e anti-androgênicos. E assim comecei a minha hormonização aos 17 anos. E, com alguns intervalos, os tomei por toda a vida. Porém, como sempre fui muito reticente em tomar remédio e tinha receio de ter algum efeito drástico, sempre os utilizei em doses baixas. Foi o suficiente para me dar um corpo não muito masculino. Descobri, que há um despropósito da passabilidade como fonte inesgotável para o preconceito e a discriminação. Travestis com baixa passabilidade são alvos constantes de olhares, constrangimentos e violência. Hoje, com maturidade, alerto que não se deve praticar a auto-medicação, há riscos de danos físicos e psíquicos irreversíveis. O SUS oferece desde 2008 tratamento de transexualização.

A chegada da internet com os seus meios de comunicação virtual foram muito alentadoras. Pude viver e interagir neste mundo como Daniela. Conheci pessoas e pude entender melhor o mundo transgênero e crossdresser. Tenho de alertar as pessoas trans que estiverem lendo que é necessário muito cuidado, pois há uma grande quantidade de usuários que estão exclusivamente interessados em sexo, ou até mesmo má intencionadas.

Após a faculdade, segui a carreira acadêmica dentro da área de astronomia. Em 2003 conheci a minha esposa pela internet e nos casamos em 2010. No mais, estudando e trabalhando longe da família, mantive tudo em segredo.

## **A TRANSIÇÃO**

A experiência de transição na UNESP foi, graças ao apoio de colegas e superiores, surpreendentemente positiva. Mas não foi assim que tudo começou.

Em 2014 uma série de fatos, inclusive relacionados à questão de disforia de gênero, me levaram a uma forte crise depressiva, que foi se agravando junto com o sentimento de não aceitação e chegou ao seu limite. Passei por sucessivos afastamentos de saúde.

Em determinado momento percebi que ou resolvia este "problema" ou ele me consumiria até a morte, foi quando passei a considerar enfrentar a transição. Então em 2016, naturalmente, paulatinamente, sem nenhum momento decisivo, iniciei um processo de experimentação gradual de transição, ainda em dúvida onde ele seria interrompido ou se seria obrigada a retroceder. O meu único objetivo naquele momento era fazer o que me fazia me sentir bem. E desta vez não havia um sentimento de que estava fazendo algo errado, mas havia o medo de até onde avançar e como fazê-lo. E neste processo, o que me ajudou muito a me entender foi buscar informações científicas e sociológicas a respeito de gênero e sexualidade. Conhecimentos básicos que eu transmito hoje em palestras e conversas.

Eu tenho convicção que se este assunto fosse abordado nas escolas e na mídia de forma clara e científica, muitos jovens não passariam pelos intensos momentos de sofrimento e conflito interno. E, se fossem proporcionados alguns momentos de reflexão aos estudantes, isso com certeza amenizaria a discriminação e a violência a que os transexuais são constantemente submetidos.

Uma das partes mais difíceis desse processo é o momento de revelar às pessoas. O sentimento é como se você estivesse se confessando por um fetiche ou algo vergonhoso, que deveria ficar em segredo, como uma insanidade. No fim, por conta de toda a transfobia internalizada na época, acabava se tornando tudo muito humilhante. E aliado ao medo da completa rejeição a primeira conversa foi com um médico e meu psicoterapeuta

O médico foi taxativo e breve: "mude de gênero". O que passou na minha cabeça foi "vou mudar é de médico, ele não entendeu o problema". Hoje vejo que a recomendação tenha sido a acertada. Para sair daquela situação difícil em que estava, não havia remédio ou tratamento. A receita era esta mesma. O psicólogo me disse a mesma coisa, mas passou esta mensagem de forma gradual e tranquilizadora ao longo de várias semanas, e que me ajudou muito em todo o processo de transição. Inclusive buscou a indicação de uma endocrinologista especializada nesse tipo de questão e me acompanhou na primeira consulta, pois eu não conseguiria ir sozinha naquele estágio.

Contar para a família foi mais complicado. Fiz isso aos poucos, um a um ao longo do ano, exceto pelo meu pai, porque insistiram para não contar devido a sua saúde debilitada. Discordei, mas assenti, porque de qualquer forma ele iria saber. Foi muito difícil para a minha esposa. Ela precisou de algum tempo para assimilar, mas hoje estamos juntas e vivemos felizes uma ao lado da outra. Nós como casal buscamos ajuda profissional de uma psicóloga que ajudou a minha esposa nesta transição.

Quando retornei ao trabalho no final de 2016, as mudanças no meu jeito de vestir e comportamento foram ficando perceptíveis para os mais atentos.

Fui me revelando aos poucos e colocando assuntos relacionados a transgêneros no Facebook. Não houve reações negativas e tampouco preconceituosas sobre o assunto. Isto me encorajou. Mesmo assim, estava certa que sofreria discriminação e humilhações. Estava certa também que teria de pedir demissão ou transferência. Nesta época conversei com um amigo sobre o assunto. Foi, sem dúvida, a conversa mais difícil que já tive em mais de 20



anos. Havia a amarga sensação de que seria o rompimento definitivo. Para minha surpresa, vi que ele tinha muitas dúvidas no assunto, mas que estaria ao meu lado em tudo que viria pela frente.

As publicações sucessivas no Facebook, levaram algumas pessoas próximas a conectarem meus episódios de depressão à questão da identidade de gênero. Foi quando a chefe do departamento que trabalho, profa. Ana Paula, que se tornou uma grande amiga, me interpelou a respeito. Muito difícil, e com voz embargada, acabei “confessando”. A resposta foi que ela se dispôs a me ajudar no que fosse necessário.

À medida que fui avançando nas mudanças, sem ainda ter me revelado publicamente, a família declarou o rompimento. Neste momento, a perspectiva do divórcio parecia clara, no momento que percebi que a transição era iminente e inevitável. Neste dia, tive um enorme choque emocional, pois parecia que perderia a minha vida familiar, social e profissional. Minha vida parecia arruinada por todos os lados. O fantasma que temi por décadas teria se concretizado. Passei a chorar incontrolavelmente. A noite, a Ana e um casal de professores, Rafael e Thamiris, foram até minha casa e permaneceram a meu lado até que eu me acalmasse. A situação ficou tão intensa, que no dia seguinte fui para o hospital levada por amigos. Novamente a Ana estava do meu lado no hospital.

No dia seguinte, com o apoio de todos, estava determinada de que a transição tinha que ser feita. Finalmente, a neblina se dissipou e o dia se fez. No trabalho, sabemos o quão é vital a empresa ter ou não a atitude inclusiva para a permanência de um funcionário trans. No meu caso, a chefe do departamento conversou individualmente com cada um dos cerca de 25 docentes do departamento. Conscientizando e esclarecendo da nova situação e da nova docente. Ela sabia como ainda era difícil para mim conversar sobre o assunto e assumiu este papel para si. Ela me acompanhou em uma reunião com o vice-diretor, prof. Edson. Nesta reunião, além das boas vindas do vice-diretor, discutimos o processo da mudança institucional do nome. Neste momento, percebi que eu continuaria sendo bem-vinda na instituição. A direção, por parte do prof, Mauro, se encarregou da mudança do nome, desde a análise jurídica, à comunicação com a reitoria e a da mudança para o nome social nos setores da universidade.

Com o tempo, e com o acompanhamento de uma terapeuta de casal eu e a minha esposa nos entendemos. Ela sempre foi muito compreensiva. Na semana seguinte seria o meu aniversário e o nascimento da Daniela. Este dia foi fantástico. Passei o dia inteiro com a Ana e a Thamiris refazendo todo o guarda-roupa. E a noite, em um jantar, recebi o inesquecível “bem-vinda” de todos os meus amigos.

A transição foi feita. Mudei o nome em todas as agências e locais relacionados ao trabalho. Sou reconhecida universalmente como Daniela.

A recepção no trabalho foi o contrário do que eu supunha. Não houve nenhuma atitude hostil. Pelo contrário, sou respeitada e tratada normalmente. Uma grata surpresa. Segundo a Ana, as reações eram: “então, era por isto que ele estava tão mal...”, ou “nunca havia visto ela sorrir antes”, “que bom que agora ela está bem”.



## O IMPACTO NA UNIVERSIDADE

Para auxiliar na questão da mudança de nome na universidade, fui até a reitoria. Entrei em contato, através do vice-diretor, com o Prof. Juarez, assessor da Pró-Reitoria de Extensão. Ele possui um extenso trabalho pela inclusão dos negros na universidade. Encontrei neste dia também a Profa. Maria Aparecida, assessora da Pró-Reitoria de Graduação. Ambos foram muito atenciosos. O fato é que não havia qualquer normativa de nome social na UNESP, mesmo havendo uma lei estadual a respeito. A partir de então foi deflagrada uma comissão, da qual fiz parte, para estabelecer as normas para o nome social.

Após meses de trabalho, comparando as diversas normas e legislações, em agosto de 2017, com aprovação unânime no Conselho Universitário, foi publicada a normativa para o nome social de travestis e transexuais na UNESP. Há alguns aspectos peculiares nesta norma, como por exemplo, os que garantem o uso somente para adequação de gênero, a não objeção de consciência no tratamento oral e o direito do uso do nome social em cerimônias.

O reconhecimento do nome social contribuiu para que a UNESP passasse a ser vista como uma Universidade inclusiva para transgêneros. Desde a publicação da norma, pude acompanhar diversas transições entre nossos estudantes após a publicação da norma. Na prática, percebemos que foi mais que uma simples normativa, o direito ao nome social transmitiu uma mensagem de que dentro da UNESP, transgêneros são bem-vindos e tem os seus direitos respeitados. E em um mundo em que, de forma geral, transgêneros não são bem-vindos em lugar nenhum, a implementação desta norma foi profundamente emblemática. Posso dizer, que estamos atentos, por meio da reitoria, da ouvidoria e integralmente de mim mesma a todas as ocorrências de discriminação envolvendo alunos transgêneros na UNESP, bem como de negros, mulheres e deficientes

Junto com a implementação da normativa, a UNESP reativou o Grupo de Prevenção à Violência. Estamos elaborando projetos voltados à integração das minorias e prevenção à violência e práticas abusivas na universidade, incluindo o trote. Dentre os trabalhos que estão sendo executados, teremos uma ampla pesquisa sobre a prática de violência nos campi e cartilhas explicativas sobre as minorias, incluindo transgêneros, de forma a coibir o preconceito, a discriminação e a violência.

Com isto, surgiu em alguns locais o interesse de se discutir o tema transgênero e universidade. A convite, realizei diversas palestras sobre transgêneros para diferentes públicos na UNESP ao longo de 2017. Conversei nas palestras com alunos de medicina, biologia, engenharias, física, matemática, arquitetura, design, artes visuais, relações públicas, comunicação, psicologia entre outros.

Na UNESP de Bauru, tive a oportunidade de ser a primeira palestrante no projeto de longo prazo: “Práticas contemporâneas em Educação para a Diversidade”. Em duas horas de palestra, pude tratar do tema de transgêneros na universidade com praticamente todos os professores e servidores da FAAC.

Os resultados destes encontros foram muito positivos. Pelos comentários que recebi dos organizadores, participantes, e principalmente pelo bom nível das questões que foram levantadas nestes encontros. Minha percepção final é que havia um grande desconhecimento sobre o tema, inclusive no que é gênero. No geral, as concepções coletivas

que se tem de transgênero são fruto de uma cultura heteronormativa. E percebi que quando as pessoas são esclarecidas, toda a carga de distorções, que são a base do preconceito, se rompe. No fundo, não se trata de preconceito ou de má vontade, mas de puro desconhecimento. Atualmente tenho uma coluna na Rádio UNESP, em que atualizo os ouvintes em discussões sobre este tema.

Representei a UNESP em Brasília, no seminário “Racismo e LGBTfobia no Mercado de Trabalho”, com os deputados da Câmara Federal. Lá, pude expor as principais demandas da população trans: nome, emprego, banheiro e violência. Eu me vi como se estivesse no 29 de janeiro.

Tendo em vista que a majoritária população trans é rejeitada, excluída e não é ouvida; na minha posição social e profissional, tenho em mente que colaborar com a inserção e aceitação de pessoas transgêneras na sociedade, e principalmente na universidade em que convivo, é uma obrigação. Irei continuar o trabalho de conscientização e conquista de direitos. Incluindo o direito de existirmos e termos voz.

Uma vez me disseram, que a minha principal colaboração com o movimento trans é ser professora. Havia no começo, um receio geral e inclusive meu, da reação dos alunos. Nunca houve nenhum incidente, pelo contrário, sou respeitada pelos alunos assim como todos os outros professores.

Não sei se alguns dos alunos que tiveram contato comigo ou ouviram falar de mim na universidade, um dia terão um colega ou chefe transgênero no trabalho. Se tiverem, não terão problema de convivência, já que justamente tiveram aula com uma professora trans. Podem não ter gostado de mim, mas tenho certeza que respeitaram o meu trabalho, viram que não tem de haver diferença na diversidade. Como me disse um professor há muito anos, para acabar o com o preconceito temos que misturar e sacudir.



“Apenas viver não é suficiente, disse a borboleta,  
É preciso ter sol, liberdade e uma pequena flor”.

Hans Christian Andersen

## Música, uma porta para a diversidade

“Sem a Música a vida seria um erro” (Friedrich Nietzsche)

Julia Jorge de Oliveira

Costumo dizer que minha vida como educadora teve início aos 14 anos de idade, claro que de forma informal. Digo isso, pois foi nessa idade que tive minha primeira aluna. Sempre fui uma aluna muito dedicada, estudiosa e, como diziam todos, muito “inteligente”. Destacava-me entre as outras crianças da escola primeiramente por ser uma criança transgênero e segundo por essa tal de “inteligência”, o que amenizava um pouco a questão da transfobia. Foi daí que comecei a ajudar os colegas nos estudos dentro de um projeto da escola e isso se estendeu fora da escola e comecei a dar aulas particulares no bairro onde morava e já levava muito a sério o que fazia. Com o dinheirinho que ganhava já dava até para eu comprar minhas coisinhas.

Paralelo a isso minha vida de musicista sempre esteve presente e crescente. Sempre amei música e estudo desde os três anos de idade. Aliás, foi nessa idade que se deu um fato que marco como minha primeira apresentação, foi no dia do Natal. Minha mãe me levava pra igreja e contam que eu ficava muito atraída pelos ensaios do coral e aprendi a cantar Noite Feliz, contam que inventaram uma engenhoca e eu descia do teto da igreja vestida de anjo cantando Noite Feliz e que emocionei a todos e desde então nunca mais parei de cantar e estudar música, minha avó até pagava aulas particulares de piano pra mim. Na época em que eu comecei a dar aulas particulares também dava aulas de música.

Assim fui enfrentando todos as questões inerentes e comuns a todas as pessoas transgênero, sim, é claro que na adolescência foi a pior fase da vida com relação a isso, é a fase das explosões hormonais, fase das paixões... tive depressão, passei por vários momentos de transfobia dentro da escola. Tem um episódio que não esqueço jamais, eu tinha vergonha de usar o banheiro com os meninos e tive problemas urinários por ficar segurando a urina tanto tempo e cheguei a desmaiar na escola e me molhar toda diante de todos, até que a escola entendeu que algo de mais complexo existia ali e me permitiram usar o banheiro da secretaria, que era individual. Eu me sentia mal por gostar dos meninos e não das meninas e eu tentei arrumar uma namoradina o que me fez mais mal ainda.

Todos sabem que, infelizmente, a escola ainda é o ambiente onde se encontra muita transfobia, com os alunos, funcionários e professores, mas considero isso um reflexo da sociedade. Por isso é tão importante essa entrada de PROFISSIONAIS transgêneros nas escolas, só assim poderemos mudar essa situação. Muitas pessoas transgêneros desistem de estudar por isso e precisamos mudar essa situação. Eu, assim com muitos professores transgêneros que conheço, cada um com suas histórias de vida, tiveram coragem de enfrentar isso tudo e lutar por suas profissões. Foi o que eu fiz, enfrentei tudo e segui nos meus estudos.

Meu primeiro trabalho oficial como educadora foi numa creche no bairro onde nasci, lecionava na educação infantil e dali entendia que era isso que queria para minha vida. Infelizmente não tive muita oportunidade pra fazer uma graduação de licenciatura nessa

época e fiz Zootecnia, até obtive certo êxito na profissão, mas não era o que eu queria de verdade. Então voltei a fazer aulas de música, nessa época eu tentava conciliar meus estudos de música e meu trabalho numa clínica veterinária, estudava música num convento no meu horário de almoço, as freiras me davam aulas de violão, teclado e acordeão e eu ainda almoçava lá. Como eu tive um desempenho muito bom nas aulas de música no convento as freiras minhas professoras me prepararam para fazer a prova de seleção para entrar no Conservatório da minha cidade, e depois de muita dedicação consegui passar em primeiro lugar.

Minha entrada no Conservatório foi um divisor de águas na minha vida. Foi a época em que eu conheci meu atual marido (na clínica onde eu trabalhava) e daí comecei a entender minha sexualidade. No Conservatório também conheci pessoas, amigos e profissionais que me entendiam e “me aceitavam” (não gosto dessa expressão) e foi nessa fase que comecei a minha “transição” (aspas porque, na verdade, eu sempre fui uma mulher, só precisei de amadurecimento para entender isso). Através do Conservatório também voltei a ser educadora, desta vez educadora musical. No meu último ano do Curso Técnico de Violão eu consegui uma substituição da professora de Canto Coral e desde então dou aula lá.

No ano seguinte a essa substituição fui contratada para lecionar num projeto do Estado que se chamava “Música na Escola”, os professores do Conservatório eram contratados para ensinar música aos alunos de “escolas regulares” e eu me joguei de cabeça, cheguei a lecionar em 6 escolas num mesmo ano. Como foi minha fase de “transição” foi um período muito conturbado, em uma das escolas que eu trabalhava os pais e alguns funcionais se sentiam tão incomodados com minha postura que articularam um abaixo-assinado por pais e alunos para me tirarem da escola, o abaixo assinado só não teve resultado porque nele me acusavam de fazer coisas terríveis com os alunos e numa grande reunião na escola, promovida pela minha orientadora do Conservatório, com a participação dos pais, alunos e funcionários da escola os alunos desmentiram tudo que alegaram no abaixo-assinado.

Esse episódio do abaixo-assinado me marcou tanto que nas férias decidir tomar uma postura feminina definitivamente, eu saí professor Jú(nior) e voltei professora Jú(lia). O que mais uma vez me fez entender as hipocrisias da sociedade, porque, daí sim, não passei a incomodar ninguém porque, como dizem, me tornei uma mulher “passável”. Mas mesmo não concordando com mais essa hipocrisia social foi a partir daí que comecei a obter mais conquistas na área da educação musical, até mesmo resolvi fazer mais uma graduação, em Música – Canto, até mesmo para melhorar minhas classificações nos processos de contratação e seleção e prestar um concurso.

O período dessa minha segunda graduação, em Música, foi também mais tranquilo que da primeira, eu já era uma pessoa conhecida e respeitada dentro da Música em minha cidade (muitos colegas de turma foram meus alunos no Curso Técnico do Conservatório), também já tinha feito a cirurgia, mas ainda não tinha trocado meus documentos (demorou 11 anos meu processo) e foi aí que tive os maiores problemas. Tive professores que insistiram em me constranger e me chamar pelo nome antigo, e outros problemas relacionados a isso, mas em sua maioria foi um período tranquilo. Não tive problemas tristes, mas comuns a muitas pessoas transgêneros, como a questão do uso do banheiro,

assédio moral e alguns outros que hoje em dia estamos lutando e conseguindo novos direitos para acabar com isso. Meu diploma, por exemplo, foi expedido com o meu nome antigo, mas hoje em dia pode-se usar o nome social, uma grande conquista.

Enfim, hoje sou uma pessoa muito realizada. Consegui a mudança da minha documentação e de todos os meus diplomas. Passei no Concurso Público para lecionar no meu querido Conservatório, me casei com o homem que eu amo e sempre lutou ao meu lado, fiz uma pós-graduação... E, é claro, amo a minha profissão e pretendo ser educadora até o meu último suspiro. Hoje, quando olho para trás vejo que muitos professores transgêneros estão vindo, cada um trilhando seus caminhos, com experiências muito parecidas e acho de suma importância o trabalho do IBTE. Com muita garra conseguiremos mudar a situação de muitos professores transgêneros e tenho fé que algum dia ainda viveremos em uma sociedade melhor. Valeu a pena, está valendo muito a pena!



Nota sobre o texto:

Texto escrito por Júlia Jorge de Oliveira, Diretora Administrativa e Fiscal do (IBTE), professora pós-graduada em Educação Musical pela FAMOSP (Faculdade Mozartum de São Paulo), graduada em Música, modalidade Canto pela UFJF (Universidade Federal de Juiz de Fora), professora efetiva de Canto Coral do Conservatório Estadual de Música Haidee França Americano, professora efetiva de Canto Coral do Instituto Federal de Juiz de Fora e professora de Educação musical da Rede Municipal de Juiz de Fora. O texto fará parte do Dossiê “Memorial – Memórias e narrativas das professoras travestis, mulheres e homens transexuais do Brasil: um marco de visibilidade na educação” pelo IBTE (Instituto Brasileiro Trans de Educação) em comemoração ao dia 29 de janeiro, dia da Visibilidade Trans.

## Travesti: fragilidade no ensino

Sara Wagner Pimenta Gonçalves Júnior

(...) território existencial, toma o conceito de território não a partir de aspectos utilitários e funcionais, mas privilegiando os sentidos e modos de expressão (Deleuze e Guattari, 1997).

Entre em sala de aula, era o primeiro horário, numa das três escolas que leciono Língua Inglesa, como disciplina no ensino formal no interior do Estado do Rio de Janeiro, era um dia muito quente e eu precisava para seguir com o currículo de base comum do município, explicar as diferentes formas e igualdades em palavras com mesmo radical, as palavras homógrafas, homófonas e outras e que trouxessem em sua formação, estruturas de contraponto léxico-semântico, gramaticalmente explicadas. Para exemplificar utilizei o prefixo “homo” - de igual -, e fiz a relação com seu contrário o “hétero”- de diferente- e completei com a pergunta, o que é e o que significa a palavra “homossexual”, por exemplo?

Apesar de sermos uma turma “amigável” um aluno gritou lá do fundo: “Putamerda, vamos falar disso de novo?” Me sentindo constrangida, e sem saber, se o “de novo” era na recorrência do assunto comigo ou por outras fontes, mas me senti como se sendo chamada a atenção, e busquei acalmá-lo dizendo que poderíamos usar uma outra palavra, desde que o “PRÉfixo” comum, fosse exemplificado. Logo ele disse, que estava brincando e toda sala começou a rir. Aproveitei aquele momento e perguntei então, por qual motivo não poderíamos falar daquele assunto, se a diversidade permitia que todos e todas compusessem aquela turma?

Sou travesti e ao contrário do que a mídia sempre trouxe, não sou “garota de programa ou cabelereira”, apenas. Sou professora de Língua Inglesa e me esforço para levar aulas de qualidade e sem distorções equivocadas do mundo que nos cerca, como via quando na minha juventude, com professores que faziam muitas vezes piadas sobre mim, por acharem que eu era “viado” – palavra ouvida algumas vezes de professores no interior de escolas pelas quais passei.

Desde criança a minha avó, que era a pessoa responsável pela minha educação sempre dizia que devíamos tratar a todos da mesma forma, e que era inconcebível alguém por qualquer motivo, destratar um mendigo, ou uma “serviçal” seja qual fosse a causa. Achava que isso era uma coisa recorrente na educação dos meus colegas e amigos na infância e que todos sabiam que o respeito era necessário, e realmente era mesmo, mas apenas para alguns poucos.

Se por um lado, eu era estimulada a ser autêntica em minhas ações cotidianas, minha avó com seu doce coração e trágica história de vida, tendo ficado viúva com três filhos e sem nenhuma ajuda de qualquer familiar, ela era sempre vaga sobre as possibilidades que cercavam a minha precoce sexualidade, que aliás não era natural, mas sempre inspirada por adultos que traziam suas vivências para minha interação. Foi nessa interação que ouvi a primeira vez que eu era “viado”, foi aos 11 e foi de um adulto, por exemplo. E foi sendo meio “palerma” e pouco astuta para as ironias e interpretações de alguns adultos, que na minha infância tive péssimas lições de vida e sobre sexo, e muitas delas foram descobertas entre

abusos físicos e violações de direito.

Lembranças de outros tempos, e que claramente percebo, hoje, na minha sala de sala, salutar de certa forma e tão recorrente ao observarmos a educação em sincronia com o ensino. Hoje lutando por um protagonismo que outrora não me era permitido sendo professora de Língua Inglesa, Teatro e Pedagoga, fiz da minha sala de aula um lugar onde muito mais que saberes repassados, estes fossem permeados por experiências de vida e pesquisa na experiência do saber que busca autonomia e troca. A escola é mais que exercer trocas de saberes, ela trouxe instrumentos para superar os meus próprios traumas, dentro da sala de aula tento modificar as histórias de abusos (muitas vezes trazidos como LGBTfobia pelos adolescentes) que ao meu redor se amontoavam, e que rotineiramente me fazem repensar a minha própria caminhada, é como se eu me tornasse a minha avó me auto aconselhando, sobre instâncias maiores e mais sutis do respeito.

Voltando ao aluno do início da narrativa...

Quando questionado do porquê de não podermos falar sobre aquele assunto, ele me respondeu que a moça do postinho de saúde, já havia ido a escola naquela semana e dado uma aula para as meninas e que a lição sobre sexualidade para os meninos seria na semana seguinte.

O ocorrido me deixou incomodada, não apenas por ser uma informação importante, mas por ser “a moça do postinho” a responsável pela entrega de uma informação tão importante quanto necessária. Analisando o ocorrido em casa dias depois, sabendo de minha ação que sempre busca provocar a pesquisa e reflexões que emergissem da fatídica estrutura que minha sala de aula possui, facilmente ponho me a vincula-la com a política do país. Percebi o quanto algumas decisões tomadas em Brasília, reforçam os questionamentos em minha sala de aula em tempo real diante das possibilidades midiáticas. Isto é, enquanto em Brasília discutia se o “Escola sem partido” e a retirada de Judith Butler do seminário sobre “populações dissidentes”, na televisão aberta a notícia era trazida até nós, como sendo aberta a ‘ditadura gay’ no Brasil. Os alunos e alunas em boa parte são residentes em espaços com pouca ou nenhuma infraestrutura e em sua maioria são de classe baixa ou miserável e que não possuem como oportunidades de diversão estruturas pensadas por políticas culturais que abraçassem esta comunidade e poucos sabem o real interesse de tais assuntos veiculados nas mídias e principalmente na tv aberta.

Ao questionar as estruturas que permeiam o esqueleto desse recorte, trago a dinâmica apresentada nos textos picados que tive acesso de Wilhelm Reich, que em seu ponto fundamental da análise da situação econômica com a situação ideológica do trabalhador, como objetos estáticos, e aqui faço um link para a minha compreensão ao carácter punitivo e “sujo”, ao ser advertida pelo aluno sobre o tópico que por mim seria apresentado.

Ao censurar à evolução da explicação, por uma pseudo compreensão ele exerce a função da autoridade e dela se sente pleno ao dizer, “mas de novo?”, é como o velho desenho do pai chamando a atenção. Seria esperado que diante da possibilidade de um papo mais descontraído, o aluno (ou alunos em questão) (de) formado por modos sistemáticos pelo processo de produção de seres cada vez mais distantes de autocrítica, desenvolvesse uma clara consciência de sua situação social? A professora transexual, que usa de liberdade no contexto escolar, transformaria uma determinação revolucionária de se



livrar de sua própria “miséria” social, como crítico de seu lugar no mundo?

"A inibição moral da sexualidade natural na infância, cuja última etapa é o grave dano da sexualidade genital, torna a criança medrosa, tímida, submissa, obediente, "boa", e "dócil", no sentido autoritário das palavras. (...) o objetivo da moralidade é a criação do indivíduo submisso que se adapta à ordem autoritária, apesar do sofrimento e da humilhação. Assim, a família é o Estado autoritário em miniatura, ao qual a criança deve aprender a se adaptar, como uma preparação para o ajustamento geral que será exigido dela mais tarde. A estrutura autoritária do homem é basicamente produzida - é necessário ter isso presente - através da fixação das inibições e dos medos sexuais na substância viva dos impulsos sexuais." (William Reich, p. 28)

Talvez aí nesse apanhado fique mais claro, o fato de estarmos em um “refazendo de retornos”, onde a busca mais se associa a práticas outrora utilizada noutras demandas, como o uso da instrução sexual dada em separado a meninas e meninos, por entender que são diferentes em função social, política e sexual. Se a geração Y, ou pessoas conhecidas como nascidas pós anos 2000, está recriando caminhos iguais, por outro lado uma juventude mais consciente tem buscado a compreensão de um “ideal comunitário” para o tempo das tribos no laço societal (Michel Maffesoli, 2017), aquele que enfatiza viver o social, mas que vai além, ele pede um social com um relacionamento empático com outro.

Sendo o ensino a maneira pela qual o conhecimento é “provocado”, sendo este a produção de significados, é como conseguimos melhorar nosso intelecto e enriquecer nossa cultura e clareza sobre as coisas da vida e a educação refere-se aos valores humanos e sociais. Ambos perpassam pela socialização do indivíduo, por sua leitura de mundo, e isso se dá na vida (casa, trabalho, espaços múltiplos e escola é parte disso), talvez por isso ao perceberem se instrumentos de censura, aqueles alunos se percebem extensão de estruturas familiares que por ali crescem.

“Em primeiro lugar, existe o regime de poder necropatriarcal arcaico, segundo o qual apenas o corpo masculino é um corpo totalmente soberano. Os corpos de mulheres, crianças e organismos não-humanos são inferiores. A soberania masculina é definida em termos necropolíticos com o monopólio legítimo da violência. A autoridade paterna e masculina é primordial e absoluta”. (Paul B. Preciado, 2018)

Então se vivemos em um momento em que enfrentar pode ser a solução para as novas reinvenções do capitalismo, sendo este o pai zeloso de todas as outras formas (o patriarcado, o sexismo, as religiões mononucleares e tantos outros filiados) ser um corpo (trans) generificador em sala de aula, isto é, aquele que mesmo diante do outro e sem dizer uma só palavra é capaz de introduzir a compreensão sexual de si, é como a visão de “jardineiro” sobre um campo aberto. Seria um processo de equiparação real de estruturas humanas não inclusas, a serviço da ruptura desse sistema.

Ao dizer “Travesti: fragilidade do ensino” trago o fato que realmente me prende e é

nesse ponto que me ateno, é no quão frágil as estruturas (-ditaduras) cisheteronormativas, trazem em sua natureza construída sobre estereótipos, sofismas em uma fragilidade que por mais absorta, se abala no mínimo real que lhe destoe. É assim ao vermos a travesti na escola, é tão envolto em dinâmicas da negação, ao evitarmos que a explicação sobre sexualidade, seja dada por uma agente de saúde e não por uma pedagoga de formação, que sua estada perpassa o surreal. É como se essa estrutura frágil para (de) formação cis-hetero, de tão frágil tornara se bruta, violenta e arbitrária para sua auto sustentação.

Não é apenas o reforço de uma “aceitação” termos uma professora transexual em sala de aula diante de crianças que iniciam suas compreensões, questões pessoais e buscas, mas vê-las, buscando esse “respeito e empatia” em outras estruturas até então conhecidas e tidas como abjetas. A escola é um espaço de convívio e deveria ser de inclusão, onde se cria a possibilidade de alteridade, onde pessoas capacitadas e sendo trans, deveriam ter liberdade de ação, mas tal ação entra em debate diante da própria uniformização que é utilizada, isso nos leva a repensar questões de ordem privada como sendo legítimas, quando na verdade são de ordem política (Larissa Pelúcio) no controle dos corpos.

Ao termos este corpo diretamente questionado pelo/no processo educacional como e quanto a sua coerência é implicar o valer de direitos, a nacionalização de corpos que falam além das palavras e incomodam para além de sua existência. Faz se o deslocamento de estereótipos em suas representações, quando vemos que “não deveríamos ter uma travesti na escola”, diria o grosso senso comum, mas por outro lado, esta presença perpassa desejos de moralidade, virtudes e empatia que gostaríamos que nossos filhos tivessem em suas índoles. É como minha boa velha avó dizia, devemos respeitar todos.

Esta territorialização traz duas vertentes que precisam aprender a trabalhar em sinergia, de um lado fazendo buracos no muro (que sustenta sua história) e por outro (des)legitimando a importância da diversidade nesta economia que faz acreditarmos que atende, entende e está para todos que por ela passam, num novo modo, onde o fascismo digital e biopolítico pedem inclusão exatamente como minha avó dizia, mas nele não cabe todos, pois na sua manutenção meritocrática, para ascensão, para subida de um, é necessário caída de no mínimo outros três”, logo uma nova pergunta, quem vai ceder o lugar e deixar passar a educação e suas inclusões para o ensino?

### **Referências Bibliográficas:**

BARTHES. Roland. The Responsibility of Forms, 1985. Acesso em 11/01/2018 em: [https://monoskop.org/Roland\\_Barthes](https://monoskop.org/Roland_Barthes)

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Félix. Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia, vol. 4. Trad. Suely Rolnik. São Paulo: Ed.34, 1997.

MAFFESOLI, Michel. O tempo das tribos. Editora: Forense Universitária. 2013.

PELÚCIO, Larissa. Em entrevista concedida à Sara Wagner Pimenta Gonçalves Júnior no III Congresso Internacional Desfazendo Gênero em Campina Grande – PB, em novembro de 2017. Acesso em 11/01/2018: <https://www.facebook.com/sarawagneryork/videos/1642921272425182/>

PRECIADO, Paul B. is a philosopher, a curator, and a transgender activist. He was Curator of Public Programs of Documenta 14 (Kassel/Athens) and is currently a writer-in-residence at the LUMA Foundation, Arles, France. Tradução: Sara Wagner Pimenta Gonçalves Júnior <https://www.artforum.com/inprint/issue=201801&id=73189>

REICH, Wilhelm. A Função do Orgasmo. Problemas econômico-sexuais da energia biológica. São Paulo. Editora Brasiliense. 1975.

\_\_\_\_\_. A Revolução Sexual, Rio de Janeiro. Editora Zahar. 1981.



#### **Nota sobre o texto:**

Texto escrito em comemoração ao dia 29 de Janeiro de 2018, o Dia Nacional de Visibilidade Trans e que é comemorado desde 2004 por Sara Wagner Pimenta Gonçalves Júnior, que é membro do GESER - Grupo de Pesquisa Gêneros, Sexualidades e Raça em Educação - UFRJ, do Observatório Trans e IBTE (Instituto Brasileiro de Trans Educação), ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais), Coordenadora Regional da Rede Adolescentes LGBT, licenciada em Letras – Inglês (UNESA), Pedagogia (UERJ) e Mestranda do Geni - Grupo de Estudos sobre Gênero, Sexualidade e Interseccionalidades -ProPEd- Programa de Pós Graduação em Educação – UERJ (CAPES7), sob orientação do Prof. Dr. Fernando A. Pocahy, desde Janeiro deste ano com muito orgulho de si. Este é meu primeiro texto enquanto Mestranda, e dedico a todas as “Saras” que em algum momento, mas antes dos 40, estão e poderão estar ocupando este e tantos outros espaços que antes não nos era permitido, não por negação explícita, mas por nos fazerem acreditar que ir tão longe, era impossível por ser quem éramos.

## Narrativas e experiência da educação sexual nas aulas de Arte

Fernanda Ribeiro

Meu nome é Fernanda e atualmente atuo como professora de Artes pela Secretaria da Educação do Estado de São Paulo, mas nem sempre foi assim, antes eu era o ALUNO FERNANDO. Sou uma jovem professora de 37 anos que já atua no sistema educacional a 7 anos.

Minha trajetória foi comum como a de qualquer professora principiante na atuação em sala de aula, iniciei como professora contratada no estado e celetista no município de Orlandia/SP, ambos precisei comprovar minha habilidade e desempenho através da licenciatura plena, prova escrita de conhecimento específico e pedagógico, algo muito comum e habitual nos concursos e processos seletivos para docentes da educação.

Após todo o processo burocrático de seleção por meio de prova escrita, classificação, comprovação de títulos e formação, a pior parte e a mais torturante foi o exame médico probatório, onde meu nome social não foi respeitado por alegarem desconhecimento de leis específicas, me foi atribuído e recebi como responsabilidade assumir uma sala de aula com 35, 40, 50 alunos e ao iniciar a real atuação como professora de arte, minha insegurança quanto a minha afirmação identitária me trouxeram dúvidas e questionamentos sobre ser professora e travesti.

Para um professor heterossexual e cisgênero, assumir uma sala de aula não e apenas o desafio de exposição e ter a insegurança do conhecimento específico, talvez a timidez, a desinibição e saber falar e expressar em público seja um desafio, pois estamos expostos a vários olhares, leituras, culturas e conceitos diferentes sobre o que é ser professor e professora.

Ao entrar na sala de aula me senti nua, pelada, despida dos dedos dos pés a cabeça literalmente! Minha insegurança não era dar respostas corretas ou ter dúvidas sobre o assunto abordado em minha disciplina e sim sobre minha sexualidade, orientação sexual e identidade de gênero o que para mim era o mais desafiador e aterrorizante.

Então encarei com naturalidade e resolvi em meu primeiro dia de aula me despir totalmente de todos os meus pré-conceitos sobre sexualidade, gênero e papéis de gênero, respeitando sempre o limite cultural e social de meus alunos, expondo a minha condição enquanto ser humano e diversidade.

Propus então em minha apresentação, além da minha formação e qualificação, falar um pouco mais sobre mim mesma, minha família, criação e estrutura básica de formação. Comecei me apresentando como gênero feminino e pelo qual o meu nome condizia na minha situação exposta e dentro da minha identificação, porém não subestimei os conceitos e referências ao gênero masculino e feminino no qual meus alunos tinham herdado hierarquicamente por suas famílias, logo após assumi minha identidade de gênero travesti em um discurso de que não era doença, errado ou perversão e sim uma forma de identificação, reconhecimento e apresentação social perante todos e tudo.

Apesar dos olhares espantados e dos pontos de interrogação que visualizava

nitidamente em seus olhares, iniciei a introdução a educação sexual, suas bases teóricas, fundamentos e conceitos. Primeiramente apresentei a sexualidade como um processo natural de desenvolvimento e descoberta da condição humana em seu tripé de sustentação teórico que são, Sexo Biológico, Orientação Sexual e Gênero.

Em primeiro momento apresentei o Sexo Biológico como algo científico, onde temos machos e fêmeas com suas características hormonais em todas as espécies biologicamente consideradas e seu sistema reprodutivo, porém tive muito cuidado em abordar e explicar a intersexualidade como algo cientificamente possível dentro da realidade científica e biológica com referências literais e acessos midiáticos da TV e outros.

Após entenderem sobre a formação do sexo biológico, apresentei a Orientação Sexual como uma descoberta atrativa e sentimental, no qual fundamenta-se no saber gostar de outras pessoas, de uma forma diferente de quando somos crianças, onde os sentimentos e a atração através do desejo pelo outro se acentuam e proliferam, algo natural no decorrer da adolescência com a produção hormonal e a passagem ou transição de criança para adolescente.

Em primeiro momento perguntei quem era heterossexual e poucos levantaram as mãos e alguns ficaram na dúvida sem saber se levanta ou abaixava a mão. Para minha surpresa ao explicar a atratividade e desejo pelo outro, fui surpreendida pelo questionamento e indagação dos alunos que me trouxeram o porquê não fiz a mesma pergunta para as outras orientações sexuais que não fosse a normativa imposta socialmente. Respondi de que não queria expor negativamente essas pessoas, porém fui desafiada a refazer a pergunta.

Muito constrangida e também surpresa no questionamento, refiz a pergunta de quem era homossexual poderia levantar a mão e para minha surpresa tive alguns alunos que levantaram as mãos e quando perguntei quem era bissexual também tive manifestação afirmativa.

Nesse momento imaginando levantar uma polêmica, pois trata-se de um assunto tabu, fui censurada pelo meu padrão normativo de questionamentos. Seria realmente a melhor forma de abordagem, onde subestimei a manifestação e liberdade sexual de meus alunos dos anos finais do ensino fundamental II e ensino médio.

Conseguindo desconstruir meus pré-conceitos na abordagem da sexualidade e repensando, reaprendendo sobre o quanto sexualidade é algo natural e humano, entrei no último conceito da sexualidade que é gênero, nesse momento levantei questionamentos sobre desempenho e desenvolvimentos de papéis de gênero.

Iniciei a pergunta se homem poderia usar saia, dançar ballet e continuei com censuras de que se poderiam se depilar, tirar sobrancelhas ou até mesmo se maquiarem e todos concordaram que sim, era possível. Continuei perguntando se mulheres poderiam usar calças, votar, trabalhar fora, jogar futebol e operar máquinas de grande porte e todos disseram que sim sem inusitar em suas respostas, foi quando aproveitei o gancho e expliquei sobre identidade de gênero.

Nesse momento expliquei que independente do sexo biológico atribuído ao nascimento a sua manifestação e identificação de gênero não condizia com a maioria da população e que seria imposto como uma verdade e realidade natural de evolução natural da espécie.

Nesse momento pude intervir com uma abordagem histórica, social e cultural sobre papéis de gênero e são diversos e que devemos levar e conta todas essas considerações ditas anteriormente. Ao explicar que nasci no sexo biológico masculino e que meu comportamento e identificação não era com o papel de gênero homem e sim mulher, eles entenderam perfeitamente e condizentemente que sexo biológico não institui uma orientação sexual ou gênero correspondente ao mesmo.

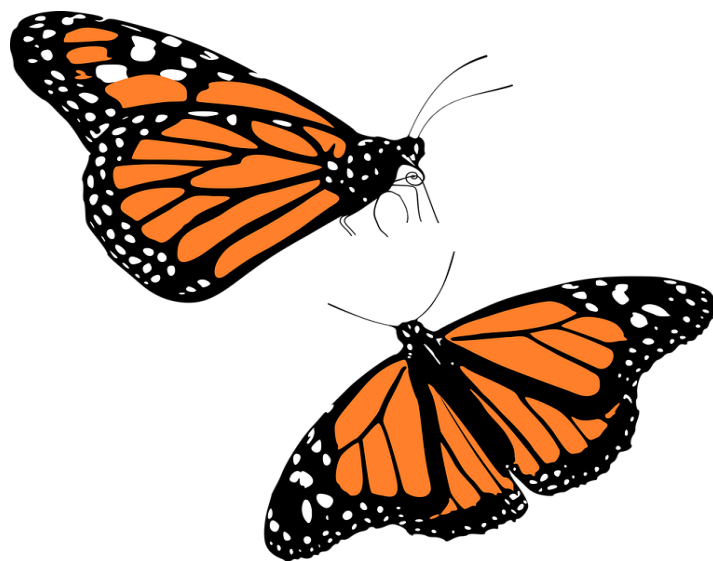
Nesse momento assumi minha identidade de gênero travesti e expliquei sobre travestis e transexuais e suas particularidades. Muito confuso e ao mesmo tempo muito didático com a participação e intervenções de todos, via os olhares de curiosidade, dúvidas e questionamentos sobre o assunto abordado.

Encerrei falando sobre a importância da sexualidade e da saúde apresentando todas as múltiplas manifestações da sexualidade tidas como ofensores ou a naturalização da atração, desejo e prática sexual abordando doenças sexualmente transmissível e nesse momento todos queriam perguntar, mas prossegui de uma forma muito natural e estrutural de que responderia todas as perguntas de uma forma informativa e explicativa após finalização do tema apresentado.

Ao encerrar, reforçando tudo o que tinha que havia sido apresentado sobre educação sexual, apareceram perguntas das mais obscuras e improváveis possíveis, mas as conduzi segura de forma institucional e dinâmica, pois me respaldava sobre as legislações educacionais vigentes como LDB e temas transversais dos PCN.

Encerrando minha primeira aula como professora de arte e travesti, percebi que desconstruindo meus preconceitos e paradigmas sociais foi a solução para resolver as indagações e os problemas do ensino aprendizagem em educação sexual.

O ano decorreu, consegui apresentar a proposta e curricular de ensino de arte e na última semana de aula pedi para meus alunos redigirem uma dissertação intitulada: “Minha professora de Arte é travesti”. Apresento através das redações as opiniões, críticas e sobretudo as experiências vivenciadas através da sexualidade e o ensino de arte com as turmas de anos finais do Ensino Fundamental II. Seguem relatos dos alunos através da escrita na estrutura de redação dissertativa a experiência vivenciada em sala de aula.





Nome: Maria Cecilia de Paula nº 24 9º B

"Minha professora de arte é incrível."

Desde quando você entrou na escola, vi algo de "extra-  
no" em você. Percebi que independente de sua sexual-  
idade você vive e é uma professora boa.

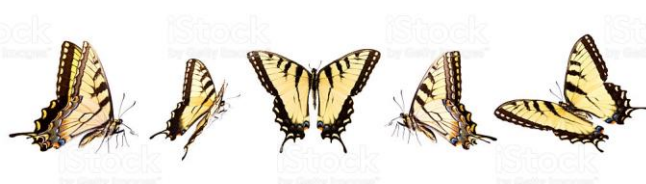
Quando você começou a falar sua história, falou  
por todos os problemas de precariedade que você já  
passou, me emocionou muito, pois era a única pessoa  
que falou como era sua sexualidade.

Todos depois viram que independente disso, nada iria  
mudar em questões de aprendizagem e até sua amizade  
que o aluno tem com o professor.

Você me emocionou muito além da matéria, ensinou que  
preciso superar todos meus medos, ignorar aquelas coisas  
que não têm significado, lutar pelos meus direitos e  
conquistas.

Você sendo homem ou mulher, o seu conhecimento e  
carinho com nós não mudou em nada.

Me surpreendeu muito com sua paciência e dedi-  
cação nas aulas, me fez crescer e acreditar no mundo de  
outra maneira.





Nome: Lívia Cruz de Lima nº 21 série: 9ºB

"Minha professora de artes é travesti."

O que dizer da minha professora de artes? coisas infinitas mais citar algumas. Até hoje tenho lembranças do primeiro dia de aula da professora Fernanda entrar sem um sorriso no rosto, e eu havia percebido que ela era diferente.

Depois fomos se conhecer um pouco mais e ela explicou a sua sexualidade, e que todos nós devemos respeitar uns aos outros do jeito que agente é, e eu aceitei normalmente.

O fato de ela ser travesti, não influenciou nas aulas de artes, pelo contrário ajudou e muito fazendo nós alunos ver um mundo diferente, e sem preconceito.

A professora de artes é excelente, explica muito bem a matéria, interage com os alunos e concorda que é a melhor professora de artes que eu já tive.

Espero que ela continue essa pessoa especial, ajudando ao próximo, e faz mais um ano sempre de conquistas, vitórias e lutas, se deseje tudo de bom e continue sempre assimooo.



Nome: Josilene Leal B. Nº: 19

## Redação \* N.ª Lilha professora de Arte é travesti

No começo eu achei estranho porque nunca tinha tido uma professora travesti, mas com as aulas com ela eu vi que não tem nada a ver a sexualidade, eu percebi que não tem cor, sexo isso não importa, só importa o que realmente a pessoa é, e como professora ela é uma ótima pessoa, ela não é somente nossa professora ela é nossa amiga, ela conversa com nós, a fernanda é muito divertida.

Sou uma menina que não tenho preconceito.

Fernanda só te fale uma coisa, se alguém quiser te derrubar com críticas ou chi ganhentos nunca caia continue essa pessoa forte que você é, não se importe com que digem de você é tudo recoblique sera gostei muito de ter você como professora, obrigada por tudo que você me ensinou.

👏 parabéns por ter superado todos esses preconceitos.

Nome: Claudio Guilherme Lourenço de Souza  
 Minha professora de Artes e Tiveste

Boa meu primeiro dia de aula com a professora Fernanda, assim... pessoalmente para mim foi normal vagar na lógica ou seja por mim foi algo inesperado pois foi "estranho" pois desde quando estou na escola até então meus professores sempre faziam namoros com mulheres.

Porém meu não foi um choque ou assustado pois tenho a mente aberta e sem preconceitos mas sem admitir que não foi normal pela minha lógica, fiquei surpresa ter um ou uma professora (o) ?

Tiveste não acho muito correto dizer preferir Transsexual acho a termo meio insulto a sexualidade da professora.

O fato de ela ser não prejudicou ou confundiu o meu ensino, foi até bom alguns alunos aprendiam muito sobre sexualidade e respeito e artes!

É a diferença de que nas Lamas unice e da até hoje foi a minha primeira professora Transsexual e a melhor professora de Artes, sem ser ~~uma~~ única só!!!

## Experiencia Argentina

Claudia Vásquez Haro



### *PALABRAS SON BORBOLETAS*

*Libres, ligeras y sueltas, así son las mariposas ... Así también son las palabras. Nada de guardarlas o reprimirlos. Pensó, sintió, escribió. Simples así. Las palabras son como las mariposas.*

Mi nombre es Claudia Vásquez Haro, soy docente e investigadora sobre cuestiones de género, diversidad sexual, derechos humanos y migraciones por la Universidad Nacional de la Plata (UNLP), en La Facultad de Periodismo y Comunicación Social (FPyCS).

Me gradué en el 2012 con el título de Licenciada en comunicación social, con orientación en Periodismo, hecho que me convertiría en la primera mujer trans en recibirse en mi universidad. Inicié la carrera en el 2005, y en el 2007 fui convocada para dar charlas de diversidad sexual e identidad de género en el Seminario de Comunicación y Derechos Humanos, que luego se convirtió en cátedra y en 2016 en materia obligatoria para casi, 1000 estudiantes que ingresan cada año en la carrera.

Allí soy docente, por concurso público, primero obtuve el cargo de jefa de trabajos prácticos (JTP) y desde 2017, adjunta de cátedra.

En el 2008 motorizamos para que la Facultad de Periodismo y Comunicación Social de La Universidad Nacional de La Plata, se convirtiera en la primera universidad pública de Argentina y de Latinoamérica y del Caribe en reconocer la identidad de género autopercida de sus estudiantes, mediante una resolución votada por unanimidad por lxs concejersxs académicsxs. Este documento serviría de antecedente para que luego se replicara en otras Facultades y universidades en Argentina.

Mi experiencia de vida no solo puede ser leída como un mérito al esfuerzo personal, sino colectivo. Principalmente de una política de Estado durante los gobiernos de Néstor Kirchner y Cristina Fernández de Kirchner, quienes promulgaron leyes como: la nueva ley migratoria, la ley de matrimonio igualitario (2010), la ley de identidad de género (2012), entre otras. Esto posibilitó que las personas trans y travestis, podamos ir a las universidades, terminar los estudios primarios y secundarios a través del Plan Fines, destinando un 6, 5% del PBI a la educación.

Históricamente el colectivo de personas Trans y Travestis, Lesbianas, Gays, Bisexuales e Intersex (TLGBI) hemos sido discriminadxs, excludxs e invisibilizadxs por nuestra orientación sexual, expresión e identidad de género. Si bien del 2003 al 2015 en Argentina los sectores más vulnerables adquirimos derechos básicos que nos amparan, surge una

pregunta en torno a ¿Qué rol cumple la educación en los procesos formativos, respecto a las identidades trans y travestis?

Esta interrogante permite preguntarnos por uno de los colectivos más vulnerados de nuestra sociedad civil. El testimonio y las experiencias en primera persona da cuenta cómo se intentó disciplinar los cuerpos trans y travestis mediante distintos dispositivos de poder, y control social. Esta reconstrucción se piensa no solo desde lo simbólico sino también desde lo material, mediante el pedido de un resarcimiento económico al Estado, por la violación a sus derechos humanos, la cual se llevó adelante desde sus instituciones, y miembros de la sociedad civil. Acá la educación jugó un rol determinante. Como así también la crítica al encorsetamiento de las identidades trans en el binomio sexo/género - femenino /masculino.

En Argentina, existía dos mecanismos explícitos que reprimían las identidades Trans. Por un lado, la existencia de los códigos de faltas contravencionales o también conocidos como edictos policiales, que criminalizan a estas personas, llevándolas detenidas por varios días “por usar ropa de su sexo contrario”. Por el otro, la resolución N.º 663/92, de la Dirección Nacional del Registro de las Personas, que en el artículo 2 establece que, en ningún caso, “las fotografías deberán dar lugar a interpretaciones erróneas del sexo”. La primera, data de la última dictadura militar y la segunda de 1992. Estos dispositivos son propios de las sociedades disciplinarias.

Michel Foucault, desarrolla dos dispositivos de los estados modernos: El anatomo y el biopoder. Estos en función de la sexualidad operan como dispositivo de poder y disciplinamiento de los cuerpos, las identidades y las sexualidades. La primera tiene que ver estrictamente con el cuerpo de los individuos. Mientras que la segunda con creación de disciplinas científicas como micro políticas que refuerzan un discurso hegemónico para el control y vigilancia de la natalidad.

Por su parte la ciencia médica, hasta la actualidad patologiza las identidades Trans y travestis, lo diagnostica como anomalía y en su catálogo sobre enfermedades mentales, incluye la transexualidad. Mientras que el Derecho penalizaba los cuerpos y las practicas no normativas mediante el encierro. Foucault desarrolla en su libro “Vigilar y Castigar”, la finalidad de la creación de cárceles, manicomios, escuelas etc. Esa vigilancia a través del panoptismo, es el mismo dispositivo y mecanismo con el que se vulnera en la actualidad a la persona trans, cuyos cuerpos se resisten a ser disciplinados y atravesados tanto por el anatomo, como el biopoder.

Este sistema de exclusión y discriminación que llevo adelante el Estado Argentino por parte de sus instituciones fue ampliamente respaldada por los miembros de la sociedad civil. La violación a sus derechos humanos de las mujeres trans y travestís tuvo su co-relato en las familias, las escuelas y en cada una de las instituciones creadas por y para heterosexuales. Espacios donde a cualquier persona de la diversidad sexual se les expulsaba por el solo hecho de ser y pensarse diferente al orden instituido como universal, único, valido y legítimo.

Las escuelas, colegios, universidades y cualquier tipo de espacio formativo como homogeneizadoras de ciudadanxs, perpetúa el orden instituido, mediante conocimientos y

prácticas heteronormativas que reproducen un orden injusto. En estos espacios formativos las voces trans y travestis fueron acalladas, invisibilizadas, y excluidas. No se tuvo en cuenta sus prácticas cotidianas, sus ideas como parte de la producción de un conocimiento subjetivo, diferente al orden existente. Se sesgo el intercambio de saberes y el debate como constitutivo de lo público, desconociendo y restringiendo su rol político de sujetxs. Ese acallamiento es producto de lo que uno lo hace cuerpo. Es decir que hay una especie de silenciamiento aceptado como algo natural por las personas TLGBI, sin ningún tipo de cuestionamiento, nacimos incorporando estas ideas y creemos que solo existen hombres y mujeres en términos de genitalidad.

A mismo existe la idea de que las personas TLGBI no tienen nada que ver con la política, y que ese lugar solo está reservado para los hombres heterosexuales, adultos, burgueses y blancos. Cuando hacemos eso, así como hay agentes de la explotación en el sistema productivo y agentes de la represión, lo que Louis Althusser llama los aparatos represivos del Estado, hay profesionales que se encargan de reproducir la ideología; es decir que cada vez que negamos y acallamos la politicidad de nuestras prácticas como sujetos de la cultura, estamos actuando como profesionales funcionales a los aparatos ideológicos del Estado.

Es decir que algunos hemos hecho cuerpo el discurso dominante, porque el cuerpo cree en lo que juega, según el sociólogo Pierre Bourdieu. Francisco Gutiérrez tiene como hipótesis en su libro “la educación como praxis política”, donde plantea que si los docentes tomaran conciencia de que son inculcadores de la ideología dominante, sería posible la transformación de una educación popular, inclusiva y diversa. Entonces hay que intentar desmantelar todas aquellas cuestiones en la que nosotros habiendo incorporado como natural – la distancia entre educación, política, sexualidades e identidades de género – estamos de algún modo reproduciendo las relaciones, las ideologías, las formas propias de un sistema de dominación. El cual tiene como finalidad perpetuarse desde un punto de vista económico, cultural, y financiero.

Así, el discurso hegemónico opera con la idea de “no te metas” “de la patologización” y de “la anormalidad”, que ha proliferado tanto, y que la educación no tiene nada que ver con la política de las sexualidades diversas, las identidades de género, y que en esos temas tiene que ser neutrales o no hablarlo porque es algo malo. Esto se repite, hay veces desde una convicción de los maestros, otra como una demanda de los padres, hay veces incluso, como una idea de los niños o de los jóvenes.

Estamos todo el tiempo asediados con este discurso autoritario de larga data, que no es solo en la Argentina- como algo residual - pero que acá ha sido muy fuerte y que tiene que ver con la dicotomía que planteo Domingo Faustino Sarmiento - “el padre de la educación argentina” - entre civilización y barbarie. Estos dos polos no tienen nada que ver entre sí, pero hay fronteras entre ambos y algo que produce uno de ellos, es siempre la sensación de que la barbarie es una amenaza, una anomalía, y objeto de pánico moral.

¿Y que ha sido históricamente la barbarie en La Argentina?

No solo ha sido identificada con la pobreza, sino también con todo aquello que

apunta a lograr un orden de vida más justo, barbarie han sido los trabajadores organizados, las cabecitas negras, los movimientos sociales, las mujeres, las personas TLGBI, los pueblos originarios/ indígenas, entre otros, quienes han procurado mediante la lucha conseguir un espacio para la transformación, la justicia social, y la igualdad.

Entonces nos podemos preguntar ¿Qué es política? según el antropólogo argentino Rodolfo Kush, considera que la política es el conjunto de estrategias colectivas para una vida mejor, en una determinada sociedad. Esas estrategias tienen que ver con el ejercicio del poder, con la revisión de las relaciones sociales y con la desnaturalización de algunas de ellas.

Asimismo, el pedagogo Paulo Freire, sostiene “que toda práctica educativa contiene una dimensión política, pero a la vez toda práctica política contiene una dimensión educativa”. Podemos ver como diferentes personajes de la historia, para nombrar algunos Eva Perón, Néstor Kirchner, Cristina Fernández de Kirchner, entre otras, mediante su práctica política, nos interpellaron para ser protagonistas de la creación de procesos de formación subjetiva. Es decir, nos permitieron ver la realidad desde otro lugar, invitándonos a posicionarnos desde ahí y ver el modo en que incidimos en la organización e inscribirnos en la lucha, que tiene que ver con mejores condiciones de vida para todos y todas.

En este sentido la escuela debería ser una institución atravesada por lo político, porque hay una generación de pedagogos que están convencidos que no hay que formar para luego participar, sino que se aprende participando. Arturo Jaureche, Paulo Freire, Eva Perón, el Che Guevara, las Madres y las Abuelas de Plaza de Mayo, entre otros actores políticos, sin pensarlo tiene una dimensión educativa en sus prácticas. Porque cambiaron nuestras conciencias de pensar nuestras vidas, nuestras prácticas, nos hicieron tomar posición, esto tiene que ver con educación y política.

Para nosotras las personas trans y travestis después del 1983, no tuvimos democracia, porque la policía Federal, y Provincial nos violentó y reprimió. La etapa más cruda, violenta y visible fueron los 90. No tuvimos una justicia digna. El primer juez era un policía y en el caso de apelar en una segunda instancia a un juez, se las seguía condenando porque consideraban que la vida de una persona trans prostituta era burda e indigna. Nos dejaron en un lugar de extrema vulnerabilidad. La expectativa de vida de nuestro colectivo no supera los 35 años, hemos muerto por asesinatos producto de los travesticidios, de la violencia policial, por habernos contagiado enfermedades venéreas, por el sida, entre otras.

Nosotras las sobrevivientes cargamos con todas esas muertes, tenemos la responsabilidad histórica de luchar desde el lugar que nos toca ocupar a cada una, en mi caso desde la docencia, la investigación y la militancia, formando comunicadorxs críticos, que no reproduzcan desde la palabra, sus prácticas y los medios, tramas y representaciones cargados de perjuicios y enunciados discriminatorios. Asimismo, reclamarle al Estado una reparación para las sobrevivientes en términos pecuniarios, pero también simbólicos para todo nuestro colectivo.

Actualmente curso el doctorado en Comunicación, coordino el observatorio de Comunicación género y diversidad con perspectiva en derechos humanos y tengo a mi cargo

la Dirección de Diversidad Sexual de la (FPyCS-UNLP). En paralelo milito en organizaciones de la sociedad civil OTRANS Argentina, Convocatoria Federal Trans y Travesti de Argentina, y el Frente TLGBI de La Provincia de Buenos Aires, en todas ocupo el cargo de presidenta. Asimismo, soy co fundadora de la Confederación Trans de Latinoamérica y el Caribe (COTRANSLAC). Integrante del Fondo Internacional Trans (FIT). En síntesis, son una docente universitaria militante y defensora de los Derechos humanos de la comunidad TLGBI y migrante en Argentina y la región.



Cristina Fernández de Kirchner e Claudia Vásquez Haro



## Experiencia de Uruguay

Alejandra Collette Spinetti Núñez

Mi nombre es Alejandra Collette Spinetti Núñez naci en Paso de los Toros, una ciudad del interior de la República Oriental del Uruguay hace 52 años, viví mi adolescencia bajo dictadura militar, en una familia que practicaba un catolicismo popular muy latinoamericano impregnado de mitos, supersticiones y rezos en un pueblo pequeño. Expreso esto porque mi construcción trans no ha sido fácil debido a múltiples represiones tanto de índole social, religiosa como políticas. Al final de la dictadura me traslado a la capital del país, Montevideo, y allí termino mi educación secundaria, siempre ocultando mi identidad ya que la criminalización y patologización trans era el discurso de la represión incluso en los primeros gobiernos democráticos post dictadura.

Leyendo “La Hojarasca” de Gabriel García Márquez descubrí mi vocación por la literatura e ingresé al Instituto de Profesores Artigas (IPA) y mi experiencia inicial fue nefasta, el primer profesor que me tocó me dijo “así a Boulevard<sup>6</sup>, acá no”. Allí entendí que tenía dos opciones: dedicarme a la prostitución o reprimir mi expresión del género y lograr mi objetivo con el estudio. Así y siendo víctima de bullying logré recibirme.

Llena de miedos inicié mi carrera docente en la Educación Secundaria pública (CES) y si bien no expresaba mi género totalmente, mi ropa afeminada, mis ademanes y voz fueron objeto de burlas tanto de alumnos como colegas y autoridades. En estos tiempos vivi un calvario de dolor, intentos de suicidio, sentimientos de culpabilidad y suciedad.

Fue así que hace unos 15 años atrás y trabajando en un centro educativo público donde se me valoraba como persona, empecé lentamente a exteriorizar mi identidad. Con muchos miedos, ya que podía perder el trabajo y los alumnos y sus padres podrían quejarse, fui de a poco haciéndolo, maquillaje suave, uñas largas, pelo largo.

Hubo momentos en que los propios alumnos ayudaron en ese proceso. Recuerdo que en un momento yo estaba buscando un borrador y marcador en mi bolso y un alumno me dijo “porque las mujeres guardan tantas cosas en la cartera?”, él nunca tuvo idea de cuánto me ayudo en el proceso. Hasta que llego el primer día en que fui de falda y tacos a trabajar, sentí que era yo, que conquistaba el mundo, que no mentía.

Sólo recibí el mayor de los respetos por parte de mis alumnos, no así de los colegas de los cuales muchos dejaron de hablarme, incluso mis autoridades me trataban en masculino frente a los alumnxs ya que aún no había en el país ley de identidad de género. Un director me dijo “hasta que no me traigas tu cédula con nombre femenino seguirás siendo Alejandro”. No es fácil estar entre dos mundos, el que debe ser y el que los demás leen de una en su construcción. Pero continué porque sentía y siento debo ser honesta, conmigo y con el mundo, porque pienso, tal como nos enseñó mi papá “venimos a este mundo a

---

<sup>6</sup> Boulevard Artigas es la calle donde realizan trabajo sexual las compañeras trans en Montevideo.



dejarlo un poco mejor de lo que lo encontramos” y nuestra función en la sociedad es abrir caminos para nuestrxs compañerxs trans que vienen y necesitan realizarse y ser felices.

Desde ese día el tema está en cada una de mis clases, no necesito tomarme una clase para desarrollarlo, a menos que sea necesario, porque desde la literatura se puede trabajar desde varios lados y no solo la identidad de género sino las construcciones que cada unx de nosotrxs hacemos para vivir en la sociedad. Temas como el amor en Grecia al trabajar el canto XVI de la Ilíada se prestan para investigar sobre el amor tanto en Grecia como en otras culturas y de esa manera compararlas con el hoy y la condena al amor entre personas del mismo sexo. Los capítulos 2 y 3 del Génesis son propicios para trabajar la condena a la mujer y a todo lo femenino y el rol que la sociedad le asigna y sus consecuencias en los femenicidios y travesticidios, la violencia hacia quienes rompemos la bigeneridad y la explicación del ser trans tomado además como la subversión al orden impuesto por el macho dominante y como seguimos permitiendo que continúe esa dominación. Como entramos quienes nos construimos en el hecho de que está todo pre-determinado y legalizado desde la costumbre, como las propias personas trans que rompemos la bigeneridad muchas veces asumimos el rol impuesto a la mujer, a lo cual me opongo y no va con mi construcción.

Me construí como una subversiva, desde un género que reivindico, el género trans, que queda fuera de la bigeneridad y que por lo tanto debemos luchar para su dignificación. No busco se me reconozca como mujer sino como persona trans, y si he subvertido el orden bigenérico estoy convencida que debo subvertir todo orden impuesto y crear una nueva sociedad.

Es muy común que los alumnos al verme en algún medio de prensa me pregunten porque hay que luchar, recuerdo una anécdota que me preguntaron eso y les respondí que no había acceso laboral y su respuesta fue, “porque no si son personas” lo cual agradecí desde lo más profundo ese pensamiento y obvio hablamos mucho sobre como la sociedad condena a aquella persona que rompe lo esperado y lo asignado.

Me ha sucedido y tengo los mensajes de padres y madres que me agradecen haber sido profesora de sus hijos porque “les abro la cabeza”. Otras veces los propios chicos me dicen a fin de año “yo pensaba otras cosas de las personas trans y ahora me doy cuenta lo equivocado/a que estaba” Estas son expresiones que llenan el alma y que demuestran como las personas trans debemos revelarnos al sistema y no permitir se nos deje como único destino la prostitución, debemos, como yo lo llamo, “invadir los espacios” y de esa manera conquistar nuestro lugar destruyendo la dominación y la colonización de nuestras identidades.

Hoy en día desarrollo mi tarea con total tranquilidad sabiendo que aún existen discriminaciones y controles a mi persona solo por el hecho de ser trans. Para muchos y en especial autoridades no soy confiable y se dificulta mucho el acceso y/o permanencia en cargos de autoridad. Se me ha cuestionado muy recientemente mi activismo como forma de impedir mi desarrollo laboral, de hecho acabo de renunciar a un cargo por ello.

Queda aún mucho por hacer, mucho por de-construir pero soy una convencida que

debemos hacerlo nos cueste lo que nos cueste porque se lo debemos a quienes vienen.

## SALU COMPAÑERXS



Profa. Alejandra Collette Spinetti Núñez  
Profesora CES (Consejo de Educación Secundaria)  
Profesora de danza SODRE  
Integrante de MYSU  
Integrante de ALIANZA TRANS URUGUAY  
Asesora por Uruguay para RIE (Red Iberoamericana de Educación)  
Secretaria General de CORPORA EN LIBERTAD  
Integrante del COMITÉ DE GOBIERNO DEL ITF  
Integrante del COMITÉ EJECUTIVO COTRANSLAC



## A Pedagogia do Salto Alto

Marina Reidel

Professora e Mestre em Educação pela UFRGS.

Eu aprendi a ler e a escrever. Também foi nesta época e na escola que aprendi o que era a violência e agressão de gênero. Num mundo de sofrimento, aprendi que talvez a vida pudesse me ensinar, ainda que pequena, como a sociedade via e julgava aqueles que saiam da norma, da heteronormatividade. Cresci sabendo que o que acontecia comigo acontecia com muitas pessoas e que só através da coragem e de muita força poderia vencer e conquistar, tornando possível o impossível.

Na escola, aprendi muito sobre o que é ser “diferente”, e aprendi muito, muito bem, o que são as regras da escola e o preço que se paga por desobedecer estas regras, em especial quando são regras não escritas, como é o caso da maioria das regras de gênero e sexualidade. Em nenhum lugar se diz que aluno não deve ser delicado, em nenhum lugar está posto que aluna não pode jogar futebol, em nenhum lugar se diz que um aluno não pode gostar de roupas, adereços, bijuterias.

Ao mesmo tempo, embora não estejam escritas, estas leis são muito duras e o meu aprendizado como aluno fez conhecer bem tal dureza, e é claro que influenciou o ser professora, já que uma boa parte do que se aprende como ser professora, aprende-se olhando a escola, a sala de aula e as demais professoras, quando somos alunos. Desta forma, ao ser professor – e depois professora – fui me tornando uma docente diferenciada, especialmente em relação ao trato com as questões de gênero e de sexualidade, mesmo licenciada em Artes Plásticas, com Pós-graduação em Psicopedagogia.

Por muito tempo minha história de vida circulou em dois universos: o da Educação e o da Transexualidade. Foi assim! Aprendi na escola o que é ser professora e o que é ser Transexual. Aprendi também que não é fácil equilibrar o giz e o salto alto, pois sendo professora e mulher trans tenho que ser uma excelente professora e uma mulher muito mais mulher que as outras, para não ser chamada de homem vestido de mulher. Tive que lidar com o tema da sexualidade o tempo todo, embora não fosse esta disciplina que lecionava.

Outro equilíbrio é entre colegas, comunidade escolar e desejo dos alunos. A vida pessoal da professora trans parece ser sempre mais aberta, mais discutida, do que a vida das outras professoras. A professora trans tem, ainda, de se equilibrar frente à curiosidade dos alunos e dos colegas. Este atravessamento provocado por todas as situações faz com que a professora seja muito mais solicitada a compartilhar da vida da escola e, respectivamente, a escola vive a vida da professora.

Natural do município de Montenegro, no Rio Grande do Sul, filha caçula de uma família de origem alemã, de cinco filhos, iniciei meus estudos em escolas públicas, no ensino médio cursei magistério em colégio de freiras e paralelo ao curso fiz técnico em educação musical por uma fundação de artes chamada Fundarte. Com 18 anos iniciava minha carreira docente no magistério com habilitação na educação infantil e séries iniciais do ensino fundamental. Só depois de formada em Artes, passei a atuar na disciplina específica, tanto no magistério público estadual quanto na Fundarte, no mesmo município e por muitos anos

trabalhei com alfabetização e educação infantil.

Somente com minha transferência para Porto Alegre minha transformação aconteceu. Aconteceu num tempo onde as questões socioculturais eram possíveis, tanto na escola como na vida. Um tempo onde novas formas de viver surgiram. A conquista do meu espaço foi através do trabalho, da competência e liberdade de expressão. Medos? Sim. Muitos! Inclusive pelo fato de assumir publicamente uma condição de vida diferente da que vivi até então. Essa postura não deixa de ser um ato político que, movida pela coragem, depois de muitos anos dentro da escola sendo professor, resolvi assumir minha transexualidade.

Tudo aconteceu no meio do ano letivo, provocando uma bagunça e um alvoroço naquele espaço. Foi então que tudo começou...

Em 2007, ao retornar das férias, convivendo, durante três meses na Europa com amigas transexuais e travestis, marquei consulta com um cirurgião e comecei a “preparar o terreno” para a transformação. Nesta época, já havia aplicado silicone industrial no corpo, marca que carrego até hoje, pois com o passar do tempo sinais dele aparecem na minha resistência física e comprometimento com a saúde e já estava tomando hormônios indicados pelas amigas e já tinha o cabelo comprido. Foi também quando criei coragem e furei a orelha para colocar um brinco. Não contente, furei as duas orelhas e coloquei um par de brincos de brilhante. Era um luxo! Como dizia minha amiga: “bicha fina, bicha luxo”.

Lembro como se fosse hoje, no dia 16 de maio, cheguei à escola com a novidade de que iria fazer a cirurgia de mamoplastia, cirurgia plástica no nariz, retocar a pele e os lábios. Quando conversei com a diretora da escola sobre a cirurgia, ela ficou chocada. Ficou em pânico, dizendo como seria a reação da comunidade escolar. Mesmo assim, deu apoio e disse que iria assumir junto comigo. Lembro que ela pediu cópia da Lei Estadual 11.872 que trata da discriminação e preconceito em âmbito geral no Estado do Rio Grande do Sul e a própria Constituição Federal, que, no artigo 5º, diz que “Todos são iguais perante a lei, sem distinção de qualquer natureza; É inviolável a liberdade de consciência e de crença; São invioláveis a intimidade, a vida privada, a honra e a imagem das pessoas”. Após xerocar todas as leis, tratou de espalhar cópias pela escola a fim de mobilizar e situar todos diante da situação.

Assim, quando me afastei para fazer as intervenções, em junho do mesmo ano, a diretora solicitou que os professores conversassem com os alunos sobre o assunto, inclusive o professor de Ensino Religioso, que deveria trabalhar a temática da homofobia nas aulas. Foi muito bom, porque ao retornar transformada, percebi que os alunos sabiam e me aguardavam com uma expectativa de como seria, então, a professora Marina. Também lembro que no dia do retorno à Escola, estava acontecendo o conselho de classe e eu adentrei a porta com o “peito na bandeja”, no salto e montada. Foi o primeiro choque no ambiente escolar, porque a curiosidade dos colegas também era grande em relação a minha apresentação pessoal.

Retornei, no salto tentando equilibrar-me em cima, montada e armada de todas as garantias de poder executar minhas tarefas sem problemas e com uma nova experiência a ser vivida a tarefa de ser professora e, acima de tudo, uma mulher. Posso afirmar que nunca desci do salto, mesmo sabendo que poderia passar por diversas situações com pais, alunos e colegas. Mas não desisti! Assumi publicamente minha condição e nunca me arrependi do

que fiz. Assim, muito mais segura, estava vivendo um momento muito importante e bem mais feliz de minha vida. Joguei tudo neste jogo da vida e apostei na felicidade, já que era uma vida reprimida, em um corpo que não era o meu e com muitas marcas de sofrimentos e lágrimas.

Muitas vezes chorei sem que ninguém visse. Muitas vezes, não sabia o que fazer até olhar para o espelho e perguntar por que era assim? Por que as pessoas me agrediam? Por que eu tinha que chorar ou pagar por um preço tão alto se o que eu queria era apenas ser feliz? Lembro que na infância, um dia alguém disse que se eu conseguisse atravessar um arco-íris depois que a chuva passasse, viraria uma menina. Juro que, por toda a minha infância, fiquei procurando arco-íris para que isso se realizasse.

Cresci com esse desejo e ao assumir este papel e esta performance, meu passado ficou na memória e nas fotos que registrei. Arregacei as mangas. Fui à luta com um sorriso e um bom batom, marcando assim minha trajetória e minha história. Tinha certeza, no fundo, que ia dar certo. Neste dia, também lembrei as palavras de minha falecida mãe que dizia ter um orgulho muito grande de mim e dizia ter certeza que eu seria uma pessoa que venceria tudo e todos os obstáculos e, então, eu me lembraria de suas palavras.

Também foi neste retorno à Escola que fatos interessantes aconteceram. Os alunos ficaram muito mais curiosos em saber tudo sobre estes processos e porque eu havia decidido fazer isso. Qual era minha motivação, já que antes nunca manifestara nada sobre minha orientação sexual ou identidade de gênero, questionavam os alunos. Minha condição de professora transexual trouxe uma nova abordagem para escola. Também trouxe um novo aprendizado e uma abertura para as questões de sexualidade e formas de vivê-la. Os alunos ficaram mais próximos e todo tempo demonstraram interesses sobre tais questões. Senti-me à vontade em falar sobre o assunto. Busquei, então, formas de aprendizagem que pudessem tornar as aulas, tanto de Arte quanto de Ética e Cidadania, interessantes e prazerosas. Um novo olhar surgiu: agora ouvia se as pisadas e o som do salto alto nos corredores da escola.

Após este processo, decidi retomar os estudos e ao entrar no programa de Pós Graduação em Educação da UFRGS, decidi no mestrado, pesquisar um pouco sobre as professoras transexuais e travestis utilizando a metáfora da Pedagogia do Salto Alto. Este projeto de pesquisa dentro da linha da Educação, Sexualidade e Relações de Gênero, possibilitou identificar professoras que vivem as mesmas situações de vida que eu e que têm um percurso de vida possível. Também compreender e problematizar aspectos sobre este trânsito de professoras Transexuais e Travestis no ambiente escolar, justamente por me interessar por temas e histórias de vidas. Ao mergulhar nas histórias dessas pessoas e, interagindo com elas, compreendi como se dão estes processos e pensar o quanto essas novas informações servirão para futuras pesquisas no campo da Educação, já que não há muitos dados a respeito dessa comunidade.

Paralela à pesquisa, dentro deste contexto, iniciei o processo de criação de uma rede de professores transexuais e travestis que pudesse discutir temas relacionados ao processo de educação, as questões de gênero e sexualidade e uma forma de aproximações já que tanto as histórias pessoais, quanto as profissionais tinham um viés nos temas propostos. Foi assim que comecei a costurar essa rede e a partir dessa ideia, com apoio da UFMG através do NUH (Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania LGBT), organizado pelo professor Dr.

Marco Aurélio Maximus Prado e da UFRGS/ GEERGE, na pessoa do professor Dr. Fernando Seffner, em maio de 2012, consegui reunir professoras transexuais e travestis em um evento chamado I Encontro Nacional da REDE TRANS EDUC BRASIL (rede de professores trans no Brasil), em Belo Horizonte, Minas Gerais.

Neste evento foi possível conversar, ouvir as trajetórias de vida e processos educacionais de dez professoras transexuais e travestis. No primeiro evento, apontou-se a necessidade de continuidade da rede, bem como, a busca constante de apoio por conta do MEC/SECADI, já que este movimento de educação é inédito no país. Também se apontou neste evento, propostas de criação de estatuto, a definição do nome REDE TRANS EDUC BRASIL, um website ou página nas redes sociais, bem como, a necessidade de escrever um dossiê de histórias das pessoas participantes da rede, já que um dos objetivos é promover a cidadania destas professoras e professores que venceram todos os obstáculos e tabus para chegar até onde chegaram.

No decorrer destes anos diversos desafios foram surgindo, principalmente por estar neste lugar de professora, mulher trans e ativista. Também abriram se portas e outras possibilidades como gestora pública na Coordenadoria de Diversidade no município de Canoas/RS, na Secretaria de Justiça e Direitos Humanos do Rio grande do Sul como Coordenadora da Diversidade Sexual e na gestão federal como Diretora do Departamento de Promoção de Direitos LGBT. Ressalvo aqui que fui sempre vista como a primeira trans gestora tanto no município, no estado e depois a primeira Diretora já que este órgão foi criado na composição do novo Ministério dos Direitos Humanos. Claro que isso não teve tanta relevância para mim, no entanto para a visibilidade foi fundamental, pois isso demarca um compromisso ainda maior com a legitimidade da causa.

Neste percurso muitas ações e estratégias foram desenvolvidas e ainda seguem como projeto de trabalho e de visibilidade para a pauta, no entanto agora a busca pelo Doutorado é uma das metas para continuidade dos estudos e aprofundamentos nas pesquisas de Educação.

Já como gestora o desafio de implementar a política pública de modo transversal e universal contemplando diversos atores que vão desde o movimento social brasileiro, percorrendo pelos estados e municípios chegando até os ministérios e assim, traçando um projeto nacional de visibilidade que aponte diagnósticos, metas e ações para um bom desenvolvimento de trabalho, assim construindo cidadania e garantindo direitos a todas e todos num Brasil tão rico e tão diverso. Pensar nessa territorialidade e no quanto temos que ainda caminhar para vencer nossas lutas e nossos desafios é o que ainda me faz ter esperança em dias melhores e como diz a própria canção “ dias melhores para sempre...”



## A transfobia institucional

Sayonara Naider Bonfim Nogueira

Professora, transgênero, licenciada em Geografia, especialista em Atendimento Educacional Especializado e Coordenação Pedagógica.

Ser uma pessoa transexual ou intersexual no Brasil tem sido e permanece ser uma condição que expõe ao estigma, preconceito e discriminação da nossa população e isto ocorre devido a uma organização patriarcal, gênero binário e heterocisnormativa. Em vista disso, ainda que com reservas e limitações, alguns países da América Latina e Caribe avançam na criação de legislações, quadros regulatórios, políticas públicas e instituições especializadas visando reconhecer e garantir os direitos da população TI<sup>7</sup>, bem como para a prevenção, atenção e erradicação da desigualdade social, violência e formas de discriminação baseadas na identidade de gênero.

Todavia, ainda falta uma política sólida sobre os direitos de TIs, bem como a ausência de vontade de consolidar e manter espaços para o desenvolvimento desta população. E essa discriminação estrutural inclui todas as práticas, atitudes e comportamentos que explicitamente, intencionalmente ou involuntariamente constituem obstáculos para que grupos de pessoas historicamente prejudicados possam alcançar direitos iguais, bem como, a melhoria de suas oportunidades e condições de vida.

Na minha trajetória de ativismo e militância sempre falei sobre passagens de êxitos na sala de aula, em relação à afirmação de uma identidade trans no ambiente escolar e a relação interpessoal com alunxs e familiares. E conforme sou procurada pela Academia e meios de comunicação social, sempre assinalaram como um caso que deu certo, esquecendo-se dos obstáculos e transfobias vividas neste espaço, em especial com os colegas de trabalho.

Antes de adentrar no universo escolar apresento uma trajetória da minha vida escolar na Educação Básica até a graduação. Iniciei meus estudos em 1979, no antigo primário, período esse que demonstrei toda minha atração pelo campo da licenciatura. Estávamos passando pelo fim da ditadura, orávamos, cantávamos hinos patriotas, e fazíamos muita Educação Física, matéria essa que eu odiava. As professoras do primário foram as que mais me influenciaram na decisão de cursar uma licenciatura.

Lembro-me que minhas professoras eram mulheres jovens, formadas no antigo curso de Magistério, queria ser igual a elas, na aparência física e usar aquele jaleco chamado de guarda-pó. Na escola em que fiz o primário existia o Pelotão da Saúde, onde xs alunxs da 4ª série que tinham destaque nas notas, percorriam as salas de aula 2 a 3 vezes por semana, falando da importância do combate ao piolho para xs mais novxs. Elxs usavam jaleco guarda-pó branco com uma cruz vermelha bordada do lado esquerdo. Como sempre tive as melhores notas da sala de aula, consegui entrar no projeto pelotão de saúde e usar o jaleco, o primeiro sonho de menina realizado.

No primeiro grau e no ginásio ocorreram às fases de descoberta da sexualidade, os

---

<sup>7</sup> Sigla que utilizarei para referir-se à população de travestis, mulheres e homens trans e intersexos.

traços femininos acentuaram-se, sempre tive sérios problemas hormonais, e os femininos se sobrepunham a testosterona, deixando meus pais à beira de um colapso. Era chamada de macho-fêmea pelos meus colegas de escola, muitos eram proibidos de qualquer contato a pedido dos pais, pois o meu jeito poderia influenciá-los também. Repeti a 5ª série uma vez e o 1º colegial duas vezes, não me sentia com vontade de estudar, quando não tinha algum colega rindo e apontando, era um ou outro que tentava tirar proveito em relação à prática sexual, período este que tive minhas primeiras experiências.

Terminei o 2º grau no noturno, pois na época fazia alguns bicos como balconista e faxina, além de cuidar da casa de mamãe que já era de idade avançada. Gostava de estudar a noite, as pessoas eram mais maduras, os professores eram jovens, a maioria estudantes de alguma licenciatura. Neste período criei o grêmio da escola, realizei diversos eventos no decorrer do ano para arrecadar dinheiro e colaborar com o lanche do noturno, pois na época não era destinada verbas para a merenda do ensino noturno.

Partindo dessa etapa, prestei 03 vestibulares, sendo bem sucedida nos três, mas optei pela Geografia, amava os mapas, os fenômenos meteorológicos, geológicos, de estudar as características de determinada população. Na universidade federal em 1996 comecei a sofrer as primeiras perversidades. Na Geografia tinha bolsa de estudo para tudo, mas nunca consegui uma bolsa de pesquisa para nada, até passava nos processos seletivos, mas sempre alegavam que meu perfil não preenchia os requisitos daquela linha de pesquisa. No prédio da Geografia eram frequentes insultos e piadinhas em relação a minha pessoa.

Mas a tortura pior era quando fazíamos os trabalhos de campo, os mais extensos que demoravam até uma semana, demandava hospedagem em pensões ou hotéis. As meninas não aceitavam minha presença no quarto, quando algum grupo decidia que poderia ficar, sempre tinha alguma que negava porque os pais sabiam da minha presença e não permitiam. Os homens, estes nem pensar, uma vez dividi quarto com um colega de curso em São Paulo na matéria Geografia da Indústria, e no outro dia ele foi a mira de todos, como se fosse uma maníaca sexual em potencial. Acabei deixando de ir aos trabalhos de campo, por não ter com quem dividir hospedagem, só ia quando tinha condições financeiras para arcar com as despesas da hospedagem sozinha.

Numa outra vez, nas aulas de Cartografia Temática, a sala de Cartografia era imensa, com mesas que agrupavam grupo de até quatro pessoas e o professor adorava começar as aulas com dinâmicas de grupo e sorteio de agrupamento para as aulas. Certa vez cheguei atrasada e ele me colocou num grupo que só tinha 03 rapazes, quando sentei, todos levantaram.

Durante minha graduação fiz parte do Diretório Acadêmico, espaço que muitas vezes extravasava essa situação. Ajudei a organizar encontros nacionais, participava de greves de alunxs e professorxs, acampava dentro da reitoria, sempre que algum direito estava sendo ameaçado. No último ano de graduação em 1999, organizamos uma festa para arrecadar dinheiro para o DA, fechei na época um espaço GLS<sup>8</sup>, que se chamava Frisson, ganhei todo o material de divulgação, e ganharia uma porcentagem da entrada que seria revertida para o diretório.

---

<sup>8</sup> GLS é o acrônimo de gays, lésbicas e simpatizantes. A expressão é ou foi frequentemente usada no Brasil para definir espaços, produtos, serviços e locais destinados ao público homossexual, como por exemplo, um bar ou "boate GLS".



Distribuímos todo o material durante a semana e colamos os cartazes em toda universidade, no dia seguinte quando cheguei encontrei todo material rasgado, fui ameaçada por uma dupla da minha turma, disseram que não permitiriam que eu vinculasse a imagem da Geografia ao mundo GLS, mas enfrentei, mesmo sabendo que poderia levar uma bela de uma surra, a festa foi um sucesso, e arrecadamos verba suficiente para manter o DA durante certo período, até que me tiraram da chapa.

Entre para a profissão como designada em 2000 e voltei para o armário, cortei o cabelo, comprei roupas dois números maior que o meu, era mais fácil se assumir como gay, sempre tinha alguém que tinha um amigo gay, sempre escutava: “gays são engraçados”, “eu confio no meu melhor amigo gay”, “meu cabelereiro é gay”. No final do ano eu montava, naquelas festas de confraternização, era o único momento em que me sentia “eu mesma”.

Posso dizer que no início fui insegura em relação a minha identidade, o medo era maior que a vontade de ser o que eu era, medo que me deixava infeliz, insegura, noites sem dormir, medo de ser apontada, julgada, excluída. Em meados de 2004 retomei a minha transição, já era apontada como uma boa profissional, época de designação tinha diretor que brigava para me ter na escola.

Entre os anos de 2007 a 2009 foi o ápice da minha transição, os hormônios exalavam pelos meus poros, ingeria altas doses de Diane 35 e perlutan, finasterida, androcur, cabelo na cintura, o rosto todo queimado de laser e por fim o silicone, a troca de guarda-roupas, o salto alto, sai de férias e avisei, volto como Sayonara.

A Sayonara já era conhecida de muitxs, das noites, das baladas, das redes sociais, Orkut e MSN, mas no espaço escolar não. Voltei das férias, maquiagem no rosto, porque a disforia sempre me massacrava, salto alto, cabelos grandes e vermelhos, e muitos vestidos, um diferente para cada dia. Foi um frisson na cidade, matéria de televisão e jornais, visibilidade positiva, mas sempre tem aquela professora “dotôra” pesquisadora da universidade local, para apontar, que se dei certo, é porque esperei o estágio probatório, é porque transitei na sala de aula, como se pessoas cisgêneras tivessem a autoridade de determinar o que é certo ou errado na vida de nós pessoas transgêneras.

Mas gente “metida a besta” foi o que mais encontrei após o meu processo de transição definitivo. Agora entro nas transfobias vividas, mas por uma questão de ética sem citar os nomes das escolas e seus respectivxs gestorxs, especialistas e professorxs. No começo foi difícil à questão do nome, xs professorxs eram resistentes em me chamar pelo nome social, insistiam em me chamar pelo nome de RG, diziam que meu nome era difícil de pronunciar, me tratavam pelo artigo masculino, arrumavam milhares de desculpas, se desculpavam, até que comecei a ignorar, não respondia mais a quem me chamasse pelo nome de “ocó<sup>9</sup>”.

Sempre atuei com dois cargos, no primeiro cargo, na época da transição, fiquei excedente e fui para uma escola recém-inaugurada, num bairro novo, fui bem acolhida, principalmente pelxs alunxs e comunidade em geral. Houve alguns problemas administrativos na escola e a equipe gestora foi exonerada, recebemos interventores na escola até ser resolvida a situação, no total três inspetores, para fazer uma nova indicação, a comunidade me aclamou para ser a nova diretora, e assim começou a caça as bruxas.

---

<sup>9</sup> Gíria gay para designar homens.

Um dos inspetores começou a inventar que eu levava os diários escolares para casa, que é um documento da escola, conhecendo de leis como conheço, jamais faria isso, me intimou na sala dele, me chamou de Sr. Oco, corrigi ele, me chamou de “Dona”, enfrentei, coloquei-o no lugar dele, a situação piorou, como ficava de um turno para o outro, começaram a medir a quantidade de alimentos que sobrava do recreio nas panelas com fita métrica, para ver se eu estava almoçando o lanche da escola, queriam me processar por peculato. Não adiantou, pois levava marmita para a escola, ou fazia minhas refeições de frente, numa lanchonete, onde pagava mensalmente o que consumia lá.

De caso pensado, xs inspetorxs juntamente com a Superintendente de Ensino da época, e mais um aluno, inventaram uma denúncia que eu assediava os alunos sexualmente na escola, daí eu já estava fora do processo eleitoral da escola, meu mundo caiu, tive um início de vitiligo, meu companheiro na época saiu de casa, e uma depressão fortíssima. Acionei advogados e a imprensa, os pais e alunxs ficaram do meu lado, não conseguiram comprovar nada. Para evitar um escândalo, na mídia, me ofereceram a remoção do cargo para outra escola, a que eu quisesse, ou mesmo o cargo de direção. Não suportei tanta dor, pedi remoção.

Nesta outra escola que cheguei, fiquei até 2015, no início a diretora (que achava a escola uma extensão do quintal da casa dela), criou obstáculos com minha chegada, mas elas têm suas armas, todas têm, “picou” todo o horário em 03 turnos para ver se batia com o da outra escola, tinha dia que ia para dar 02 horários de manhã, 04 a tarde e os dois últimos a noite, era obrigada a ficar na escola o dia todo. Quase todos os sábados arrumava um evento. Um dia precisei sair mais cedo para dar uma coletiva de imprensa, deixei material para xs alunxs não perderem matéria, informei a supervisora, e disse que retornaria, quando passo na porta da sala dela escuto a diretora dizer: “vai deixar a sala sozinha para resolver problemas de viado”.

Era uma pessoa má, criava situações, jogando os colegas uns contra os outros, criava conflitos entre alunxs, professorxs e pais, e adorava dizer que não tínhamos postura, mas tirava a secretária de seu trabalho para fazer serviço de manicure para ela dentro da escola, ou seja, desvio de função, quando não entupia a escola com a família e os cachorros. Tive um problema nessa mesma instituição com a inspetora, vivia me desrespeitando em relação a minha de identidade de gênero, o caso chegou a Belo Horizonte, e o conflito deu a edição de uma resolução em Minas Gerais, no ano de 2011, pelo então Governado Antônio Anastasia, onde funcionários da administração pública travestis e transexuais tinham que ter o nome social respeitado.

Me incomodava também o tratamento que xs alunxs LGBTs tinham nesta escola, por várias vezes presenciei a equipe gestora desta instituição intimar pais, porque o filho era afeminado, ou a filha tinha comportamento masculino. Várias vezes ouvi pais gritarem com esta diretora e ela justificar que não tinha preconceito, pois tinha uma professora trans na escola. Recordo-me de um casal de adolescentes gays que andavam de mãos dadas na escola como casais heterossexuais também andam, chamaram a família dos dois, ambos mudaram de escola, fico pensando se fosse um pai mais autoritário, o desfecho trágico que um procedimento de pessoas mal preparadas para ocupar um cargo de gestor público poderia gerar. A tarde tinha uma aluna adolescente trans, em transição, a vice-diretora fazia ela lavar o rosto todos os dias para retirar a maquiagem ou não entrava na escola, e quando

havia alguma reclamação sempre diziam que não tinham preconceito, pois na escola tinha uma professora transexual.

Esta diretora, nem um pouco democrática, gerava situações complexas, e muitas vezes envolvia meu nome, além de me dar notas baixas na avaliação de desempenho. Passava o dia todo, vasculhando minhas redes sociais, uma das secretárias me ligava quase todos os dias, me avisando, eu já chegava aparelhada para enfrentá-la. No ano de 2015, foi meu último ano, comecei a ficar faltosa, vivia de licença-saúde, pedi o desligamento desta instituição, eram situações insuportáveis, que geravam perseguições e calúnias em relação a minha pessoa.

Ao meio de tantas perseguições, no segundo cargo, também sofri um processo semelhante, sabe aquela escola do coração, que te aceitou super bem, de repente o gestor torna-se seu inimigo, ciúmes, medo de eu me candidatar à direção da escola, uma orientação sexual mal definida. Fui agredida verbalmente pelo professor de Matemática nesta instituição na frente dos meus colegas, na sala dos professores durante uma reunião, e me transformaram na vilã, foi um ano de perseguição intensa, tinha “alunxs olheiros” que vigiavam minhas aulas contratados pelo diretor, reclamações por usar o banheiro feminino, aliás, como sou hipertensa e tomo medicação para controle da pressão pelas manhãs, minhas idas constantes aos banheiros eram computadas e descontadas no final da semana como 1 hora falta. Fui até o final do ano, como viram que eu não desistia, diminuíram as turmas, fiquei excedente, migrei para outra escola.

Em 2012 chego a Escola Estadual Mário Porto, no bairro Canaã, demorava 40 minutos de ônibus para chegar lá, fiquei até 2016, instituição que estreitei laços, amigos que trago até hoje, foram quatro anos de um namoro que trago lembranças, de tão bem cuidada e acolhida que fui, sentia que tratavam das cicatrizes da minha alma. Mas me afastei a um ano da sala de aula, todo esse processo que passei acentuou com a partida da minha mãe, e entrei em depressão, minha disforia acentuou, síndrome do pânico.

Hoje estou me recuperando, estudando, me dedicando a pesquisas, tentar um novo concurso público, na minha área, professora de Geografia, na sala de aula minha presença desconstrói o gênero todos os dias, meu corpo fala por si só e é um ato político, portanto, posso formar pessoas livres de preconceito. E é um trabalho valioso porque transforma os outros e nos transforma, podemos tornar as pessoas bem melhores e o mais importante é que não fabricamos produtos, mas desencadeamos processos. Ser professor é compartilhar conhecimentos, propagar informação, fazer o outro crescer, mostrar caminhos, dar as mãos, se aproximar e compreender o outro como seu igual.





Minha infância

Diários escolares com o nome social



Bilhetes que recebia diariamente dos alunos



Pelúcias presentadas pelxs alunxs que guardo até hoje

O bater das asas de uma borboleta num extremo do globo terrestre, pode provocar uma tormenta no outro extremo no espaço de tempo de **semanas**. - Teoria do Caos - Edward Lorenz



## **Memorial (Trans)Narrativo: Memórias e experiências de uma criança Trans no início do seu processo de escolarização**

Andreia Lais Cantelli  
Professora de História e mestranda.

Relatar a própria vida em um texto, que aqui será chamado de Memorial (trans)narrativo não tem como ser uma atividade fácil, pois lembrar esperanças, vivências e trajetórias de uma pessoa travesti nem sempre as alegrias aparecerão na descrição, mas só eu, Andreia Lais Cantelli, posso escrever todo o caminho por mim construído e experimentado de diferentes ângulos, inclusive aqueles ângulos que, hoje, me deram a capacidade de debochar, apenas com movimentos corpóreos e palavras que solto ao ar, em discursos formais e no meu cotidiano, bem como de estranhar, com minha presença, que costumo chamar de pedagógica. Aciono a noção de deboche aos moldes de Divine, que brilhou, questionou e praticou o deboche tão bem ao longo de sua trajetória como Drag Queen, em especial - para mim - no Filme Pink Flamingos, o que me encanta.

Diante disso, as práticas de deboches por mim personalizadas, que questionaram e ainda questionam a normatividade proposta pela cisheteronormatividade heterossexualidade compulsória, me colocam agora a necessidade de descrever e intercalar toda minha experiência como uma pessoa travesti, experiência trans com as experiências teóricas desenvolvidas por Foucault em torno da noção de “dispositivo da sexualidade”, com as noções teóricas propostas por Judith Butler e Paul B. Preciado, bem como outras importantes referências teóricas advindas dos estudos queer.

Diante de tantas possibilidades de escrita, penso que posso narrar e escrever esse texto, a partir daquilo que vou tentar chamar de Memorial (Trans)Narrativo, pois obviamente está sendo escrito, descrito e narrado por uma pessoa travesti que, por questões políticas, culturais, acadêmicas, sociais, históricas e pessoais, prefere narrar-se e expor-se como uma pessoa travesti, daquelas que sacode o peito, bate na genitália e, se necessário, for, corta a própria carne com a lendária navalha que as travestis carregam entre os lábios, com muito orgulho de ser quem eu sou. Muito prazer, Andreia Lais Cantelli, professora, mestranda, ativista, mulher e, sim, travesti.

Andreia é o meu nome. Não sei com precisão relatar se é uma referência ao nome de registro que me foi dado, por meu pai e minha mãe, quando nasci em 28 de janeiro de 1982 e fui registrada no cartório do Portão, na cidade de Curitiba, ou se escolhi “Andreia” por outras razões. De qualquer modo, o que posso afirmar é que me identifico como “Andreia” desde minhas mais ingênuas memórias de criança que, ao crescer, foi se compreendendo como uma pessoa travesti, em meio ao destino traçado para mim pelos meus pais, de ser a criança que cresceria como o grande homem da família. Escapei da proposta paterna e do destino traçado para mim pela vontade alheia. Mesmo sem compreender muito bem quem eu era e como me constituiria, fui traçando meus próprios limites, não como fronteiras, mas

sim como uma criança que, de maneira inesperada pelos familiares, começava a fabricar, mesmo que ingenuamente, uma identidade que escaparia da norma e do destino proposto para uma criança, a partir do esquadramento cisheteronormativo.

Aos cinco anos de idade, em 1987, dei início, claro que por vontade dos meus pais, ao meu processo de escolarização que, naquele momento, era chamado de Jardim I (hoje Educação Infantil), em uma escola estadual de Curitiba, chamada Dom Áttico Euzébio da Rocha, sem saber muito bem o que acontecia e onde eu estava. Começava, então, o meu processo de socialização e de fabricação da identidade travesti, pois foi nessa relação que, mesmo sem compreender, comecei a experimentar minhas primeiras práticas de deboche, ingenuamente questionando a possibilidade da existência de práticas propostas para meninos e para meninas na escola.

Nesse espaço e processo de escolarização, óbvio, era lida como um menino, porém em função de meus primeiros questionamentos e comportamentos, já começava, mesmo nessa época, a ser observada e julgada como um corpo (des)viado e afeminado. Claro que, como toda escola, mesmo uma Ensino Fundamental, existiam normas e regimentos. Uma dessas normas era o uniforme que, naquela época, em se tratando das crianças menores, era um avental, também chamado por algumas pessoas de jaleco. Como vocês podem imaginar, o avental dos meninos era azul e das meninas era rosa com listras brancas.

Lembro-me bem do dia que minha mamãe apareceu com o avental azul e uma bota para dias de chuva - que também era azul e tinha um desenho, que hoje não sei bem ao certo o que era, mas recordo-me que se tratava de algum super-herói da época - logo na primeira semana do início das aulas.

Por alguns dias, não tive muita escolha, fui para a escola com o avental e a bota, ambos azuis, mas não durou muito tempo, pois em um ato de rebeldia, o que hoje eu talvez poderia chamar de empoderamento ou resistência, depois de um churrasco, feito pelo meu papai em um dia de domingo, tive a brilhante ideia de atirar o avental e a botinha na churrasqueira, que ainda queimava em brasas. Solução tomada, durante a semana seguinte não precisei utilizar o uniforme.

Depois dessa brilhante ideia de queimar as indumentárias azuis e alguns berreiros de uma criança (des)viada, minha mamãe, em um ato talvez de amor pelo/a filho/a, compra o tão sonhado – por mim – avental rosa com listras brancas. E lá iria eu pra escola feliz e ingenuamente debochando do currículo oculto de gênero que encaixotava meninos e meninas a partir das cores.

Uma prática não menos importante de fabricação da minha identidade travesti na percepção de uma criança (des)viada, era que, nas sextas-feiras desse ano escolar de 1987, era o dia do brinquedo. E adivinhem o que eu levava? As bonecas que eu roubava das minhas irmãs! Havia uma que era bem especial para mim e, para ela, dei o nome de “Prima Vera”.

Todas essas práticas ingênuas, mas já altamente ameaçadoras para o contexto escolar, começaram a se tornar uma constante, fazendo com que cada dia que passasse eu me percebesse como uma menina, mesmo sabendo que existia toda uma família e uma

comunidade escolar que me reconhecia como menino. Esse perceber-se menina, fez de mim um corpo excluído no mundo e ao crescer fiz do mundo um deboche.





## A LAGARTA E A BORBOLETA (METAMORFOSE)

Era uma vez...

Uma lagarta envergonhada,  
Que pelo chão se rastejava,  
E todo mundo debochava:  
Que lagarta desengonçada,  
Feia e maltratada!  
Ninguém, dela, gostava,  
As pessoas, ela, assustava.

Pobre Dona Lagarta...

Muito triste ficou,  
E sentindo-se desprezada,  
Em um casulo se fechou.

E assim...

Passaram-se os dias,  
Ninguém, a sua falta, sentia,  
Até que em belo cenário,  
Enquanto o sol, a vida, aquecia,  
E a rosa, o jardim, floria,  
Em um galho pendurado,  
O casulo se abria.

E uma linda borboleta,  
De asas bem coloridas,  
O casulo deixou,  
Alegrando nossa vida.

E, todos viram o milagre,  
Que a natureza preparou,  
A feia e envergonhada lagarta,  
Na borboleta se transformou.

Já não era desengonçada,  
Mas, linda e cheia de graça,  
E a todos superou.

Pois, não mais se rastejava,  
Pelo contrário, voava,  
O céu, enfim, conquistou.

Vera Ribeiro Guedes

## ORGANIZADORAS



### **Sayonara Nogueira**

Licenciada em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia.

Especialista em Atendimento Educacional Especializado pelo Instituto Prominas e Coordenação Pedagógica pela Universidade Federal de Uberlândia

Técnica em Políticas Públicas de Gênero e Raça pela Universidade Federal de Minas Gerais

Professora e Consultora Acadêmica

Vice-presidente do Instituto Brasileiro Trans de Educação - IBTE

Contato: [sayonarativ@hotmail.com](mailto:sayonarativ@hotmail.com)



### **Andreia Laís Cantelli**

Professora; Mestranda em Educação; Possui graduação em Estudos Sociais - História; Especialização em Metodologia do Ensino da História; Possui aperfeiçoamento em Gênero e Diversidade na Escola. Trabalhou como docente de História na rede pública de educação do estado do Paraná. É pesquisadora das relações educacionais com sexualidades, travestilidades, transexualidades políticas educacionais LGBTs. Ativista pelos direitos humanos travestis e transexuais. Presidente do Instituto Brasileiro Trans de Educação - IBTE

Contato: [cantelliandrea@gmail.com](mailto:cantelliandrea@gmail.com)